



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL**  
**UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE**

---

**MATHEUS HENRIQUE LEANDRO GARCIA**

**A CULTURA DO CANCELAMENTO NAS REDES SOCIAIS: O  
IDENTITARISMO COMO DISPOSITIVO DISCURSIVO**

---

Campo Grande/MS  
2024

**MATHEUS HENRIQUE LEANDRO GARCIA**

**A cultura do cancelamento nas redes sociais: o identitarismo como dispositivo discursivo**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagem: Língua e Literatura

Linha de Pesquisa: Língua, discurso e sociedade.

Orientadora: Profa. Dra. Aline Saddi Chaves

Campo Grande/MS  
2024

---

G198c Garcia, Matheus Henrique Leandro

A cultura do cancelamento nas redes sociais: o identitarismo como dispositivo discursivo / Matheus Henrique Leandro Garcia. – Campo Grande, MS: UEMS, 2024.  
132 p.

Dissertação (Mestrado) – Letras – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul,  
2024.

Orientadora: Profa. Dra. Aline Saddi Chaves

1. Cultura do cancelamento 2. Identitarimos 3. Lugar de fala I. Chaves, Aline Saddi.  
II. Título

CDD 23. ed. - 303.48

## **MATHEUS HENRIQUE LEANDRO GARCIA**

**A cultura do cancelamento nas redes sociais: o identitarismo como dispositivo discursivo**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Estudos linguísticos: Língua, discurso e sociedade

### **COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Aline Saddi Chaves (Presidente)  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

---

Profa. Dra. Sueli Maria Ramos da Silva  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS

---

Prof. Dr. Neurivaldo Campos Pedroso Júnior  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

---

Profa. Dra. Elisabete Aparecida Marques - Suplente  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS

---

Profa. Dra. Adriana Lúcia Escobar - Suplente  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Campo Grande/MS, 17 de maio de 2024.

*Para toda minha  
família que me encorajou  
durante todo o processo.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus pela saúde e paz proporcionada durante todo esse período de estudos, pois sem isso, eu não seria capaz de dar continuidade a um sonho, como este que está presente em minha mente desde o primeiro ano de graduação, em silêncio, para que não pudesse ser desacreditado por ninguém.

Agradeço a minha orientadora Dra. Aline Saddi Chaves por todo carinho e disciplina durando o tempo de orientação, desde a graduação, em tempos difíceis como a pandemia e no mestrado, estágio de muito trabalho e aprendizado. Como um desafio pessoal, a escolhi como orientadora na graduação por ter ficado encantado com sua didática e profissionalismo, mesmo em uma disciplina distinta da Análise do discurso. Naquele momento, pensei “se eu for aprovado em Língua Portuguesa II, gostaria que essa professora me orientasse”, assim, acreditava que seria um processo árduo, mas de muito crescimento e hoje posso afirmar que tudo isso se tornou realidade e me impulsionou para dar continuidade a um possível curso de doutorado no futuro.

Agradeço à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, cuja existência apenas descobri no ato de escolha de curso da graduação no SISU e que, desde minha entrada até hoje, uma saída temporária, me proporcionou tudo que eu havia sonhado com o ensino superior: aprendizado e encorajamento aos estudos. Com professores dedicados e preparados, servidores cordiais e sempre com o pensamento de ajudar acadêmicos trabalhadores, assim como eu, a não desistirem de seus sonhos, pensamento que hoje levo para a sala de aula enquanto professor.

Ainda, agradeço à UEMS, por me proporcionar a bolsa PIBAP como incentivo aos estudos, impedindo que por algum motivo, financeiro ou pessoal, eu desistisse do curso de mestrado e dessa pesquisa que desenvolvi com muito afinho. O recebimento da bolsa, bem como o estágio de docência que realizei, foram essenciais para a minha permanência.

Aos meus queridos pais, Maria Geni e Fábio, que sempre encararam incrédulos que eu pudesse estar adentrando no ensino superior, pois ambos não tinham conhecimento da existência da universidade pública, universal e gratuita. Mesmo com receio de que eu estivesse sendo enganado, ambos me ajudaram no que foi preciso para ir até à UEMS e realizar a minha matrícula no curso de Letras e lá, pude ouvir do meu pai “Eu trabalhei na construção deste lugar e hoje você vai estudar aqui”. Com muita emoção e determinação, finalizei a graduação e tive forças para seguir o sonho do mestrado. Agradeço aos meus amigos, os quais não citarei nomes, mas que, caso um dia leiam estes agradecimentos, os reconhecerão como parte disto, principalmente ao se lembrarem que nos turnos de trabalhos dividíamos, me ouviam

atentamente comentar sobre o desejo de adentrar no mestrado e desenvolver esta pesquisa, sempre me incentivando e acreditando que isto seria possível.

Agradeço, por fim, à família que construí, minha esposa Sara, que sempre me apoiou e, por muitas vezes, colocou seus objetivos de lado para que eu pudesse cumprir os meus. E minha filha Amaia Garcia, que nos momentos árduos de trabalho como pai, ainda me lembrava da alegria da vida, me fazendo continuar com meu objetivo, para que no futuro, eu pudesse dar a ela, o mesmo exemplo para seguir em frente.

*Se falais muito, palreiro,  
Se falais pouco, sois tardo,  
Se em pé, não tendes assento,  
Preguiçoso, se assentado.*

*E assim não pode viver  
Neste Brasil infestado,  
Segundo o que vos refiro  
Quem não seja reprovado.  
- Gregório de Matos*

GARCIA, M. H. L. *A cultura do cancelamento nas redes sociais: o identitarismo como dispositivo discursivo*. 2024. 132 fl. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2024.

## RESUMO

A cultura do cancelamento emergiu como um fenômeno significativo nas redes sociais contemporâneas, desempenhando um papel crucial na esfera pública e na produção discursiva no espaço digital. Este estudo busca aprofundar a compreensão desse fenômeno, tomado como acontecimento discursivo, analisando os casos de cancelamento da escritora J.K. Rowling, da professora Lilia Schwarcz e da escritora Djamila Ribeiro, ocorridos entre 2019 e 2022, escolhidos como forma de representar a análise feita ao longo do trabalho, na qual visualizamos o cancelamento como um processo violento, que culminou prejuízo pessoal para os três membros escolhidos. Embasado na Análise do Discurso de linha francesa, fundada por Michel Pêcheux na década de 1960 e utilizando conceitos como o de formação discursiva, memória e interdiscurso, o estudo tem como objetivo geral investigar as regras implícitas e os “não ditos” das formações discursivas antagônicas que culminam nessa prática de linchamento público na esfera digital, bem como o seu aparecimento como forma de controle sobre o outro. Além disso, buscamos explorar os dispositivos discursivos subjacentes à cultura do cancelamento, destacando sua interseção com questões identitárias, políticas e históricas. Essa análise se estende desde os fundamentos teóricos da Análise do Discurso Francesa até a investigação dos casos específicos de cancelamento em meio digital, que são analisados em confluência com os estudos de Michel Foucault (1970) sobre as formas de cerceamento do discurso, bem como as formas de vigilância e punição dos sujeitos que fogem a uma expectativa de discurso. A pesquisa é estruturada em quatro capítulos. O primeiro capítulo oferece uma revisão abrangente da literatura sobre a Análise do Discurso Francesa, percorrendo desde sua evolução até seus principais conceitos e desdobramentos, fornecendo assim uma base teórica sólida para a compreensão do objeto de estudo. O segundo capítulo apresenta e problematiza o discurso emergente no meio digital, explorando como ele se organiza nas redes sociais e na web 2.0, utilizando categorias da Análise do Discurso Digital. O terceiro capítulo se concentra na visão de Michel Foucault sobre o discurso, tendo como fundamento as obras "A Ordem do Discurso" e "Vigiar e Punir", a fim de entender as formas de cerceamento discursivo e suas implicações sociais. Por fim, o quarto capítulo apresenta análises detalhadas dos casos de cancelamento de J.K. Rowling, Lilia Schwarcz e Djamila Ribeiro, examinando os discursos envolvidos, as investidas sociais presentes e as dinâmicas discursivas que levaram a esses eventos, sem buscar atribuir culpados, mas compreender os mecanismos envolvidos na cultura do cancelamento. No quarto capítulo, são realizadas as análises do *corpus*, coletado nas redes sociais sobre o acontecimento do cancelamento. As análises nos permitiram tecer como considerações finais que, na contemporaneidade e em tempos em que a linguagem tem sido mediada pela tecnologia, as pautas identitárias sensíveis aos sujeitos são colocadas como pré-requisitos morais na sociedade e, deste modo, o meio digital, em sua materialidade, registra e opera para que sejam encontrados, julgados e condenados, os enunciados que não se assemelhem a esta pauta moral, sendo assim, cancelados.

Palavras-chave: Cultura do cancelamento. Identitarismo. Lugar de fala. Redes sociais. Análise do discurso.

## ABSTRACT

The cancel culture has emerged as a significant phenomenon in contemporary social media, playing a crucial role in public sphere and discursive production in the digital space. This study aims to deepen the understanding of this phenomenon, regarded as a discursive event, by analyzing the cases of cancellation involving the writer J.K. Rowling, the professor Lilia Schwarcz, and the writer Djamila Ribeiro, occurring between 2019 and 2022. Grounded in French Discourse Analysis, the study's general objective is to investigate the implicit rules and 'unsaid' aspects present in antagonistic discursive formations culminating in this practice of public lynching, as well as its emergence as a form of control over others. Additionally, it seeks to explore the discursive devices underlying cancellation culture, highlighting its intersection with identity, political, and historical issues. This analysis extends from the theoretical foundations of French Discourse Analysis to the investigation of specific cases of cancellation in the digital realm, which are analyzed in conjunction with Michel Foucault's studies (1970) on forms of speech restriction, as well as forms of surveillance and punishment of individuals who deviate from speech expectations. The research is structured into four chapters. The first chapter provides a comprehensive review of literature on French Discourse Analysis, ranging from its evolution to its key concepts and developments, thus providing a solid theoretical foundation for understanding the object of study. The second chapter presents and problematizes the emerging discourse in the digital realm, exploring how it organizes itself on social networks and the web 2.0, using categories from Digital Discourse Analysis. The third chapter focuses on Michel Foucault's view on discourse, based on the works "The Order of Discourse" and "Surveillance and Punishment," in order to understand the forms of discursive restriction and their social implications. Lastly, the fourth chapter presents detailed analyses of the cancellation cases involving J.K. Rowling, Djamila Ribeiro, and Lilia Schwarcz, examining the involved discourses, social investments present, and discursive dynamics leading to these events, without seeking to assign blame but to understand the mechanisms involved in cancellation culture. In the fourth chapter, corpus analyses are conducted, collected from social media regarding cancellation events. The analyses allow us to conclude that, in contemporary times when language is mediated by technology, identity issues sensitive to individuals are positioned as moral prerequisites in society, and thus, the digital medium, in its materiality, records and operates to find, judge, and condemn statements that do not align with this moral agenda, thus resulting in their cancelling.

Key-words: Cancel culture. Identity politics. Speech place. Social medias. Discours analisys.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Pesquisa sobre “governo” na internet .....	49
Figura 2 - Pesquisa sobre “governo” na internet II .....	51
Figura 3 - Pesquisa sobre “governo” na internet III .....	52
Figura 4 - Discurso compósito deslinear, ampliado .....	55
Figura 5 - Comentários sobre Noam Chomsky: China x EUA .....	55
Figura 6 - Esferas da comunicação .....	56
Figura 7 - Lilia Schwarcz diz que Beyoncé erra .....	94
Figura 8 - Assassinato covarde de Floyd .....	95
Figura 9 - Beyoncé precisa sair de sua sala de jantar .....	97
Figura 10 - Lilia Schwarcz não entende nada .....	98
Figura 11 - Se eu fosse você estaria com vergonha .....	103
Figura 12 - Nunca confiei nessa Lilia Schwarcz .....	108
Figura 13 - Comparação entre Beyoncé e Lilia Schwarcz .....	109
Figura 14 - Schwarcz é Barbie .....	110
Figura 15 - J.K. Rowling #IStandWithMaya .....	112
Figura 16 - J.K Rowling “people who menstruate” .....	113
Figura 17 - J.K. Rowling é Donald Trump .....	115
Figura 18 - Women are not defined by their periods .....	116
Figura 19 - Roteirista principal transfóbica .....	118
Figura 20 - Artigo de Ribeiro .....	119
Figura 21 - Djamila transfóbica .....	121
Figura 22 - Ela é igual a J.K .....	121
Figura 23 - Perseguição de pessoas trans .....	122

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Síntese das fases da Análise do Discurso.....	30
--	----

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

AD - Análise do Discurso

AAD - Análise Automática do Discurso

ADD - Análise Dialógica do Discurso

ADF- Análise do Discurso Francesa

FD - Formação Discursiva

FI - Formação Ideológica

USP - Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	16
CAPÍTULO 1: A ANÁLISE DO DISCURSO.....	23
1.1 A ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA.....	24
1.2 A ANÁLISE DO DISCURSO: TRÊS ÉPOCAS .....	25
1.3 A PRIMEIRA FASE: A MAQUINARIA DISCURSIVA .....	25
1.4 A SEGUNDA FASE DA ANÁLISE DO DISCURSO: A FORMAÇÃO DISCURSIVA .....	28
1.5 A TERCEIRA FASE DA ANÁLISE DO DISCURSO (AD-3): O INTERDISCURSO ...	31
1.6 CONCEITOS DA ANÁLISE DO DISCURSO .....	36
1.7 O CONCEITO DE DISCURSO .....	36
1.8 O CONCEITO DE FORMAÇÃO DISCURSIVA .....	38
1.9 A MEMÓRIA DISCURSIVA .....	39
1.11 A IDEOLOGIA E A FORMAÇÃO IDEOLÓGICA.....	42
1.12 AS RELAÇÕES DE FORÇA.....	43
1.13 A RESISTÊNCIA E A CONTRA IDENTIFICAÇÃO .....	45
1.14 A ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO .....	48
CAPÍTULO 2: O DISCURSO EM MEIO DIGITAL .....	51
2.1 A ANÁLISE DO DISCURSO DIGITAL .....	51
2.2 OS LUGARES DE ACONTECIMENTO: AS REDES SOCIAIS .....	60
2.3 O TWITTER ( X ) .....	63
2.4 O FACEBOOK.....	66
2.5 O COMENTÁRIO E O ALGORITMO .....	68
2.6 OS GÊNEROS DO DISCURSO NAS REDES SOCIAIS.....	69
CAPÍTULO 3: A COMPOSIÇÃO DO CANCELAMENTO .....	74
3.1 O CANCELAMENTO COMO UMA ORDEM DO DISCURSO.....	77
3.2 O CANCELAMENTO COMO FORMA DE VIGILÂNCIA E O DESEMPENHO.....	84
3.3 O CANCELAMENTO E O TRIBUNAL DA INTERNET: SUPLÍCIO CONTEMPORÂNEO.....	90
3.4 O CANCELAMENTO COMO FORMA DE SILÊNCIO E CENSURA.....	92
3.5 O QUE É, AFINAL, O CANCELAMENTO DO PONTO DE VISTA DO DISCURSO? .....	94

CAPÍTULO 4: ANÁLISE DOS ACONTECIMENTOS DISCURSIVOS .....	96
4.1 O CANCELAMENTO DE LILIA SCHWARCZ: O DISPOSITIVO DO RACISMO .....	96
4.2 LILIA SCHWARCZ NÃO ENTENDE NADA .....	101
4.3 SE EU FOSSE VOCÊ ESTARIA COM VERGONHA .....	105
4.4 O CANCELAMENTO DE J.K. ROWLING: A TRANSFOBIA .....	114
4.5 O CANCELAMENTO DE DJAMILA RIBEIRO: A J.K. ROWLING BRASILEIRA...	125
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	127

## INTRODUÇÃO

As redes sociais podem ser consideradas um campo de acontecimento linguístico, uma vez que sua essência é a circulação da linguagem em meio digital. Mais especificamente do que um campo linguístico, podemos considerar as redes sociais como um campo de acontecimento discursivo (PÊCHEUX, 2002), uma vez que o espaço digital proporciona um espelhamento dos acontecimentos discursivos mediados pela linguagem nas sociedades globalizadas.

Podemos encontrar nas redes, o discurso oficial e o discurso ordinário. O discurso oficial está caracterizado pela mídia tradicional e pelo discurso político institucional. Em contraste com o discurso oficial, o discurso ordinário está principalmente representado nas redes sociais por meio de comentários, *hashtags* e *posts* de internautas, sendo estes um pedestal para a emancipação ordinária, que ganha espaço e poder de circulação de suas ideias no cenário discursivo, que antes era monopolizado pelo discurso oficial da mídia tradicional e o do discurso político.

Neste novo cenário, pode-se notar a presença do discurso ordinário na internet, que abre espaço aos embates de ideias contrastantes, o que se explica pela presença massiva destes sujeitos nas redes. Sobre este embate, podemos considerar a existência de formações discursivas antagônicas, as quais se inscrevem em formações ideológicas provenientes de cada aparelho ideológico do Estado (ALTHUSSER, 1985) refletindo nos sujeitos. As formações ideológicas referem-se ao conjunto de valores que determinam práticas e crenças que, por sua vez, constituem as formações discursivas, isto é, um campo onde há regras do que pode e não pode ser dito. Essas restrições se dão no nível da semântica, tal como bem profere Pêcheux:

Chamaremos, então, *formação discursiva* aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito* (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.). (Pêcheux, 1997, p. 160, grifos do original)

Ao que se interessa pelos embates constantes dos discursos ordinários nas redes sociais, pode-se inferir que estes sejam os embates que envolvem estruturas sociais ou aparelhos ideológicos do Estado, em que a dominância ideológica dos sujeitos causa em cada aspecto comunicativo um aspecto ideológico, pois, conforme Bakhtin/Volochinov

(1992, p. 46), todo signo é ideológico. Partindo disto, este embate em meio digital converge com a ideia de que o discurso está sendo utilizado pelos sujeitos em uma constante luta pela verdade:

Nessa relação interdiscursiva (com outros discursos), quer comentando, parodiando esses discursos, disputa-se a verdade pela palavra numa relação de aliança, de polêmicas ou de oposição. É nesse sentido que se diz que o discurso é uma arena de lutas em que locutores, vozes, falando de posições ideológicas, sociais, culturais diferentes procuram interagir e atuar sobre outros. (BRANDÃO, s/d, p. 5)

O embate discursivo em meio digital culmina, segundo esta hipótese, em um fenômeno que tem se tornado recorrente nas redes sociais: *cultura do cancelamento*, que parte da existência de divergências de opiniões entre internautas a partir de formações discursivas que condenam ou aprovam o que pode/deve e o que não pode/deve ser dito, pois nessas situações de comunicação é impossível que haja ação discursiva nas redes sociais sem que estas expressem as oposições e posições ideológicas dos sujeitos. O conceito de cancelamento aparece no dicionário Michaelis (online) como um ato de cancelar, de tornar algo nulo, sem efeito. Já a utilização recente, nas redes sociais, o cancelamento aparece como forma de cancelar uma pessoa, isto é, cancelar a sua palavra, torná-la sem efeito. Deste modo, o apagamento da palavra do outro, corresponde a um processo de apagamento do próprio sujeito na cena discursiva.

O *cancelamento* seria o termo utilizado para identificar a ação de deslegitimar aquele sujeito que é condenado pelos sujeitos que discordam das ideias enunciadas pelo primeiro, o cancelado. Não se sabe ao certo como iniciou-se a *cultura do cancelamento* no meio digital, contudo podemos identificar um dos acontecimentos discursivos representativos deste fenômeno, a saber, o movimento da *hashtag #MeToo* em 2017, que tinha por objetivo denunciar abusos sexuais, iniciando por figuras públicas, especificamente o produtor de cinema Harvey Weinstein (SILVA, 2023), havendo assim indícios de um acontecimento inicial do cancelamento.

No estudo ora proposto, o objeto de análise está relacionado ao acontecimento da *cultura do cancelamento* nas redes sociais, mais especificamente, aos casos dos cancelamentos da escritora J.K. Rowling, da escritora e filósofa brasileira, Djamilia Ribeiro e da professora e acadêmica Lilia Schwarcz, cancelamentos que ocorreram nas redes sociais entre 2019 e 2021, após a publicação de artigos e/ou *posts* nas redes sociais feitos por ambas.

O cancelamento de J.K. Rowling<sup>1</sup> ocorreu a partir da exposição das opiniões da autora dos livros de *Harry Potter* sobre a questão de gênero, ao proferir *tweets* em apoio à ideia de que há uma diferença entre mulheres trans e mulheres cisgênero, trazendo à tona uma discussão sobre a existência ou não do sexo biológico, hipótese discutida nas redes sociais e no meio acadêmico a que se destina este tipo de discussão. Há uma outra fala da autora ao se referir ao mesmo caso, no qual ela utiliza o termo “pessoas que menstruam” para se referir às mulheres cisgênero, classificadas como tais de acordo com a visão biológica.

Já no caso de Lilia Schwarcz, historiadora e antropóloga da Universidade de São Paulo (USP), o cancelamento ocorreu após a publicação de um artigo pela professora no jornal *Folha de São Paulo*, no qual criticava o filme *Black is king*, da cantora Beyoncé, que aborda temas sobre africanidades e negritude; temas que são objeto de estudo de Schwarcz, constituindo parte de sua produção acadêmica, mas que não foram levados em consideração no ato de seu cancelamento pelos internautas<sup>2</sup>.

O fator que justamente causa o interesse pelo presente objeto de estudo está relacionado ao funcionamento linguístico-discursivo deste acontecimento: o cancelamento de Schwarcz como um enfrentamento de sua credibilidade acadêmica, que é desafiada por questões etnoraciais, que tomam o lugar do discurso e da produção acadêmica de Schwarcz em favor de uma comparação entre quem pode ou não tomar a palavra. Neste caso, Schwarcz não se caracteriza como um sujeito negro, portanto não está autorizada a tomar a palavra, exemplificando este fenômeno digital recente, que tende a utilizar as experiências empíricas dos sujeitos para autorizar o seu uso da palavra.

Este enfrentamento de temas etnoraciais e de gêneros surge como uma expressiva representação do discurso identitário, uma vez que o cancelamento ocorre quando há a deslegitimação de um discurso contrário, não só pela refutação de ideias, mas também por questões identitárias. Lilia Schwarcz é uma pessoa branca e é confrontada por representantes ou não de movimentos negros, não apenas por sua crítica ao filme de Beyoncé, mas também por ser uma mulher branca criticando uma outra mulher negra, deste

---

<sup>1</sup> O cancelamento da escritora britânica J. K. Rowling aconteceu, primeiramente, no ano de 2020, sendo resumido no seguinte link: <<https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/03/25/jk-rowling-cancelada-entenda-polemica-da-autora-de-harry-potter-com-putin.htm>>. Acesso em 12 maio 2022.

<sup>2</sup> O cancelamento de Lilia Schwarcz aconteceu em 2020 após críticas feitas ao filme de Beyoncé, sendo possível visualizar no link: <[Historiadora Lilia Schwarcz é cancelada por críticas a Beyoncé: entenda | Metrôpoles \(metropoles.com\)](https://metropoles.com.br/historiadora-lilia-schwarcz-e-cancelada-por-criticas-a-beyonce-entenda/)>. Acesso em 12 maio 2022.

modo é possível incluir leituras de Ribeiro (2017) sobre o conceito de lugar de fala<sup>3</sup>, conceito utilizado neste tipo de discussão.

Já no caso de J. K. Rowling, o cancelamento ocorre por sujeitos que fazem parte das formações discursivas que reforçam a ideia de que o sexo biológico não é determinante na identidade de gênero das pessoas; em outras palavras, cada pessoa teria o direito de escolher com qual gênero se identifica, mesmo que o sexo biológico seja diferente da orientação de gênero que possa vir a ser escolhida. A opinião contrária da autora com relação ao tema a tornou um alvo para o linchamento público através de um discurso de pautas identitárias.

Além dos casos já mencionados, também trazemos para esta dissertação, o caso do cancelamento da filósofa e escritora Djamilia Ribeiro<sup>4</sup>, que foi cancelada em 2022 após publicar um artigo no Jornal Folha de São Paulo, trazendo um questionamento e uma opinião sobre as mulheres não serem apenas definidas como “pessoas que menstruam”, definição que tem sido adotada para incluir as mulheres trans no termo “mulher”, uma vez que este termo é historicamente carregado pela ideia de mulher cisgênero (que menstrua). Esta situação, portanto, funciona como um deslocamento do signo, que perde o seu significado, para abarcar outros, ao mesmo tempo que se expande para abarcar a ideia de outras mulheres (trans e demais).

Em seu artigo, Ribeiro defende que as mulheres cisgênero não podem ser apenas definidas por sua característica biológica, a menstruação, pois assim perdem justamente o efeito crítico de pensar a mulher na contemporaneidade, como seres completos e empoderados, uma vez que a palavra mulher passa a ser ignorada, a ideia de mulher passa a ser apenas ligada aos órgãos reprodutores que possuem. Logo de imediato – característica do meio digital – a escritora foi criticada nas redes sociais e acusada de ser “transfóbica”.

Em ambos os casos, nos cancelamentos de Schwarcz, Ribeiro e Rowling, o fator determinante para o linchamento público na esfera digital refere-se, justamente, a suas

---

<sup>3</sup> O lugar de fala aparece de forma popularizada no Brasil a partir da obra de Djamilia Ribeiro “O que é: Lugar de fala?”, que se define como um lugar de onde as pessoas pertencem e experienciam, como forma de credibilizar as suas palavras.

<sup>4</sup> Djamilia Ribeiro foi cancelada em 2023, após ser acusada de transfobia, disponível em: <<https://www.em.com.br/app/noticia/diversidade/2022/12/05/noticia-diversidade.1429675/djamilia-ribeiro-e-acusada-de-transfobia-nas-redes-sociais.shtml>>. Acesso em 13 maio 2022.

afirmações, que contrastam com a massa identitária, responsável pelo cancelamento. É no âmbito destes acontecimentos discursivos que o presente estudo se justifica, pois J.K. Rowling e Lilia Schwarcz são personalidades autorizadas a tomar a palavra, trazendo legitimidade para seus discursos. Desse modo, é possível observar que há, não somente as formações discursivas contrastantes, mas também um discurso pautado no identitarismo e nas minorias, que funcionam como dispositivos discursivos no processo de cancelamento.

O conceito de lugar de fala de Ribeiro (2017) será trabalhado nesta pesquisa, uma vez que também pode ser considerado como dispositivo discursivo. Como veremos nas análises das publicações das referidas personalidades, há certa apropriação do lugar de fala pelo sujeito discursivo, justamente por considerar questões que fogem ao campo da crítica realizada por Schwarcz ao filme *Black is King* (2020), mas atingem a própria pessoa que profere o discurso, ou seja, Schwarcz é cancelada por não ter o mesmo lugar de fala que uma pessoa negra e Rowling é cancelada por não ser transgênero ou não estar inteiramente de acordo com aquilo que uma pessoa transgênero enunciaria, ou seja, novamente está presente o lugar de fala, demonstrando um “não dito” que se resume a ‘quem não é, não pode dizer’.

Com base nessas reflexões iniciais, o objetivo geral desta pesquisa é explicar o fenômeno da *cultura do cancelamento*, entendendo-a como um acontecimento discursivo nas redes sociais, onde adquirem uma importância em meios midiáticos da sociedade brasileira, uma vez que a ocorrência da *cultura do cancelamento* implica o cerceamento da liberdade de expressão e o linchamento público virtual de sujeitos a partir de suas ideologias. Os objetivos específicos são analisar os discursos da *cultura do cancelamento* nas redes sociais sobre estes dois acontecimentos discursivos, expondo, em cada um deles, os dispositivos discursivos presentes na cena discursiva para inviabilizar o discurso do outro, o cancelado.

Como indicado, a fundamentação teórica para o estudo do tema é a Análise do discurso de linha francesa, iniciada pelo filósofo francês Michel Pêcheux na década de 1960, enriquecida pelos escritos de autores que, diretamente ou indiretamente, contribuíram para se compreender a relação entre língua e funcionamentos sociais, a exemplo de Foucault (2008; 2009), Maingueneau (2015) e o Círculo de Bakhtin (2020). Esta pesquisa busca entender quais são as regras e os ‘não ditos’ intrínsecos nas formações

discursivas contrastantes que causam a *cultura do cancelamento* nas redes sociais, assim como estudar os dispositivos discursivos intrínsecos na *cultura do cancelamento*, a entender que a *cultura do cancelamento*, além destes dispositivos, possui um discurso próprio que advém de pautas identitárias, políticas e históricas, identificadas, em princípio, ao campo das esquerdas. Nessa discussão, entendendo o cancelamento como linchamento público digital a partir de discursos contrastantes, buscamos explicar estes acontecimentos discursivos enquanto reflexos da globalização, do academicismo e do contexto sociopolítico presente.

Sob este ponto de vista, há de se considerar, primeiramente, o discurso do negro na luta antirracista, uma vez que o mesmo, certamente, tem enfrentado diretamente problemas sociais relacionados ao racismo. Em contrapartida, na obra de Djamila Ribeiro (2017), há também a propositura de que todos tenham lugar de fala, mas que é necessário problematizar esses lugares de acordo com seus privilégios, dos quais gozam, a título de exemplo, mulheres brancas em relação a mulheres negras.

Ainda sobre o conceito de lugar de fala, Djamila Ribeiro realiza um adendo importante para uma análise, como a que se insere na proposta deste trabalho, qual seja a de que não se pode limitar o debate público a partir do lugar de fala, pois deste modo, o conceito funcionaria como um dispositivo para desqualificar o discurso alheio, daqueles que não estão localizados no mesmo pedestal enunciativo para falar de determinados assuntos, ou seja, haveria um cerceamento no debate público ao desconsiderar o discurso daquele que não é, passa e passou pelas mesmas situações do enunciador primeiro, aquele que goza do lugar de fala.

Esta dissertação se organiza em quatro capítulos, sendo eles o capítulo 1, que está organizado e escrito como revisão de literatura sobre a Análise do Discurso Francesa (ADF), percorrendo desde a evolução desta disciplina em três épocas, proposta por Michel Pêcheux, assim como seus principais conceitos e desdobramentos, em particular na Análise Dialógica do Discurso (ADD), de modo a fornecer subsídios teóricos e analíticos para tratar o objeto de pesquisa.

O segundo capítulo apresenta e problematiza o discurso produzido e posto em circulação em meio digital, emergido com as redes sociais e a web 2.0, com o auxílio de categorias da Análise do Discurso Digital proposta por Marie-Anne Paveau (2021) para analisar como o discurso se organiza na esfera digital, que é o espaço onde ocorrem os

*cancelamentos* e, por conseguinte, o linchamento público digital, que acontece nas redes sociais, a partir de postagens e comentários realizados pelos usuários, buscando intimidar a descredibilizar um outro sujeito.

O terceiro capítulo apresenta a visão de Michel Foucault sobre o discurso, em que são utilizadas as obras *A ordem do discurso* (1970) e *Vigiar e punir* (1975). Na obra *A ordem do discurso*, obtemos conceitos importantes para tratar sobre as formas de cerceamento do discurso e suas implicações sociais. Já na obra *Vigiar e punir*, obtemos a noção da vigilância e da punição proposta por Foucault sobre o sistema prisional, que se assemelha ao acontecimento do cancelamento como forma de punição no meio digital.

No quarto capítulo são apresentadas as análises dos casos de cancelamento obtidos no meio digital, sendo eles: o caso de cancelamento da escritora J.K. Rowling no ano de 2020; o cancelamento da professora da Universidade de São Paulo, Lilia Schwarcz, em 2021; e o cancelamento da escritora Djamila Ribeiro no ano de 2022. As análises não buscam apontar certos ou culpados nas situações de cancelamento, ou defender uma hipótese de certo ou errado nas condições de produção dos casos de cancelamento, senão apresentar como estes acontecimentos discursivos acontecem e quais são as investidas sociais presentes em cada um.

## CAPÍTULO 1: A ANÁLISE DO DISCURSO

Neste capítulo, apresentamos o arcabouço teórico da Análise do Discurso Francesa, doravante, (ADF), que sustenta cientificamente esta pesquisa. A partir da ADF, serão trabalhados conceitos teóricos que embasam as análises de efeitos de sentidos sobre a *cultura do cancelamento*, que aparece como acontecimento discursivo nas redes sociais, carrega alguns precursores como dispositivos discursivos, isto é, articulações que embasam os dizeres à procura de sentido ao próprio sentido histórico de enunciados.

Deste modo, inicialmente, será evidenciado o histórico e evolução da ADF, expondo seu desenvolvimento no contexto teórico dominado pela Linguística Saussuriana e a proposta de inaugurar uma teoria do discurso, sendo esse conceito uma unidade superior que deve ser analisado a partir de suas condições de produção e dos sentidos históricos dos enunciados. A partir desta contextualização, serão explicitadas as três fases evolutivas da ADF até os dias atuais, modo pelo qual são realizadas as análises nesta pesquisa.

A partir da proposição dos sentidos históricos, são utilizados os conceitos de Formação ideológica (FI) e Formação Discursiva (FD) para introduzir os enunciados analisados em seu diálogo com a sociedade, isto é, as condições de produção para as formulações discursivas. A partir dessa noção de condições de produção do discurso, investigamos também as formas do discurso a partir das ideologias sociais, representando o conjunto de crenças de cada sujeito. Para essa noção, cita-se Althusser (1985) sobre os Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE) e os Aparelhos Repressores do Estado (ARE).

Conceitos importantes da ADF para a pesquisa também são o de “interdiscurso”, que revela a presença de outros discursos dentro de outros com o “intradiscurso”, que representa aquilo que está sendo dito. A memória discursiva aparece como mecanismo para explorar o discurso através da história.

Ademais, serão utilizadas as contribuições do Círculo de Bakhtin e seus conceitos sobre o funcionamento da linguagem, prioritariamente, o conceito de dialogismo, a entender que o funcionamento da linguagem real e, em meio digital, acontece a partir de enunciados e das relações desses enunciados com outros. Os efeitos de sentidos materializados nas redes sociais acontecem no âmago do dialogismo e da interação verbal, proposituras realizadas pelo Círculo e que fazem importante para entender a Análise do Discurso de uma forma não estruturalista. Para este caso, também utilizaremos o conceito de Análise Dialógica do Discurso (BRAIT, 2006).

## 1.1 A ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA

A Análise do Discurso de linha francesa surgiu na década de 1960 e foi proposta pelo filósofo francês Michel Pêcheux, que buscava uma compreensão de enunciados de forma diferente da linguística clássica saussuriana, dita estruturalista, que estrutura a língua, desde sua realização fonética até sua organização sintática, contudo, não considera uma categoria social, como o discurso, como parte da língua. Entende-se que o objetivo de Pêcheux a partir de suas primárias formulações era pensar uma ciência das ideologias, levando em consideração a interpelação do sujeito pela ideologia, sendo a língua um reflexo deste mecanismo de interpelação.

Para a evolução do pensamento da Análise do Discurso como uma disciplina, foi necessário levar em consideração a contribuição de outras disciplinas, a fim de conceber o discurso. As disciplinas atribuídas a uma formação da ADF são a própria Linguística, além da História e a Psicanálise. Essas três disciplinas passaram a representar este campo de formulação da ADF como fatores extralinguísticos que corroboram justamente para ir além da língua nas considerações de Pêcheux sobre o discurso.

A Linguística aparece como a base para a interpretação, isto é, o dizer é escrito, é formulado sinteticamente, fonologicamente e semanticamente, sendo campos estritamente da Linguística proposta por Ferdinand Saussure na obra *Curso de Linguística Geral* (2006), que inova estruturando o signo linguístico por sua composição de significado e significante, bem como sua arbitrariedade. A Linguística, deste modo, aparece como fundadora no estudo da língua e se credibiliza enquanto ciência. A ADF parte da Linguística para procurar nas ideologias sociais a sua materialização, isto é, o texto escrito passa a ser considerado uma produção discursiva, e é por este motivo que a própria análise discursiva parte da Linguística para uma abertura histórica e ideológica nos meios de produção em que foram produzidos. Para a Análise do Discurso Francesa, a língua funciona como uma possibilidade para o discurso.

Para Eni Orlandi (2012, p. 16), o objetivo da Análise do Discurso é compreender a língua como um acontecimento, não apenas pela sua estrutura abstrata, considerando que a língua em uso traz consigo o seu principal objetivo de comunicação: fazer sentido. O sentido na língua é que denuncia a sua historicidade, rompendo com qualquer barreira de análise estrutural apenas, conforme a autora.

A História compõe a ADF como forma de interpelar historicamente os enunciados advindos da Linguística nesse jogo de filiações teóricas. Para a ADF, a forma de considerar a

Língua não é abstrata, mas sim histórica, pois só assim o sentido dos enunciados em um discurso faz real sentido: “[...] na perspectiva discursiva, a linguagem é linguagem porque faz sentido. E a linguagem só faz sentido porque se inscreve na história.” (ORLANDI, 2012, p. 25).

A Psicanálise aparece nesse quadro de filiações teóricas da ADF com a contribuição freudiana do sujeito inconsciente, isto é, com a ideia de que o sujeito não é senhor de si mesmo. Na Psicanálise, este conceito é utilizado justamente para apontar a não consciência naquilo que o sujeito acredita ter formulado de forma consciente, mas que existem aspectos pré-conscientes e inconscientes que controlam o sujeito mais do que sua própria consciência. Na ADF, isto aparece justamente para dissociar o sujeito físico, pessoa, do sujeito psicanalítico, aquele que funciona pelo inconsciente, que enuncia pelo inconsciente e pela(s) ideologia(s) que o interpela(m).

Por fim, pode-se dizer que o objetivo da Análise do Discurso Francesa é analisar os discursos, a partir de suas filiações teóricas, considerando o discurso como a palavra em movimento (ORLANDI, 2012, p. 13) de uma forma daquilo que não é ou não faz; não trata a língua de forma abstrata (Linguística), interpela o sujeito pela História e se utiliza do conceito de sujeito inconsciente da Psicanálise para se ater a um sujeito ideológico e não a um sujeito palpável/físico.

## **1.2 A ANÁLISE DO DISCURSO: TRÊS ÉPOCAS**

Podemos indicar que a Análise do Discurso Francesa possui três épocas de desenvolvimento robusto como disciplina e assim está indicada no próprio texto de Michel Pêcheux “A Análise do discurso: Três épocas”, de 1983, no qual o autor disserta sobre o desenvolvimento histórico e metodológico da disciplina, explicitando seus procedimentos, conforme podemos ver a seguir.

## **1.3 A PRIMEIRA FASE: A MAQUINARIA DISCURSIVA**

A primeira fase da Análise do Discurso Francesa é conceituada por Michel Pêcheux (1983, p. 311) como a “Maquinaria discursiva”, uma vez que este nome advém da consideração de que a disciplina atuava analisando e armazenando discursos de sujeitos que seguiam a mesma linearidade, ou seja, produzindo discursos fechados em si mesmos, compreendendo que a produção discursiva se dava através de tal linearidade.

A ideia de maquinaria discursiva está embasada na proposição de que o sujeito do discurso faz parte de uma estrutura que rege as suas formulações discursivas, em outras palavras, o sujeito do discurso está arraigado a uma estrutura que determina sua produção discursiva, iludindo o sujeito, ao ponto de haver a consideração, por parte dele, de que ele cria o seu próprio discurso de forma livre e não que responda a uma estrutura discursiva homogênea, sendo que esta formulação de Pêcheux (1983, p. 312) aparece enfatizando o termo “traços” para explicar que estes traços são ganchos da sequência discursiva que se materializam na máquina discursiva na qual partem esses discursos homogêneos.

Para ilustrar tais ideias, Mussalim (2004) indica que um exemplo de discurso que corresponderia à maquinaria discursiva, seria o Manifesto do Partido Comunista. No texto “Análise do Discurso”, Mussalim cita, por exemplo, os casos dos discursos políticos teórico-doutrinários, como um manifesto do Partido Comunista, por serem estabilizados. Neste sentido, essa estabilização estaria ligada a condições de produção mais homogêneas, contando com posições ideológicas e sociais menos conflitantes, em que os sujeitos pensam da mesma forma, ocupando o mesmo espaço discursivo. Um debate, por exemplo, não seria objeto da Primeira época da Análise do Discurso (AD-1), por apresentar posições distintas discursivas, sendo não estáveis e fechadas em si mesmo:

Têm-se, então, a noção de “máquina discursiva”: a estrutura (condições de produção estáveis) responsável pela geração de um processo discursivo (o processo de construção do manifesto comunista, por exemplo) a partir de um conjunto de argumentos e de operadores responsáveis pela construção de transformação das proposições, concebidas como princípios semânticos que definem, delimitam um discurso (o comunista, para tomá-lo como exemplo). (MUSSALIM, 2004, p. 118)

A partir disso, também é necessário colocar em questão o tipo de corpus que rege a AD-1, sendo ele, um corpus doutrinário fechado em si mesmo, não abrindo espaço para posições discursivas conflitantes. A ideia de corpus teórico-doutrinário está ligada ao fato de que, assim, a produção discursiva de um partido político ou um manifesto de um grupo seriam produções realizadas para atenderem ao próprio teor discursivo: enunciar para si, sobre si.

A ideia de que um debate político pudesse ser objeto de análise da ADF é considerada inconcebível, uma vez que nesta fase o interesse da disciplina estava voltado para a análise de textos pouco polêmicos e que denotavam a linearidade discursiva, sendo assim, não são discursos abertos para a enunciação do outro, sendo concebido em si mesmos (MUSSALIM, 2004, p. 117).

A noção de maquinaria discursiva emerge na ADF a partir dos postulados teóricos de

Pêcheux na obra *Análise Automática do Discurso* (AAD-69), publicada no Brasil em 1997. No texto, Michel Pêcheux tece suas considerações sobre a Linguística saussuriana estruturalista que estava em voga na década de 1960. O principal interesse aparente de Pêcheux com as críticas que direciona à Linguística estruturalista é a de que ela propõe uma noção de língua fechada e homogênea, ou seja, está fechada em sua teoria como um sistema e exclui a questão da prática da situação, que o autor chama de “função de exprimir sentido”, como explicado a seguir:

Portanto, para Pêcheux, a língua não possui apenas uma função estrutural, partindo da formação do som até sua significação contextual, mas também é lugar da materialização das ideologias e escolhas que os sujeitos tomam para mediar sua realidade, convencer ao outro, como na esfera política e no marketing, bem como defender um ponto de vista e se organizar com outros sujeitos, como em um partido político ou em um movimento ativista. A ideia, então, de Pêcheux, é mostrar que a língua avança além da estrutura do signo, ela dá lugar ao discurso. (PÊCHEUX, 1997, p. 62)

Para Pêcheux, a consideração da língua como um sistema, tal como proposta no *Curso de Linguística Geral*, ignora uma parte primordial do real funcionamento da língua, que seria a própria linguagem, no caso de que o estudo proposto na obra de Saussure era feito com base no contexto escolar, no qual questionamentos sobre o que significava o texto ou qual era o conteúdo do texto era feito, ou seja, havia apenas uma consideração da sintaxe e da semântica para realizar tais estudos. O que Pêcheux está propondo no texto é algo além disto, é uma abertura nos estudos da língua e, no caso, da linguagem, que vá ao encontro da teoria do discurso, que ele proporá.

Na problemática estruturalista, Pêcheux (1997, p. 70) entende que a fala é excluída do estudo da língua, tal como exclui as instituições “não semiológicas” para fora do sistema linguístico, isto é, o que não corrobora com a noção de signo linguístico na estrutura, portanto não é considerado como parte do estudo da língua.

A partir da consideração de atos de fala advinda da filosofia da linguagem, Pêcheux (1977, p. 71) cita Ullman (1952, p. 16), que discorre sobre a língua ser composta por atos de fala, sendo autonomia da faculdade da linguagem, colocando a língua e a fala como situações independentes, mas que a língua se concretiza na e pela fala, mas que a fala tem uma atuação individual, ou seja, não compõe a conceituação social da língua, mas sim individual. Partindo disto, o autor apoia sua ideia de que a fala denota um sujeito marcada pela *subjetividade em ato* que seria um conceito filosófico de sujeito livre, sendo avesso ao sistema saussuriano, pois somente assim o sujeito livre poderia chegar a produzir o discurso que existe e é praticada

(PÊCHEUX, 1997, p. 71-72).

Voltando à AAD-69, uma das características deste momento teórico é que a concepção de sujeito discursivo estava presa justamente à maquinaria discursiva, isto é, o sujeito falante livre como um sujeito da linguagem, produz discurso, mas este mesmo sujeito capaz de utilizar da linguagem para enunciar discursos estava preso a uma estrutura discursiva que o interpela, assim sendo um sujeito assujeitado, este sujeito responde a uma estrutura que contém uma linearidade. Conforme explica Mussalim (2004), tal linearidade define a máquina discursiva de Pêcheux:

Para a AD-1, cada processo discursivo é gerado por uma máquina discursiva. Assim, diferentes processos discursivos (o processo de construção do manifesto comunista e o processo de construção do manifesto liberar, por exemplo) referem-se a diferentes máquinas discursivas, cada uma delas idêntica a si mesma e fechada sobre si mesma (Pêcheux, 1983/1990). (MUSSALIM, 2004, p. 118)

A partir deste estado de considerações teóricas, pode-se verificar que, para Pêcheux, o campo da Linguística é improdutivo para analisar além do que é proposto pela linguística saussuriana, no qual o autor propõe uma “mudança de terreno” em que seja possível utilizar conceitos exteriores à teoria linguística da época (PÊCHEUX, 1997, p.71-72), assim o autor segue com a ideia da presença do conceito de “condições de produção” que emerge para a Análise do Discurso como a exata forma de utilizar o exterior à língua para analisar um discurso:

Isto supõe que é impossível analisar um discurso como um texto, isto é, como uma sequência linguística fechada sobre si mesma, mas que é necessário referi-lo ao conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido das condições de produção [...]. (PÊCHEUX, 1997, p. 79)

É nessa seara que surge, portanto, a Análise do discurso, buscando evidenciar o lado social que corresponde à língua. Este lugar é onde o sujeito altera a sua realidade, a partir da utilização da língua, com suas estruturas, mas também, com sua ideologia e os efeitos de sentido do discurso.

#### **1.4 A SEGUNDA FASE DA ANÁLISE DO DISCURSO: A FORMAÇÃO DISCURSIVA**

A segunda fase da Análise do Discurso Francesa denota a noção de máquina em crise, uma vez que um dos principais postulados da primeira fase, a noção de máquina fechada em si mesma, que denota linearidade na produção discursiva, começa a ser abalada pela noção de

Formação Discursiva proposta de pelo historiador francês Michel Foucault.

É na obra *A Arqueologia do Saber* que Michel Foucault (2008) trabalha a noção de discurso arraigada a um sistema de enunciados que trabalha o dizível, que provém de uma mesma linearidade, assim:

Foucault (1969), em seu livro *Arqueologia do Saber*, define discurso como um conjunto de enunciados que provém de um mesmo sistema de formação, ou ainda, para especificar melhor, define discurso como sendo constituído por um número limitado de enunciados para os quais se pode definir um conjunto de condições de existência. (MUSSALIM, 2004, p. 119)

Em outras palavras, a noção de Formação Discursiva tomada de Michel Foucault expressa o que pode ou o que deve ser dito de acordo com cada lugar social, sendo assim a FD aparece como forma de controle nas formações de discursos, diferenciando o que faz parte de cada formação, tendo regularidades nos enunciados, e o que não pertence a eles. Portanto, para Foucault, a FD funciona como um sistema de dispersões, a verificar aquilo que foge a este sistema, isto é, discursos que fogem ao limite da representação história dos discursos que compõem a FD. Por outro lado, para Pêcheux, a FD é compreendida de um ponto de vista linguístico, delimitando o que pode e deve ser dito em cada uma das FDs, materializadas em enunciados sendo assim, um campo de restrições semânticas marcadas linguisticamente.

A partir da consideração supracitada, a noção de máquina discursiva fechada proposta na primeira fase da ADF passa a estar abalada, uma vez que a noção de FD denota que os discursos da máquina aparentam contradição entre si, não sendo produzidos por uma máquina, mas sim mantendo determinadas regularidades que catalogam a formação discursiva.

A consideração feita por Pêcheux sobre a formação discursiva pressupõe a existência e utilização do interdiscurso como dispositivo entre as máquinas discursivas, denominação possível a partir da concepção que a máquina discursiva não está mais completamente fechada, mas sim abalada pela concepção daquilo que é exterior:

A noção de interdiscurso é introduzida para designar "o exterior específico" de uma FD enquanto este irrompe nesta FD para constituí-la em lugar de evidência discursiva, submetida à lei da repetição estrutural fechada: o fechamento da maquinaria é pois conservado, ao mesmo tempo em que é concebido então como o resultado paradoxal da irrupção de um "além" exterior e anterior. (PÊCHEUX, 1983, p. 314)

Apesar de apresentar determinada ruptura, a noção de máquina discursiva não desaparece por completo, mas sim passa a ser considerada como um aparato para relações entre máquinas discursivas, uma vez que a noção de unidade da máquina está invadida pela FD. Para

Mussalim (2004, p. 119) Michel Foucault introduz uma dispersão que justamente abala a máquina fechada por conta da relação entre uma máquina discursiva e outra, deste modo o objeto de estudo da segunda fase da AD é justamente analisar as relações entre formações discursivas.

Com o conceito de FD incorporado à disciplina, a homogeneidade discursiva passa a ser considerada um mito, ou ao menos ser desconsiderada em análise. As Formações Discursivas não compreendem homogeneidade, apesar do conceito propor um conjunto de regras de formação para designar aquilo que pertence ou não pertence a determinada formação (MUSSALIM, 2004, p. 119). Contudo, não é possível apenas definir a FD como posições *versus* outras, não com a ideia de centralidade apenas, de concordância, pois a heterogeneidade na FD está nas vírgulas e nos poréns existentes no interior de cada FD, como exemplificamos abaixo.

Havendo, por exemplo, um embate entre sujeitos discursivos que acreditam que o chocolate faz bem à saúde e colocado em discordância, aqueles que acreditam que o chocolate faz mal a saúde, teríamos, pois, duas FDs contrárias umas às outras, contudo não há concordância total em cada uma dessas FDs, pois em seu interior, há visões discordantes sobre a própria concordância, por exemplo: dentre os enunciados da FD que defendem que o chocolate faz bem à saúde, pode haver o porquê da questão, a razão de o chocolate fazer bem à saúde, que irá se diferenciar daquele que acredita que o chocolate é benéfico à saúde por outro motivo. É neste momento que entra a ideia de dispersão na FD proposta por Foucault, denotando a não homogeneidade da FD, confirmando que ela não é uma máquina.

É importante destacar qual é a definição de interdiscurso que surge nesta segunda fase da disciplina. Orlandi (2015, p. 33-34) define o interdiscurso como toda formulação feita e esquecida que determina o que dizemos, sendo necessário o esquecimento para que possamos utilizar as palavras e sentidos como se fossem nossas ou originais para fazer completo o sentido de nossos discursos.

A partir disso, nota-se claramente a adversidade encontrada no ideal de máquina abalada: o interdiscurso responde à FD com a propositura de que toda FD está sendo atravessada por outras. A noção de interdiscurso não aparece apenas como uma marcação verbal no discurso, mas também com a ideia de que o discurso se compreende enquanto tal, apenas por considerar a existência de outros discursos, tal como profere Helena Nagamine Brandão:

Neste sentido, um discurso nunca seria autônomo como ele se remete sempre a outros discursos, suas condições de possibilidades semânticas se concretizam num espaço de trocas, mas jamais enquanto identidade fechada. A noção de FD implica, portanto, sua relação com o interdiscurso [...] (BRANDÃO, 2012, p. 91)

No que se refere ao corpus de análise da ADF nessa segunda fase, pode-se constatar que é abandonada a proposição de análise de discursos mais estabilizados que, coerentemente, constituíram o quadro de análise da AD-1, uma vez que a análise do manifesto de um partido político constataria, justamente, uma produção homogênea, com marcações de ideais que respondem, teoricamente, a uma máquina discursiva. Na AD-2, de acordo com Mussalim (2004, p. 120), o corpus analisado poderia ser um debate político, sendo discursos mais abertos e heterogêneos, agora embasados teoricamente para a análise com a noção de Formação Discursiva e Interdiscurso.

No texto *A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas*, Pêcheux e Fuchs (1975) assinam uma atualização das concepções da primeira fase da AD (AAD-69). Neste texto, os autores trabalham com a ideia de uma AD que não seja tão fechada à sociedade e que considere aspectos presentes no exterior, como a ideologia que interpela o sujeito e como o sujeito é acometido pelo sujeito, mas que não é sua origem, trabalhando a partir daí com a noção de esquecimento, que será um conceito abordado mais à frente.

O conceito de condições de produção também é abordado no texto, uma vez que o que de mais incisivamente é discutido é a atualização da forma homogênea do discurso apreendido pela AAD-69, afirmando que a inscrição do discurso é do campo social aberto, não apenas das terminações linguísticas apenas, estando em meio a processos sociais complexos.

A AAD (Análise Automática do Discurso) permite a identificação de regularidades linguísticas nos discursos, mas não é capaz de explicar o sentido produzido por essas regularidades, que depende das condições de produção e dos processos de interpretação. (PÊCHEUX; FUCHS, 1975, p. 18)

Podemos observar que a AAD-69 buscava apresentar o campo de regularidades discursivas materializadas na língua e, para isso, fundou o conceito de condições de produção, para justificar que o que é dito em um lugar específico, pode não significar do mesmo modo, em outro.

### **1.5 A TERCEIRA FASE DA ANÁLISE DO DISCURSO (AD-3): O INTERDISCURSO**

Na terceira fase da Análise do Discurso (AD-3) há notadamente uma reconsideração sobre os métodos da disciplina. Ainda no texto *Análise do Discurso: três épocas* (1988), de Michel Pêcheux, há a presença desse novo pensamento, que apareceu como necessário a partir

da consideração que a noção de discurso como maquinaria discursiva estava abalada, necessitando de novos pontos de vista para analisar a construção discursiva:

O desenvolvimento atual de numerosas pesquisas sobre os encadeamentos intradiscursivos – “interfrásticos” – permite à AD-3 abordar o estudo da *construção* dos objetos discursivos e dos acontecimentos, e também dos “pontos de vista” e “lugares enunciativos no fio intradiscursivo”. Alguns desenvolvimentos teóricos que abordam a questão da heterogeneidade enunciativa conduzem, ao mesmo tempo, a tematizar, nessa linha, as formas linguísticas-discursivas do discurso do outro [...]. (PÊCHEUX, 1983, p. 316)

O interesse posto por Pêcheux está justamente em encontrar uma nova forma de realizar a análise do discurso após haver o entendimento de que a maquinaria autodeterminada exigia a existência de uma homogeneidade discursiva existente na primeira fase. Os questionamentos, inclusive, buscam uma nova forma de compreender o discurso do outro nessa fase da AD, colocando em questão justamente, a ideia de heterogeneidade.

Para Mussalim (2004, p. 120), a fase da AD-3 passa a trabalhar com a ideia de que a maquinaria discursiva está destruída, pois após o nascimento do conceito de Formação Discursiva na AD-2, a consideração de heterogeneidade passou a existir considerando que não havia, apenas, a existência de FDs que se relacionavam, mas que a própria existência de uma FD já era fator determinante para a existência de outra. Na AD-3, o conceito predominante para conceber suas novas ideias é a de interdiscurso, uma vez que o procedimento do analista passará a ser de visualizar a dispersão no interior dos discursos com relação às FDs que se relacionam. O interdiscurso aparece como o dispositivo para verificar a dispersão. É este conceito que justifica a ideia de (co)existência das FDs, existindo uma em relação a outra, estruturando a identidade das FDs, conforme afirma Mussalim (2004, p. 120):

Será a relação interdiscursiva, portanto, que estruturará a identidade das FDs em questão. Em decorrência dessa nova concepção desse objeto de análise - o interdiscurso - o procedimento de análise por etapas, com ordem fixa, como afirma Pêcheux (1983), explode definitivamente. (MUSSALIM, 2004, p. 120)

A partir disso, é interessante observar a forma como o interdiscurso funciona, isto é, como um viabilizador dos demais discursos, operando, a partir dos *pré-construídos* anteriores ao discurso que se analisa. O interdiscurso é, pois, o conceito mais importante desta fase da ADF, uma vez que rompe definitivamente com a ideia de máquina discursiva e, também, com a ideia de Formação Discursiva na qual há apenas a procura por uma dispersão nestes blocos de FD, como diz Pêcheux:

Todo discurso é atravessado por outros discursos, que ele cita, reproduz, contesta, silencia, etc. Essa pluralidade de discursos que cada discurso contém ou de que é uma forma particular, é o que se poderia chamar de interdiscurso. O interdiscurso não é, portanto, um objeto de análise dado uma vez por todas; ele é construído, na análise, em relação a um dado discurso que se estuda. (PÊCHEUX, 1997, p. 98)

Na ADF, a heterogeneidade discursiva presente a partir do processo interdiscursivo, surge nos trabalhos de Authier-Revuz (1982; 1990), linguista francesa. Neste processo, segundo Brandão (2012, p. 60), a heterogeneidade discursiva trabalha para apontar, textualmente, a presença do outro, entendendo-se que o discurso nunca é homogêneo. A estas formas de identificar o outro, Brandão relata que Authier-Revuz tipologiza algumas formas da heterogeneidade mostrada, marcada (explícita) e implícita.

A primeira forma de heterogeneidade mostrada estaria marcada no discurso relatado: o discurso direto e o discurso indireto. No discurso indireto, aquele que fala, o chamado locutor, utiliza suas próprias palavras para relatar o discurso do outro. Já no discurso direto, o locutor passa a marcar o discurso do outro utilizando recursos linguísticos como as aspas, recortando a palavra do outro e realizando a citação. Para tanto, Brandão (2012, p. 61) denota que os estudos de Authier-Revuz revelam o princípio da natureza da linguagem, que é a sua heterogeneidade constitutiva.

A heterogeneidade discursiva nos interessa por ser constitutiva do discurso, surgindo a partir da noção do dialogismo do Círculo de Bakhtin, no qual Revuz busca inspiração. Na noção de dialogismo, os enunciados sempre estão relacionados com a existência de outros enunciados, ou seja, esta teoria trabalha com a presença constante do Outro no discurso, de forma marcada e mostrada, como mencionado no parágrafo anterior, ou de forma marcada não-mostrada, isto é, constitutiva. O sujeito considera outras formulações para incorporar no seu discurso, valendo-se do discurso do outro imbricado no seu. É a presença do Outro nos discursos que o caracteriza como heterogêneo, não compondo completamente uma unidade apenas, mas recebendo outras vozes para constituir-se.

Recorrendo a este conceito de dialogismo concebido pelo círculo de Bakhtin, Authier-Revuz (1990) indica algumas formas de heterogeneidade mostrada no discurso, formas que se articulam sobre a realidade da heterogeneidade constitutiva de todo discurso. “A heterogeneidade constitutiva, segundo Maingueneau (1997), não é marcada em superfície, mas a AD pode defini-la, formulando hipóteses, a partir do pressuposto da presença constante do

Outro na constituição de uma formação discursiva [...]” (MUSSALIM, 2004, p. 127).

A partir dos estudos das três fases da Análise do Discurso Francesa, Lima (2020) propõe uma tabela que sintetiza as fases, concepções teóricas e concepções de conceitos da ADF. Esta proposta é importante por sintetizar cada uma das fases e autores que se incorporam dentro da disciplina, tal como vemos a seguir:

Tabela 1 - Síntese das fases da Análise do Discurso

1ª FASE - MAQUINARIA DISCURSIVA (1969-1975)

Concepção de discurso	É um procedimento por etapa, com ordem fixa, restrita teórica e metodologicamente a um começo e um fim predeterminados
Concepções teóricas	Condições de Produção Língua x Sujeito x História O discurso é homogêneo Sujeito estrutura/sujeito assujeitado Crítica à teoria saussuriana
<i>Corpus</i>	Textos institucionais, doutrinários e religiosos, em particular os aparelhos ideológicos de poder: polícia, judiciário, família, igreja, mídia, escola, política...

2ª FASE - MAQUINARIA DISCURSIVA (1969-1975)

Filiações teóricas	Saussure – relido por Pêcheux Marx – Relido por Althusser Freud – Relido por Lacan Althusser
Concepção de discurso	A máquina que era fechada passa a ser vista pelo viés das formações discursivas, que podem ser atravessadas por interdiscursos, ou seja, os discursos são constituídos por meio da relação estabelecida com outros discursos.
Concepções teóricas	Formação discursiva; Memória discursiva; Formação ideológica; Relações de poder; O discurso é menos homogêneo; Esquecimentos 1 e 2 (Já dito); Inicia o conceito de enunciado. Sujeito ideológico – histórico e social

---

Interdiscurso nasce na 5ª Fase

---

<i>Corpus</i>	Não há muita alteração no <i>corpus</i> de análises, permanecendo o estudo daqueles de primeira geração. No final desta fase, começam a ser estudados <i>corpus</i> menos homogêneos, como os de publicidade.
Filiações teóricas	Foucault Althusser Pêcheux Lacan

---

3ª FASE - A EXPLOSÃO DA MÁQUINA: PONTOS DE INTERROGAÇÃO  
NOVOS PROCEDIMENTOS (a partir de 1982)

---

Concepção de discurso	Nessa nova concepção, outras epistemologias são agregadas à AD, como é o caso das ideias do Círculo de Bakhtin sobre o dialogismo, ao conceber a linguagem como uma linha ininterrupta de cruzamentos discursivos; Authier-Revuz que demarca a presença do outro no discurso, por meio de sua teoria da heterogeneidade; Maingueneau que amplia a questão de interdiscurso e dos dêiticos, entre outras proposições; Charaudeau e a relação do discurso com a política e a mídia, dentre outros autores.
Concepções teóricas	Discurso marcado pela heterogeneidade e pelo dialogismo
<i>Corpus</i>	A terceira fase explica os desdobramentos contemporâneos da AD, em que há abertura para inúmeros <i>corpora</i> como os de publicidade, mídia, aqueles disponibilizados em meios digitais, entre outros, sem abandono dos anteriores.
Filiações teóricas	Maingueneau Charaudeau Bakhtin Authier-Revuz E os demais autores que têm trabalhado o tema atualmente.

---

Fonte: Lima (2020, p. 33- – 34)

A partir do exposto, podemos considerar os principais conceitos da Análise do Discurso Francesa em decorrência das três principais fases. Os conceitos revisitados na tabela

---

<sup>5</sup>ª FASE - A ESTRUTURA DA MÁQUINA ABALADA (1975-1982).

de Lima (2020), supracitada, compreendem as principais características da disciplina, possibilitando seu estudo e descrição a seguir, como forma de embasamento para a pesquisa e interpretação *da cultura do cancelamento* nas redes sociais.

## **1.6 CONCEITOS DA ANÁLISE DO DISCURSO**

A Análise do Discurso é uma área de estudos que se dedica a investigar a relação entre a linguagem e a história, entendendo o discurso como uma prática social que produz sentidos e efeitos de sentido. Para realizar uma análise criteriosa de fenômenos discursivos, é necessário contar com uma base teórica sólida e com um conjunto de conceitos que permitam compreender as condições de produção dos discursos, bem como os mecanismos que os sustentam e os atravessam. Nesse sentido, este estudo selecionou alguns conceitos fundamentais da Análise do Discurso, que serão utilizados para a análise do acontecimento discursivo da *cultura do cancelamento* nas redes sociais, são eles: o próprio conceito de discurso, o de formação discursiva e ideológica, e a memória discursiva. Algumas outras discussões são apresentadas, na seção de conceitos, porém são seleções de considerações feitas nas obras de Michel Pêcheux, importantes para esta dissertação. São eles: as relações de força, e contra-identificação.

Para possibilitar uma análise proveitosa sobre fenômenos discursivos, selecionamos os conceitos a seguir para permitir, mais adiante, a análise do acontecimento discursivo sobre a *cultura do cancelamento* nas redes sociais, nos casos do cancelamento de J.K. Rowling e Lilia Schwarcz. Dissertamos, a seguir, sobre os conceitos de discurso, formação discursiva, memória discursiva, interdiscurso, ideologia e formação ideológica, bem como apontamentos sobre a relação de forças entre os discursos e a resistência e contra identificação dos sujeitos na materialização discursiva.

## **1.7 O CONCEITO DE DISCURSO**

O princípio da Análise do Discurso é a concepção de discurso, tão ampla e importante para uma percepção da realidade exterior ao plano estruturalista. O discurso, então, se diferencia da língua, uma vez que a língua funciona como um lugar de possibilidade do discurso (ORLANDI, 2009), sendo o discurso algo exterior e maior do que o sistema linguístico proposto por Saussure.

A gênese da Análise do Discurso surge a partir da compreensão do discurso como uma entidade complexa e vital para a percepção da realidade além das estruturas linguísticas. Nesse contexto, o discurso se distingue da língua, sendo esta última vista como um espaço de possibilidade para a manifestação do discurso. Conforme apontado por Orlandi (2009), a língua desempenha um papel fundamental ao fornecer os recursos e as regras que permitem a expressão discursiva. No entanto, o discurso vai além das fronteiras linguísticas, sendo um fenômeno exterior e mais amplo do que o sistema linguístico proposto por Saussure. A Análise do Discurso busca compreender as relações entre a língua e o discurso, explorando os contextos social, histórico e ideológico nos quais as práticas discursivas se manifestam e produzem sentido.

Na obra *Análise automática do discurso* (AAD-69), conforme mencionado anteriormente, Pêcheux (1969) tece críticas ao modelo estruturalista da língua e diferencia sua concepção de língua/fala daquela proposta por Saussure, não excluindo os estudos do linguista suíço, mas trabalhando com a dispersão que o estruturalismo propunha: Pêcheux trabalha com a fala, adentrando na discussão entre *Langue x Parole* presente no *Curso de Linguística Geral*. Para Saussure, a língua é coletiva e o primordial, para Pêcheux, é na individualidade da fala que se constitui o discurso, que não deixa de ser uma prática social, na qual cada um dos sujeitos é interpelado e capaz de produzir seus discursos em relação com a subjetividade.

Em sua concepção, o discurso não é apenas uma sequência de palavras isoladas, mas um fenômeno complexo que envolve relações sociais, históricas e ideológicas. Para Pêcheux, o discurso é uma forma de prática social e discursiva que está imersa em determinadas condições de produção, envolvendo tanto aspectos linguísticos quanto históricos e sociais.

Segundo Pêcheux, o discurso não é apenas um conjunto de enunciados, mas uma forma de manifestação linguística que reflete e reproduz as relações de poder e as ideologias presentes em uma determinada formação social. Ele entende que o discurso é atravessado por contradições e disputas ideológicas, sendo um espaço onde diferentes vozes e posições se encontram e se confrontam.

Para Pêcheux, o discurso não é neutro nem transparente, mas sim construído e condicionado por forças sociais. Pêcheux enfatiza a importância de analisar o discurso em seu contexto de produção, levando em consideração os processos de interação social, as relações de poder e as formações discursivas que moldam e influenciam a produção e a recepção dos enunciados.

Assim, o conceito de discurso para Pêcheux envolve uma abordagem que vai além da estrutura linguística, incorporando as dimensões sociais, históricas e ideológicas. É por meio dessa perspectiva que a Análise do Discurso busca compreender como os discursos constroem e reproduzem sentidos, revelando as relações de poder e os processos de dominação presentes nas práticas discursivas.

Michel Pêcheux define o discurso como efeito de sentidos entre o ponto A e B, diferenciando da atividade de transmissão de informação, mas trabalhando com o “efeito de sentidos” entre estes dois pontos (PÊCHEUX, 1969, p. 82), enfatizando que estes pontos não são posições humanas físicas, mas sim posições ideológicas:

Se o que dissemos antes faz sentido, resulta pois dele que A e B designam lugares determinados na estrutura de uma formação social, lugares dos quais a sociologia pode descrever o feixe de traços objetivos característicos: assim, por exemplo, no interior da esfera da produção econômica, os lugares do "patrão" (diretor, chefe da empresa etc.), do funcionário de repartição, do contramestre, do operário, são marcados por propriedades diferenciais determináveis. (PÊCHEUX, 1969, p. 82)

A partir da citação supracitada, é possível inferir e afirmar que o discurso, certamente, não produz signos apenas, mas reproduz posições dadas por uma interpelação ideológica e um assujeitamento, no qual o produto final é o efeito de sentidos nestas formações sociais.

## **1.8 O CONCEITO DE FORMAÇÃO DISCURSIVA**

O conceito de Formação Discursiva é primordial para entendermos a constituição da Análise do Discurso e, certamente, para analisar o acontecimento discursivo da *cultura do cancelamento* nas redes sociais, portanto seguimos com a conceituação abaixo.

[...] várias formações discursivas interligadas que determinam o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, um sermão, um panfleto, uma exposição, um programa etc.) a partir de uma posição dada numa conjuntura", isto é, numa certa relação de lugares no interior de um aparelho ideológico. (PÊCHEUX, 1975, p. 166)

Essas formações discursivas estão relacionadas a uma posição específica ocupada por um sujeito em uma conjuntura histórica e social. O termo "conjuntura" refere-se ao contexto específico em que os discursos são produzidos, levando em consideração fatores políticos, sociais, econômicos e culturais que influenciam a sua elaboração.

Além disso, a citação menciona que as formações discursivas estão inseridas dentro de um aparelho ideológico de Estado, a partir da teoria de aparelhos ideológicos propostas por

Louis Althusser (1985), que considera estes aparelhos como instituições sociais, como a escola, a Igreja, a política, os meios de comunicação, entre outros, que desempenham um papel na disseminação e reprodução das ideologias dominantes na sociedade. As formações discursivas são moldadas por esses aparelhos ideológicos, refletindo e reproduzindo as relações de poder e os interesses presentes nesses contextos.

Assim, o conceito de formação discursiva de Pêcheux destaca a interconexão entre diferentes formações discursivas, a sua relação com a posição ocupada pelo sujeito em uma conjuntura específica e a influência dos aparelhos ideológicos na produção e circulação dos discursos. Essa abordagem busca compreender como as formações discursivas são permeadas por relações de poder, ideologias e interesses, influenciando a produção de sentidos e a reprodução de determinadas visões de mundo.

### **1.9 A MEMÓRIA DISCURSIVA**

A memória discursiva aparece na AD a partir de uma série de outros conceitos. O texto *Memória e história na/da Análise do Discurso*, de Freda Indursky (2011), trabalha com a ideia de que a memória discursiva funciona a partir da existência de outros conceitos da AD, como *pré-construído*, *já dito* e *esquecimento*.

Um dos conceitos-chave relacionados à memória discursiva é o *pré-construído*. Essa noção refere-se às estruturas mentais e linguísticas preexistentes que moldam nossa compreensão e interpretação dos discursos. Os *pré-construídos* são formas de conhecimento armazenadas em nossa memória, resultantes de experiências passadas, interações sociais e processos de socialização. Eles fornecem um conjunto de referências e marcas culturais que influenciam a forma como interpretamos e produzimos discursos. Além disso, a memória discursiva também está intimamente relacionada ao conceito de *já dito*. Os *já ditos* são elementos linguísticos, enunciados ou discursos que já foram utilizados anteriormente em determinado contexto. Eles são armazenados na memória discursiva e podem ser reativados e mobilizados durante a produção de um novo discurso. Os *já ditos* possuem uma carga semântica e pragmática que influencia a compreensão e interpretação dos enunciados, contribuindo para a construção do sentido.

No entanto, a memória discursiva não se limita à lembrança e ativação de conteúdos pré-existentes. O esquecimento também desempenha um papel importante nesse processo. O esquecimento se refere à impossibilidade de recordar todos os discursos e informações

armazenados na memória. É uma condição necessária para que a memória discursiva possa operar de forma seletiva, destacando certos elementos e descartando outros. O esquecimento permite que novos discursos sejam produzidos e que sejam estabelecidas novas relações e sentidos, tal como propõe Indursky: “O sujeito, ao produzir seu discurso, o realiza sob o regime da repetibilidade, mas o faz afetado pelo esquecimento, na crença de ser origem daquele saber” (INDURSKY, 2011, p. 70 - 71).

A partir disto, também consta priorizar a noção de repetibilidade, que justamente funciona como o artifício para que a memória discursiva seja um conceito mais amplo que uma simples alusão psicológica, mas sim um domínio social, que atua nas sociedades e entre os sujeitos discursivos, fazendo com que repitam discursos anteriores a eles, respondendo a menções pré-construídas e envolvendo-se com posições já ditas, sendo possível, assim, existir um deslizamento de sentidos.

[...] os saberes pré existem ao discurso do sujeito quando ele toma da palavra e formula seu discurso, o faz sob a ilusão de que ele é a fonte de seu dizer e, assim procedendo, ele funciona sob o efeito do esquecimento de que os discursos pré existem, que foram formulados em outro lugar e por outro sujeito, e que ele os retoma, sem disso ter consciência. (INDURSKY, 1990, p. 70)

Em suma, a memória discursiva na AD é um fenômeno complexo que está intrinsecamente relacionado a outros conceitos, como o pré-construído, já ditos e esquecimento. Compreender como esses conceitos interagem e influenciam a produção e interpretação de discursos é essencial para uma análise crítica e aprofundada do funcionamento da linguagem e do poder nas práticas discursivas. A memória discursiva nos permite explorar as interconexões entre passado e presente, conhecimento prévio e inovação, e revela a importância dos processos de memória na construção do sentido em diferentes contextos comunicativos.

### **1.10 O INTERDISCURSO E AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO**

O interdiscurso, como já apresentado neste capítulo, é um conceito fundamental para a AD, uma vez que seu surgimento, na segunda fase, possibilitou uma teorização sobre a relação que as FDs têm uma com a outra, mas além disso, possibilitou a condição do discurso como a continuidade de um outro.

É a partir do interdiscurso que é possível pensar na posição do discurso perante os outros, considerando que um discurso nunca é autônomo, ele está sempre se remetendo a outros discursos, fazendo com que o sujeito, ao emitir o seu discurso, considere as possibilidades de

significações semânticas presentes na cena enunciativa. O interdiscurso é o artifício que denota que a FD não é fechada, mas está ligada a outras FDs, portanto, para enunciar um discurso, deve-se considerar um Outro discurso, havendo marcação linguística ou não.

O interdiscurso consiste em um processo de reconfiguração incessante no qual uma formação discursiva é conduzida [...] a incorporar elementos pré-construídos produzidos no exterior dela própria; a produzir sua redefinição e seu retorno, a suscitar igualmente a lembrança de seus próprios elementos, a organizar sua repetição, mas também a provocar eventualmente seu apagamento, o esquecimento ou mesmo a denegação. (COURTINE E MARANDIN, 1981 *apud* BRANDÃO, 2012, p. 91)

Este conceito da ADF não só tem sua importância para a própria disciplina, mas também para esta pesquisa, uma vez que para considerar as significações da *cultura do cancelamento* é necessário, antes, pensar a presença do discurso alheio imbricado no discurso em que se faz a análise, pois este acontecimento discursivo trata de embates e ideias em contraste, sempre havendo um ‘rebatimento’ truculento pelas partes, mas que partem sempre do interdiscurso para deslegitimar o discurso alheio, processo que faz parte do *cancelamento*.

As condições de produção aparecem como o lugar que o sujeito ocupa, que lhe permite dizer e produzir seu discurso. Este é um jogo de representações no qual o sujeito considera o seu lugar de enunciação, o lugar de seu interlocutor e o próprio discurso que é enunciado. Deste modo, neste jogo de representações, o sujeito considera sua posição, a posição para quem se fala e o seu próprio dizer, de forma inconsciente, para poder enunciar, assim, considerando todas estas fases para realizar o dizer, assim, o sujeito não pode dizer tudo o que quer, nem em qualquer lugar.

Em outras palavras, o sujeito não é livre para dizer o que quer, a própria opção do que dizer já é em si determinada pelo lugar que ocupa no interior da formação ideológica à qual está submetido, mas as imagens que o sujeito constrói ao enunciar só se constituem no próprio processo discursivo. (MUSSALIM, 2004, p. 137)

A partir desta citação, podemos compreender que toda a consideração das condições de produção acontece já no processo discursivo a que o sujeito está submetido, determinando seu dizer. Segundo Orlandi (2013), as condições de produção incluem o contexto imediato no qual o sujeito do discurso está inserido, seja ele no contexto acadêmico, político, doméstico, todos eles participam do jogo que molda o discurso. O contexto imediato envolve um gancho no contexto sócio-histórico e ideológico, uma vez que é a partir de seu cotidiano que haverá uma relação com acontecimentos históricos anteriores e que marcam posições ideológicas no dizer. O dizer está arraigado ao que já foi dito e às posições ideológicas históricas, ou seja, os

efeitos de sentido – que são históricos – e estão inseridos em um contexto mais amplo em nossa sociedade e em seus acontecimentos.

### **1.11 A IDEOLOGIA E A FORMAÇÃO IDEOLÓGICA**

A ideologia é conceituada na Análise do Discurso como um conjunto de práticas e discursos (re)produzidos pelos sujeitos com base nas crenças da formação social a que pertencem. Assim, em um estado determinado da luta de classes, existe a formação ideológica na qual o sujeito está inserido, marcando, assim, uma posição de classe e conseqüentemente, uma posição ideológica; esta posição não é individual, mas coletiva.

Este sujeito não escolhe este conjunto de crenças e valores, tampouco está consciente de como está nessa posição, assim, na AD, concebe-se que o sujeito é interpelado pela ideologia, estando sempre em uma posição ideológica no campo discursivo. Assim, destaca Pêcheux: “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido” (PÊCHEUX apud ORLANDI, 2012, p. 17).

Na AD, a concepção de ideologia aparece ligada ao pensamento do filósofo francês Louis Althusser, na obra *Ideologia e aparelhos ideológicos do estado* (1985), na qual o autor concebe que em nossa organização social, há vários aparelhos ideológicos: Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE) e Aparelhos Repressivos do Estado (ARE). Os aparelhos Ideológicos do Estado são a Escola, a Igreja, o centro comunitário, a família, a política, as mídias; e os Aparelhos Repressivos são a polícia, o sistema judiciário e o Exército, que funcionam como forças repressoras físicas que garantem a ordem da sociedade no processo ideológico dominante.

A ideia de dominância é concebida no pensamento marxista, ao qual Althusser se filia. Para Marx, a ideologia é utilizada pelas classes dominantes para dar continuidade à sua dominância homogênea. Este pensamento é a gênese do pensamento althusseriano de aparelhos ideológicos, que embasa a concepção de Pêcheux sobre a interpelação ideológica no discurso, isto é, o sujeito sempre responderá a um aparelho ideológico do estado e, nas minúcias, é interpelado por várias ideologias no fio discursivo.

A partir da noção de ideologia, o conceito da AD de Formação Ideológica (FI) aparece como um agrupamento de ideologias, que não aparecem completamente como lineares, mas que mantêm uma continuidade de crenças e comportamentos possíveis de serem concebidas na mesma formação.

A formação ideológica é o lugar em que as formações discursivas têm suas raízes e são constitutivas, e onde os indivíduos se situam em relação a essas formações discursivas e aos discursos que são seus, determinando assim as posições que podem e devem ser assumidas em um dado momento. (PÊCHEUX, 1990, p. 156)

É a partir da FI que é possível a existência da Formação Discursiva (FD), uma vez que a consideração primordial do discurso é a sua caracterização - sempre - ideológica.

## 1.12 AS RELAÇÕES DE FORÇA

As relações de força são uma concepção, não um conceito da ADF, que contribuem para assimilar e analisar os discursos que compõem o corpus desta pesquisa. Partindo do ponto de que as relações de força partem de Michel Foucault e chegam na ADF de Pêcheux como moldes que atribuem no discurso e nas formações interdiscursivas, fazendo com que o poder exista nestas relações.

Na perspectiva da AD-2, estas relações são relações de força desiguais entre processos discursivos, estruturando o conjunto por "dispositivos" com influência desigual uns sobre os outros: a noção de formação discursiva, tomada de empréstimo a Michel Foucault (2008), começa a fazer explodir a noção de máquina estrutural fechada na medida em que o dispositivo da FD está em relação paradoxal com seu "exterior": uma FD não é um espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente "invadida" por elementos que vêm de outro lugar (isto é, de outras FD) [...].

Na AD, as relações de força referem-se às posições de poder e às hierarquias sociais presentes nas interações discursivas, conforme foi exemplificado na citação acima. Entre as formações discursivas há relações de força desiguais entre si e este processo denota o constante embate em que as FDs praticam para significar na cena discursiva, deste modo, as relações de força moldam e constituem o discurso inseridos dentro das FDs que entram em embate.

A AD, influenciada pelas teorias althusserianas, destaca a importância de compreender o discurso como um campo de luta política, onde diferentes sujeitos e grupos disputam poder, representações e legitimidade. Nesse sentido, as relações de força não são vistas apenas como imposições unilaterais, mas como resultado de confrontos, negociações e estratégias discursivas utilizadas pelos sujeitos para obter vantagens e impor suas visões de mundo.

A formação discursiva refere-se a um conjunto de práticas, regras e discursos que emergem em um determinado contexto histórico e social, definindo o que pode ser dito, quem

tem autoridade para falar e como as ideias são legitimadas, aparecendo assim na segunda fase da AD, conforme já mencionado anteriormente. As formações discursivas são atravessadas por relações de poder, que moldam as possibilidades e os limites do discurso em um determinado momento em cada conjuntura.

É a partir das condições de produção do discurso, conforme foi possível ver no subitem anterior, que mediam as situações das relações de força, uma vez que é no jogo de antecipação em que o sujeito questiona quem é a si para dizer, quem é que lhe escuta e o que se diz; denotando uma situação hierárquica e de poder entre os sujeitos, conforme Orlandi:

[...] se o sujeito fala a partir do lugar de professor, suas palavras significam de modo diferente do que se fala do lugar do aluno. O padre fala de um lugar em que suas palavras têm autoridade juntos aos fiéis etc. Como nossa sociedade é constituída por relações hierarquizadas, são relações de força, sustentadas no poder desses diferentes lugares, que se fazem valer na “comunicação”. A fala do professor vale (significa) mais do que a do aluno. (ORLANDI, 2013, p. 40)

A partir da consideração da disputa de poder entre os sujeitos na cena discursiva, as relações de força evocam situações exteriores e anteriores ao discurso, presentes nas formações sociais do homem, mais especificamente, o homem naturalmente disputa o poder organizado em seu meio social e a partir disso, no discurso, estas marcações serão direcionadas de um discurso a outro para a obtenção do poder.

[...] o objeto de uma sociologia do discurso seria, pois, o de verificar a ligação entre as relações de força (exteriores a situação do discurso) e as relações de sentido que se manifestam nessa situação, colocando sistematicamente em evidência as variações de dominância que acabamos de evocar. (PÊCHEUX, 2001, p. 87)

Não nos atenhamos a pensar propriamente em uma metodologia sociológica do discurso, mas sim pensar nas forças exteriores que o compõe e como o discurso é formulado a partir do embate entre os sujeitos em busca de legitimidade e poder. As variações de dominância estão marcadas no discurso, seja entre operários contra patrões, o aluno contra o professor ou qualquer outra forma de autoridade. No caso da *cultura do cancelamento*, é vital perceber que há sempre um movimento indo contra o outro, uma FD que vai contra a outra e evoca sempre situações, artifícios discursivos para impor força sobre a outra FD.

A concepção de relações de força é imprescindível para esta pesquisa, uma vez que sua concentração está no dissertar sobre a existência de relações de poder entre as formações discursivas, sendo cada uma delas, no acontecimento discursivo da *cultura do cancelamento*, embativas, em busca de uma significação maior que a outra no campo discursivo. Assim seguimos na mesma linha com as considerações sobre a resistência.

### 1.13 A RESISTÊNCIA E A CONTRA IDENTIFICAÇÃO

Nas posições discursivas dadas pelas próprias FDs, não é factual o pensamento de que as FDs são blocos homogêneos de discursos, mas sim que correspondem a uma matriz de sentido que garante a posição destes discursos dentro destas determinadas FDs, contudo, a concepção de sujeito na AD trouxe mudanças que acarretam na *resistência* do sujeito dentro dessas formações discursivas.

A resistência acontece a partir da concepção de que o sujeito, apesar do assujeitamento proveniente da concepção psicanalítica, não é apenas assujeitado, ou melhor, continuará sempre sendo assujeitado, podendo haver uma variação na interpelação ideológica na qual este sujeito estará alocado, assim o sujeito também concebe posições que variam dentro de uma FD, podendo haver uma contra identificação com a sua própria formação discursiva e podendo migrar para outra FD.

Para melhor explicar o que se quer analisar a partir desta concepção de resistência no discurso, no texto *Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação*, Pêcheux (2009) trabalha com a percepção do sujeito interpelado pela ideologia, porém considera este sujeito da psicanálise no bojo do marxismo. Ao falar em ideologia de classes dominantes, Pêcheux atualiza na AD a concepção marxista da ideologia como artifício para a manutenção das classes dominantes no poder.

É a partir da própria interpelação ideológica que se pode analisar as situações de resistência do sujeito, uma vez, considerando esta seara marxista nas considerações do sujeito, sempre haverá uma divisão do sujeito, perante a este assujeitamento com relação à ideologia dominante, assim a luta de classes aparece na interpelação ideológica: o sujeito dominado, nesta ‘superposição’ da ideologia dominante, se revolta, rompe com certos saberes, praticando a luta de classes.

Se na história da humanidade, a revolta é contemporânea à extorsão sobre o trabalho é porque a luta de classes é o motor desta história. E se, em outro plano, a revolta é contemporânea à linguagem, é porque sua própria possibilidade se sustenta na existência de uma divisão do sujeito, inscrita no simbólico. (PÊCHEUX, 1988, p. 279)

Na citação supracitada, do próprio Pêcheux, é possível verificar a utilização do termo “sociologia do discurso” que está significada neste contexto como a leitura social da natureza discursiva, na qual o autor comenta sobre certa “dominância” presente nas relações de poder. É

a dominância que nas relações de poder que caracteriza a luta diária dos sujeitos a partir da utilização do discurso e das ideologias (que advém dos aparelhos ideológicos) que se confrontam nessa disputa.

A partir da citação acima, podemos verificar a inscrição do sujeito na luta de classes, que aparece como artifício importante para perceber as lutas presentes nas sociedades e que estas lutas estão, também, no interior do discurso a partir da ideologia. As classes dominantes estão em uma superestrutura e o sujeito acometido por ela, passa a denotar esta revolta pela manutenção do poder destas classes.

Quem diz luta de classe, da classe dominante diz resistência, revolta e luta da classe dominada, escrevia Althusser no fim do artigo sobre os Aparelhos Ideológicos de Estado... O lapso e o ato falho (falhas do ritual, bloqueio da ordem ideológica) bem que poderiam ter alguma coisa de muito preciso a ver com esse ponto sempre-já aí, essa origem não detectável da resistência e da revolta: formas de aparição fugidias de alguma coisa “de uma outra ordem”, vitórias ínfimas que, no tempo de um relâmpago, colocam em xeque a ideologia dominante tirando partido de seu desequilíbrio. (PÊCHEUX, 1988, p. 278)

Nesta citação, o autor comenta sobre a análise baseada no conceito psicanalítico do ato falho, o chiste, que seria o ponto de dispersão do discurso. Unindo a Psicanálise e a ADF, o discurso na FD segue uma regularidade, porém é com um deslizamento de sentidos que aparece a resistência à ideologia dominante, com uma palavra que foge ao sentido, que contradiz e diz aquilo que não deveria ser dito, deste modo, baseado neste conceito psicanalítico, aparece a resistência à ideologia dominante, de forma sutil e, conscientemente, involuntária.

No texto *Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso* de Freda Indursky (2008), a autora trabalha com as concepções de Michel Pêcheux sobre o sujeito da AD. Nesse caso, através das palavras da autora, Pêcheux identifica na teoria do sujeito a noção de unicidade, que seria a forma tal como o sujeito se identifica dentro de sua FD que o interpela e o torna sujeito do discurso, de forma unida, correspondendo justamente às proposituras da formação discursiva.

[...] a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito). (PÊCHEUX *apud* INDURSKY, 2008, p. 11)

A questão da unicidade imaginária ocorre no caso do sujeito do discurso corresponder a sua FD de origem a partir de uma forma “identificação plena”, na qual o sujeito sempre corresponde, em concordância inconsciente, àquilo que pode e deve ser dito em sua FD, seguida de sua posição ideológica.

O mau sujeito é concebido como o sujeito que se contrapõe à *forma-sujeito* que organiza os saberes da FD na qual o sujeito se identifica (INDURSKY, 2008, p.13) e é neste sentido que este sujeito se coloca em dúvida à sua FD de origem, em outras palavras, o mau sujeito é o sujeito que se revolta ou coloca em xeque as postulações da sua formação discursiva, pois não está mais alinhado plenamente com a sua FD.

[...] em relação aos saberes da forma-sujeito, conduzindo o sujeito do discurso a contra-identificar-se com a forma-sujeito da formação discursiva que o afeta. E é esta modalidade de tomada de posição que coloca o sujeito do discurso na posição de mau sujeito, vale dizer, aquele que se permite duvidar, questionar os saberes e não simplesmente reduplicá-los, como ocorre na primeira modalidade. (INDURSKY, 2008, p.13).

É a partir desta concepção, que a noção de heterogeneidade discursiva também se intensifica, uma vez que considerar que o sujeito do discurso passa a questionar os saberes de sua FD, não é mais possível perceber a FD como homogênea, mas como lugar heterogêneo de dispersão, como comentado anteriormente neste capítulo sobre a descrição da segunda e terceira fase da ADF.

O mau sujeito surge, assim como a noção de bom sujeito, uma vez que Pêcheux trabalha com a ideia de que seria necessário ter uma noção da subjetividade do sujeito, que não seria subjetiva, assim surge o que o autor chama de forma-sujeito as posições do sujeito discursivo dentro da FD. Já a noção de bom sujeito está atrelado justamente a uma correspondência, um alinhamento, uma concordância plena na FD onde o sujeito é interpelado. Este sujeito reduplica o discurso e acredita que esta posição seja dominante perante aos outros saberes (INDURSKY, 2008, p. 18).

O sujeito que provém desta contra identificação, se identifica com a forma-sujeito presente na FD, uma forma-sujeito que está fragmentada, deste modo, uma vez ‘contra-identificado’ este sujeito rompe com parte da FD, assumindo somente posições determinadas entre os seus saberes, não mais uma totalidade anterior, tal como profere Freda Indursky:

[...] o sujeito do discurso não pode mais identificar-se com totalidade dos saberes da FD que o afeta. Esta identificação continua ocorrendo, mas apenas com uma parcela dos saberes desta FD. (INDURSKY, 2008, p. 20)

Para finalizar, em um âmbito de consequências, os caminhos deste sujeito resistente em relação à sua FD, é possível afirmar que este sujeito, dentro das identificações possíveis em sua FD, não rompe totalmente com ela. Este ponto de estudo é importante para esta pesquisa, pois posteriormente haverá a apresentação de como o sujeito envolvido na *cultura do cancelamento*, mais precisamente, o sujeito cancelado, nem sempre está alocado em uma FD

antagônica a outros sujeitos, mas que também pode dividir o campo dos mesmos saberes da FD, contudo, contra-identificando-se com certas posições no interior destes saberes, sem romper bruscamente com eles, assim frisa Freda: “[...] cabe frisar que a contra-identificação não se dá em relação à forma sujeito, tomada como um todo, pois se assim fosse, isto daria origem a uma nova FD.” (INDURSKY, 2008, p. 25).

#### 1.14 A ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO

Além dos postulados da Análise do Discurso de linha francesa, buscamos nesta pesquisa trabalhar com as ideias do chamado Círculo russo ou Círculo de Bakhtin (BAKHTIN, 2020; VOLÓCHINOV, 2018), que instaura sua própria concepção independente sobre as ciências humanas e sobre a linguagem. A proposta de contemplar a Análise Dialógica do Discurso (ADD) como fundamento para a análise do corpus encontra sua justificativa na necessidade de realizar uma correlação de forças, tomando da ADD, conceitos importantes para realizar uma análise mais completa da interação verbal em meio digital, notadamente a partir do conceito de gêneros do discurso (BAKHTIN, 2020). As aproximações entre a ADF e ADD também contribuem para uma análise baseada no dialogismo e na concepção de sujeito que será apresentada mais à frente.

Para iniciar as considerações sobre o pensamento do Círculo russo, em particular a concepção de língua/linguagem, faz-se necessário iniciar pela obra *Marxismo e filosofia da linguagem* (2017), na qual Valentin Volóchinov tece considerações sobre o sistema linguístico de Saussure, salientando de antemão a discordância quanto à real condição de existência da língua. Para o Círculo, a língua não pode ser tratada como uma abstração passível de uma conceituação dos membros deste sistema, tal como propõe Saussure, para quem a língua está dividida em Fonologia, Morfologia e Sintaxe, mas, antes, na interação entre os falantes, o que pode ser compreendido por esta passagem: “A língua é um processo ininterrupto de formação realizado por meio da interação sociodiscursiva dos falantes.” (VOLOSHINOV, 2017, p. 224).

Para esta pesquisa, é importante considerar o conceito de dialogismo, uma vez que isto permite uma noção mais ampla da linguagem humana. O conceito de diálogo suplanta a noção restrita de diálogo em uma conversa com um interlocutor, mas aparece nestas considerações como um conceito constitutivo da própria natureza da linguagem humana. A esse propósito, este conceito trabalha com a noção de diálogo *x* monólogo, entendendo que a concepção dialógica garante ao indivíduo falante uma produção e inserção de seu dizer em relação à

existência de outro, isto é, na teoria bakhtiniana, enunciamos sempre em relação a um outro dizer, seja em resposta ou no aguardo desta.

Esta primeira concepção de dialogismo oportuniza o estudo de todos os enunciados perante uma cadeia de produção de outros enunciados numa interação discursiva. O sujeito não cria uma cadeia de discurso, ele se insere na interação discursiva, colocando-se perante alguém e para alguém, levando em consideração não somente a linguagem em si, que é objeto de estudos nesta área, mas também a própria existência do homem, que não existe sozinho, existe sempre perante outro homem. Como explica Fiorin:

[...] existe uma dialogização interna da palavra, que é perpassada sempre pela palavra do outro, é sempre e inevitavelmente também a palavra do outro. Isso quer dizer que o enunciatador, para constituir um discurso, leva em conta o discurso de outrem, que está presente no seu. (FIORIN, 2008, p. 19)

Fiorin, na citação supracitada, interpreta este primeiro e conceito de dialogismo na teoria bakhtiniana, introduzindo, inclusive, a noção de que o discurso do Outro está inscrito em nossos discursos. Esta inscrição do discurso alheio pode aparecer de forma clara e explícita, assim abrindo espaço para o estudo das colocações de aspas e discursos diretos e indiretos/indireto livre, mas principalmente para a compreensão filosófica da linguagem como campo constitutivo do homem social; o homem que não está sozinho, portanto, mesmo que conscientemente desejasse enunciar para si só, já o faria em dialogando com outrem.

A partir da concepção desta dialogização dos enunciados entre os homens, é importante para esta pesquisa a considerar que, a partir da concepção do homem dividido em grupos, os quais sempre percebem a presença da palavra alheia no seu próprio discurso, que haja rupturas em pontos de embates entre os falantes na cena enunciativa. Deste modo, cabe-nos perceber que a língua é um lugar de embates entre os participantes da interação discursiva.

Se a sociedade é dividida em grupos sociais, com interesses divergentes, então os enunciados são sempre o espaço de luta entre vozes sociais, o que significa que são inevitavelmente o lugar da contradição. (FIORIN, 2008, p. 25)

No texto *A interação discursiva*, de Valentin Volochinov (2017) (Círculo de Bakhtin), há a concepção de que os indivíduos orientam sua enunciação para um auditório social estável, que funciona como artifício para que o sujeito da comunicação forme seus pensamentos, suas respostas e avaliações, partindo do ponto de que há uma tomada de consciência deste indivíduo para com este auditório social (VOLOCHINOV, 2017, p. 205) estando presente novamente a concepção do Círculo sobre a produção enunciativa acontecendo para o outro, ou seja, o auditório social.

No bojo da interação verbal, percebe-se que a constituição do enunciado a partir dos sujeitos que os produzem sofre alterações a partir de um meio social imediato (VOLOCHINOV, 2017, p. 206), por assim dizer, a constituição do enunciado se dá neste meio social e o confronto que aparecerá em detrimento de outro enunciado mostrará, justamente, uma outra realidade social vivida por estes participantes da interação, contando com o estilo local de sua reprodução.

A constituição do enunciado no meio social em que é moldado age de duas formas: a primeira de forma mais simplista, considerando de forma mais geral o meio de enunciação no qual se insere o sujeito; e de uma segunda forma: aparece como constitutivo do enunciado as relações sociais mais duradouras e essenciais na qual participa o falante (VOLOCHINOV, 2017, p. 207), denotando a existência de uma forma intrínseca de engendramento a partir das relações que mais afetam o falante, isto é, as mais duradouras é que aparecem seriamente em sua enunciação. Além de determinar a própria produção do falante, o meio social mais próximo, por assim dizer, garantirá o seu auditório social, os ouvintes, os discordantes, os inimigos.

Vale ressaltar também as considerações do autor sobre a tomada de consciência, que funcionaria como uma forma de que o falante organize o seu dizer a partir de uma atividade de vivência social. Ele chama de vivência do eu, a forma mais simples e singular referente ao falante, em que há uma delimitação posta, na qual o falante atinge e assim nada mais é enunciado no sentido ideológico, mas sim fisiológico se assemelhando a um animal. É na vivência de nós que estão as significações possíveis para o falante numa tomada de consciência, pois é nestas relações que se intensifica a diversidade e complexidade do mundo interior do falante para, por fim, enunciar (VOLOCHINOV, 2017, p. 208).

O enunciado, para o Círculo de Bakhtin, é concreto e traz significações a partir de suas orientações sociais de origem, entendendo que esta categoria da língua não deve estar desconectada de sua realidade social, que se materializam de forma dialógica na interação discursiva, sempre se constituindo a partir de outro e considerando o falante como produtor ativo destes enunciados a partir de seu lugar de fala (no sentido de orientação social na qual se encontra o falante).

Neste capítulo, pudemos evidenciar a diferença entre a Linguística enquanto a ciência estrutural da língua, para a Análise do discurso, que busca uma visualização do discurso, enquanto uma concepção social. Os conceitos apresentados sobre a ADF, contribuirão, adiante, para a análise do corpus, realizada no capítulo 4.

## **CAPÍTULO 2: O DISCURSO EM MEIO DIGITAL**

Uma vez que o objeto central desta pesquisa está relacionado ao funcionamento do discurso em meio digital, faz-se necessário dissertar sobre a concepção de discurso nestes novos campos discursivos. Em vista disto, este capítulo propõe uma discussão teórica sobre o funcionamento das redes sociais e a produção e circulação dos discursos no meio digital.

O corpus digital difere daqueles mesmos corpora doutrinários estudados na Análise do Discurso Francesa, portanto, aparece como um novo objeto passível de análise, oportunizando ao pesquisador a observação de variados corpora com relação ao funcionamento do discurso, isto é, aparece na esfera digital composto por artifícios multimodais e relacionados com demais discursos que foram criados na esfera digital e são mantidos por artifícios que só existem justamente nesta esfera.

Especificamente sobre esta pesquisa, consideramos que a *cultura do cancelamento* ocorre no embate discursivo característico das redes sociais, em que se observam as mais diversas formas do funcionamento da língua e do discurso para a manipulação deste instrumento social, uma vez que estes sujeitos buscam, acima de tudo, atingir uma verdade hegemônica sobre os temas tratados no discurso, isto é, a verdade hegemônica é uma verdade absoluta

Para dar prosseguimento nesta pesquisa com relação ao discurso digital, utilizamos a concepção de discurso oficial e de discurso ordinário, que caracteriza justamente as novas concepções e novas vozes nas redes sociais, funcionando como um palanque que, outrora, no campo discursivo, era ocupado pela mídia tradicional e pelo discurso oficial do Estado.

Para o prosseguimento neste capítulo, é importante trazer a concepção de discurso digital proposto por Paveau (2021), como uma forma própria de funcionamento do discurso nos meios digitais, que se diferencia daquelas concebidas nas primeiras fases da ADF, reunindo características específicas oriundas destes meios, que oportuniza aos usuários, sujeitos do discurso, novas formas de enunciação e significação em contexto digital.

### **2.1 A ANÁLISE DO DISCURSO DIGITAL**

As redes sociais podem ser consideradas um campo de acontecimento discursivo, na perspectiva de Maingueneau (2017), que considera que as redes sociais são um ambiente de

ativa utilização do discurso, das formações discursivas e ideológicas, nas quais os sujeitos travam uma luta simbólica pela palavra.

Considerar as redes sociais como um campo discursivo é diferente de considerá-las como mais um espaço de funcionamento linguístico, uma vez que, em meio digital, ou melhor, nas redes sociais, observa-se a utilização da língua como forma de comunicação. O ponto de ruptura aparece quando consideramos, não somente a utilização da língua no ambiente digital, mas também outros saberes linguísticos de comunicação não verbal e uma apropriação dos sujeitos, usuários deste meio, para realizar suas formulações discursivas.

Outra consideração é a de que, apesar de os usuários utilizarem a língua no ambiente digital, esta utilização está no nível da fala, do diálogo em grupo, nas quais os sujeitos estão em uma relação incessante com outros enunciados para formular os seus próprios. Ninguém nas redes sociais está falando para si, num monólogo - e mesmo que o fosse, há considerações da AD que justamente tratam de analisar o monólogo, também, como forma de respostas a outros enunciados pré-construídos – portanto, as redes sociais em meio digital apresentam-se como um campo legítimo de funcionamento do discurso, daí a concepção de campo de acontecimento discursivo no qual emergem os acontecimentos discursivos como os *cancelamentos* de J.K Rowling e Lilia Schwarcz, há sempre o encontro de uma memória com uma atualidade (PÊCHEUX, 1990, p. 17).

Defrontando-nos com um campo discursivo nas redes, uma análise automática para a AD seria legítima, porém percebe-se que o meio digital não funciona apenas como uma forma de espelhamento das formas de enunciação discursivas presentes fora dela, mas que se constituem de formas originais na utilização destes meios, ou seja, o sujeito se apropria de ferramentas do meio digital para construir o seu discurso.

Para analisar o funcionamento discursivo nas redes sociais, trabalhos como os de Marie-Anne Paveau (2021), desenvolvidos em uma colaboração franco-brasileira, e os de Cristiane Dias (2016) fazem-se necessários para estudar o discurso digital e as redes sociais, trazendo estudos sobre as novas formulações no digital e como este meio mudou as relações do homem com o meio.

Para Cristiane Dias (2016), há um fenômeno, por ela denominado de digitalização do mundo, isto é, um acontecimento de metaforização das relações dos sujeitos, realizando uma transposição do campo de luta do discurso (em busca da significação) para um campo digital que é mediado por grandes corporações da tecnologia. A autora cita Google e Microsoft, que

criam este ambiente, ele não surge de forma autônoma, é fabricado por corporações, que afetam as condições de produção dos discursos destes sujeitos (DIAS, 2016, p. 11-12).

É importante para esta pesquisa considerar justamente que o discurso no meio digital funciona de forma diferente do que funciona fora do digital, isto é, na mídia tradicional ou nas relações humanas físicas e presenciais, havendo, no digital, uma nova constituição da ação de se comunicar e interagir. As relações de poder presentes nos discursos tendem a aparecer de forma mais acentuada no meio digital, uma vez que há uma maior liberdade no meio digital para que os sujeitos, dentro das relações de poder e força do discurso, se inscrevam em discussões na cena enunciativa demarcando espaços e suas posições ideológicas de forma mais livre e desregulamentada, daí surge a ideia da internet como uma terra sem lei.

No meio digital, além de haver esta mediação das condições de produção por meio das corporações criadoras das plataformas presentes no meio digital, como as redes sociais como Instagram, Twitter e Facebook, ou mecanismos de pesquisas como Google e demais redes de compartilhamento de conteúdo, a própria proposta digital está imbricada em uma relação infinita dos sujeitos com outros conteúdos, uma vez que, ao acessar uma página do buscador da internet, o sujeito é defrontando com notícias, imagens, propagandas, vídeos ou músicas sobre todo e qualquer assunto. A discursividade, portanto, sempre será infinita, uma vez que o sujeito do discurso sempre está em contato com objetos que o transformarão, no meio digital, em um enunciador incessante sobre diversos temas e acontecimentos que são colocados a sua frente como um funcionamento genuíno do meio digital.

Figura 1: Pesquisa sobre “governo” na internet.



Fonte: Pesquisa no Google 2023

Na figura 1, é possível visualizar os resultados sobre a pesquisa da palavra “governo” na plataforma Google, que atualmente é o maior buscador de pesquisas na internet e uma das maiores empresas de tecnologia no mundo. É possível visualizar que automaticamente são apresentados na tela resultados de notícias relacionadas simplesmente a uma palavra, ou seja, o indivíduo automaticamente é induzido a realizar a leitura de alguma das manchetes e consequentemente, das matérias sobre o resultado que pesquisou.

Nesta mesma pesquisa, como resultados foram dados o site oficial do governo federal e informações compartilhadas das Wikipédia para informações do Governo Federal atual, mesmo que não tenha havido, exatamente, uma pesquisa sobre o Governo Federal e seus ocupantes atuais. Outro ponto a considerar é o gatilho automático destes resultados para as redes sociais, como em uma relação cíclica da leitura de uma notícia e a indução para que este indivíduo acesse as redes sociais para realizar um comentário sobre algo que acabou de ver numa notícia sobre algo relacionado sobre o que pesquisou. O indivíduo não pesquisa diretamente notícias ou dados sobre o governo, mas lhe é exposto deste modo, assim demonstrando como a mediação das grandes corporações no ambiente digital são presentes nas formas de produção dos discursos.

Seguindo na linha das considerações de que o digital constitui uma nova forma produção e circulação discursiva, Dias afirma que é a partir da sua composição digital, que a digitalidade acontece (DIAS, 2016, p. 14) ou seja, as significações presentes no meio digital acontecem pelas utilizações linguísticas no meio, mas que o digital compõe uma forma única passível de análise, uma vez que estas novas manifestações, conforme mostrado no exemplo anterior, demarcam um novo campo de funcionamento do homem com a informação, como podemos visualizar na citação abaixo.

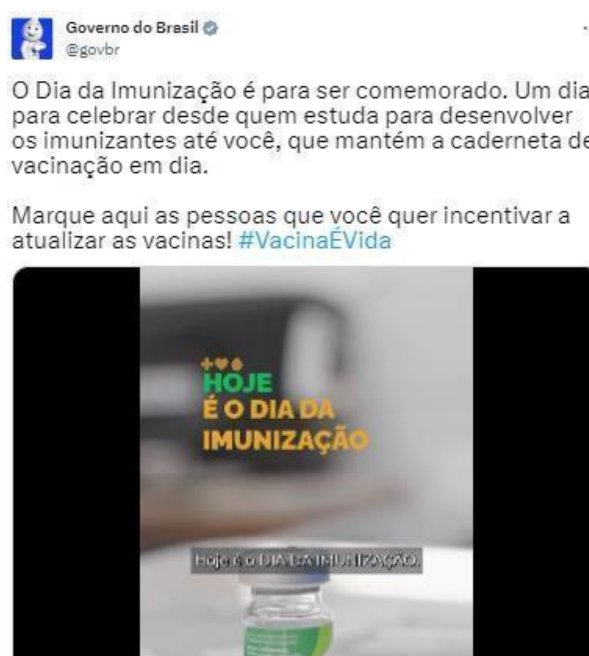
Segundo Orlandi (2001, p. 79), “a mutação técnica, e cultural, de que participamos, não coloca em causa a escrita. A informática é uma técnica da escritura, introduzindo procedimentos novos de escrita e leitura”. E esses procedimentos, no meu entender produzem uma digitalidade. (DIAS, 2016, p.14)

No que tange a pensar nesta relação do homem coma informação, chega-se à conclusão de que jamais houve uma pulverização anterior de formas instantâneas de informações tal como nos dias atuais, com a internet. Para conseguir um efeito de dados, informações, notícias e vídeos como foi citado anteriormente com utilização do Google, em tempos antigos, era necessário que o indivíduo realizasse um percurso consciente em busca destas informações. Ler

um jornal, ir a uma biblioteca, realizar uma pesquisa, eram atos muito mais vagarosos do que apenas escrever uma palavra no buscador e obter uma gama de resultados para isto.

Há uma pulverização de informações e resultados destinados ao indivíduo nos tempos atuais, portanto, é possível refletir sobre as condições de produção dos discursos como colocados na forma histórica da ADF no capítulo 1 desta dissertação. Conforme mencionado na primeira parte deste trabalho, as Condições de Produção são as que afetam a produção do discurso de forma imediata, sendo este o contexto sócio-histórico no qual o sujeito está envolto e a partir daí, com a presença da ideologia e dos aparelhos ideológicos, com as Formações Discursivas, o sujeito já se coloca numa posição automática de enunciador.

Figura 2 - Pesquisa sobre “governo” na internet II.



Fonte: Twitter (2023).

Neste mesmo segmento da pesquisa da palavra “governo” no buscador Google, clicando em um dos resultados dados no site, a página é direcionada para a rede social Twitter, que, ao ser acessada, mostra o perfil oficial do Governo Federal do Brasil, com uma de suas últimas publicações - regradas por um algoritmo para ser escolhida – que trata sobre o dia mundial da imunização. Neste vídeo, dentro desta plataforma, são concebidas outras formas do discurso através da CP. Como comentado, a primeira forma de CP é o contexto imediato sócio-histórico na qual o discurso é concebido, contudo, é importante observar que a posição da FD alheia também está posta na formulação do sujeito e isto acontece com primor nas redes sociais,

uma vez que cada formulação nas redes está materialmente ligada, como vemos a seguir.

Figura 3 - Pesquisa sobre “governo” na internet III.



Fonte: Twitter (2023).

Neste mesmo cenário de pesquisa e com os resultados que chegam até as redes sociais, observa-se que o indivíduo é confrontado com comentários nas redes – conceito que será tratado mais a frente – que denotam as Formações Discursivas e posições ideológicas sobre o tema da postagem/vídeo feito pelo Governo brasileiro. O sujeito, ao ter contato com a sua realidade socio-histórica, também é colocado frente às FDs, que interpelado pela ideologia, tende a se inscrever em alguma e comentar, produzir um discurso sobre aquilo que foi induzido a fazer.

Na própria imagem supracitada, são perceptíveis duas posições discursivas: dois internautas comentam em favor do Governo, o primeiro escrevendo “FIZ O L POR ISSO”, realizando um acontecimento discursivo, remetendo a sua formulação atual com a memória do período eleitoral de 2022 na qual a campanha do candidato e atual Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, utilizaram o bordão “Faz o L” para caracterizar a campanha e os feitos/promessas do então candidato.

No terceiro comentário, o sujeito já está em uma posição contrária, replicando uma notícia do portal chamado Epoch Time Brasil sobre a alteração de genes de bebês, utilizando hashtags para criar um efeito de rumor sobre o que foi dito. O assunto sobre a alteração de genes em um comentário sobre o dia da imunização ganha forma a partir de uma orientação interdiscursiva sobre a obrigatoriedade da vacinação dos brasileiros, discussão que surgiu sob a campanha de vacinação contra a Covid-19 em 2021. A comemoração do dia da imunização remete este sujeito a esta discussão.

Para completar este ponto de vista, conseguimos visualizar como a digitalização proposta por DIAS (2016) ocorre, uma vez que o sujeito está clivado num processo pulverizado de informações e está sendo constantemente induzido a ter contato com conteúdos digitais que lhe farão a se inscrever numa FD e enunciar um discursivo materializado através de um comentário. A digitalização é considerada, assim, um processo autônomo, que rompe com a ideia de que o meio digital apenas transportou o que antes acontecia sem sua existência. Na verdade, o meio digital criou novas forma de discurso e de discursar.

Para que a *digitalização* ocorra, é necessário que os processos de formulação dos discursos, como foi mencionado no parágrafo anterior, se alterem em face a que foi produzido anteriormente à utilização do digital. A palavra não significa em si mesma, mas na cadeia discursiva (DIAS, 2016 *apud* ORLANDI, p. 14), portanto a simples utilização da palavra no meio digital, não comporta a noção de digitalização, mas sim a sua utilização dos aparatos digitais para fazer sentido.

Nessa perspectiva, quando algo é significado pelo/no digital: uma palavra, uma imagem, um som, um ícone, mas também uma loja, um museu, uma biblioteca, uma cidade, um jornal, uma rádio, uma escola, uma universidade, um encontro, um casamento, uma terapia, um protesto, etc. é porque tem digitalidade. Assim, dizemos, a digitalidade da palavra, que inclui o técnico e o languageiro, como trabalha Paveau (2015), mas também o histórico, ou seja, o discurso, é o que a torna um objeto tecno-linguístico e histórico. (DIAS, 2016, p. 14)

Nesta citação, além de perceber a forma histórica do signo no meio digital e de sua produção tecno-linguística, é possível pensar na questão que Dias (2016) vai chamar de materialidade digital. O discurso digital aparece, obviamente, no meio digital, a partir de aparelhos eletrônicos que funcionam como um suporte para a materialização discursiva original (no que se refere à digitalização).

A materialidade digital é, no meu entender, “o processo de significação que se dá pela emergência da discursividade digital na forma material do discurso (texto, imagem, cena urbana, etc.), e em certo meio material (aplicativo, outdoor, rede social, cidade etc.)” (DIAS, 2016, p. 173). Esclareço ainda que a materialidade digital não se reduz ao digital ou ao online, o que caracteriza a materialidade digital é sua discursividade. (DIAS, 2016, p. 15)

A pesquisadora francesa Marie-Anne Paveau, na obra *Análise do Discurso digital: dicionário de formas e das práticas* (2021), trabalha com a ideia da Análise do Discurso Digital como um campo de estudos: análise e descrição do funcionamento das produções discursivas na web 2.0 nos ambientes de produção, no qual há a mobilização de recursos languageiros e não languageiros para a formulação destes.

Reforçando o que detalhamos anteriormente, a autora trabalha com a ideia de que há uma diferenciação entre a produção dos discursos no meio *on-line* (discursos nativos), e aqueles que não são produzidos neste ambiente, enfatizando justamente a falsa ideia de que há uma transposição do discurso produzido do meio exterior para o ambiente *on-line*. Paveau entende que as ciências da linguagem tradicionais não dão conta de analisar o funcionamento do discurso digital, portanto assim surge esta teoria, uma vez que as formas tradicionais de análise não ocupam saberes para analisar URLs, buscadores e aparelhos das redes.

Na análise linguística destes discursos, é necessário considerar o languageiro e o não languageiro presentes nas redes. A autora chama de “Ecologia do discurso” a Análise do Discurso digital, uma vez que a sua consideração de análise está na continuidade das matérias languageiras e seus ambientes de produção. Esta continuidade é relação dos discursos e o meio digital que o compõe, portanto assim se denomina ecologia do discurso.

É denominada de “Composição” a forma como o discurso se estabelece, unindo o languageiro com o tecnológico de natureza informática. A fala relatada do sujeito se inscreve num âmbito digital que fornece outras formas de significação, a citar o caso do *Twitter*, possível de haver pseudônimos diferentes e alteráveis e a utilização de hashtags para remeter a um outro assunto o enfatizar em uma palavra ou frase o que se diz no *tweet*.

Outra característica dos discursos digitais, segundo Paveau, é a *deslinearização* do discurso, que acontece por conta da presença de links externos e de textos fontes que são retirados de outras publicações, *tweets*, vídeos exteriores até da mesma rede social, que se utilizam de outros textos e criam um efeito de rumorização, comentários e enunciação de opiniões dos sujeitos no fio discurso. Este fio não é linear justamente por sua composição, a partir da materialidade de textos exteriores.

Figura 4 - Discurso compósito deslinear, ampliado.



Fonte: Twitter. (2023).

Na figura 4, há um *print* da rede social Twitter, na qual um internauta, sob o pseudônimo da página “O Cafezinho”, produz um discurso sobre uma reflexão de Noam Chomsky sobre uma possível guerra entre Estados Unidos e China. O sujeito internauta se vale de um vídeo veiculado em uma esfera exterior à internet (a televisão) para compor o seu discurso. Não há apenas um relato, mas sim uma clara utilização material de um hipertexto, assim denotando a falta de linearidade do discurso digital.

Ainda sobre o exemplo supracitado, os discursos digitais revelam uma enunciação ampliada, por conta da *conversacionalidade* da *web* social, ou seja, as redes sociais, tecendo uma longa rede de publicação, na qual a ampliação acontece por conta dos comentários presentes nas publicações, contendo visões de diferentes enunciadorees (PAVEAU, 2021, p. 59), tal como conseguimos visualizar na figura a seguir.

Figura 5 - Comentários sobre Noam Chomsky: China x EUA



Fonte: Twitter (2023).

Os enunciados do discurso digital também estão dotados daquilo que Paveau (2021) chama de “Relacionalidade” e “Investigabilidade”. O primeiro conceito visa a descrever a forma como os discursos estão relacionados uns com os outros, justamente por conta de sua natureza compósita e da utilização de aparelhos eletrônicos para a sua produção mediante as interfaces de escrita e leitura da web (PAVEAU, 2021, p.59). Já o segundo conceito está relacionado à forma de investigabilidade dos discursos, uma vez que estão inseridos na web de forma material, sendo possível encontrá-los nas redes de forma documentada a partir de menções, marcações, repetições e até *prints* veiculados sobre um *post* nas redes (PAVEAU, 2021, p. 59).

## 2.2 OS LUGARES DE ACONTECIMENTO: AS REDES SOCIAIS

Para realizar análises sobre os acontecimentos discursivos no meio digital, primeiramente é necessário delimitar o campo onde acontecem estas formulações discursivas. Não é preciso dizer que tudo ocorre no digital, fazendo-se necessário analisar estes acontecimentos nos lugares onde circulam, isto é, no ambiente digital. Para realizar esta discussão, partimos do ponto de vista de Recuero (2009), que afirma que:

Uma rede social é definida como um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais) (Wasserman e Faust, 1994; Degenne e Forse, 1999). Uma rede, assim, é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores. A abordagem de rede tem, assim, seu foco na estrutura social, onde não é possível isolar os atores sociais e nem suas conexões. (RECUERO, 2009, p. 24)

A partir da citação supracitada, é possível verificar que, para a autora, as redes sociais se constituem e se materializam no meio digital. São as conexões sociais no *off-line* que compõem o funcionamento das redes sociais na internet. A rede, neste caso, não é necessariamente um objeto material que se constitui no *online*, mas sim uma materialização das estruturas sociais compostas pelos atores sociais.

O estudo das redes sociais na Internet, assim, foca o problema de como as estruturas sociais surgem, de que tipo são, como são compostas através da comunicação mediada pelo computador e como essas interações mediadas são capazes de gerar fluxos de informações e trocas sociais que impactam essas estruturas. (RECUERO, 2009, p. 24)

Considerando as estruturas sociais como a forma compósita das redes, Recuero (2009) considera os Atores sociais como parte importante deste processo. Os atores, então, se definem

como as pessoas envolvidas no processo que moldam as estruturas da rede em forma de laços sociais. Além do mais, os atores sociais podem ser representados como ferramentas das redes, um blog, um perfil no Orkut, no Facebook ou Twitter e a partir disso, estes perfis que constam apenas atores individuais são mantidos por outros atores que se inscrevem numa posição de comentadores e partilhadores.

Além da concepção de atores sociais, suas formulações nas redes são importantes para entender a forma como estes sujeitos se constituem nas redes, mais especificamente, a forma como o agir nas redes, expor a si mesmo, como forma de demarcação de seus perfis, acontece como tomar uma forma de visibilidade nas redes.

Sibilia (2003) chama de “imperativo da visibilidade” da nossa sociedade atual essa necessidade de exposição pessoal. Esse imperativo, decorrente da intersecção entre o público e o privado, para ser uma consequência direta do fenômeno globalizante, que exacerba o individualismo. É preciso ser “visto” para existir no ciberespaço. É preciso constituir-se parte dessa sociedade em rede, apropriando-se do ciberespaço e constituindo um “eu” ali (Efimova, 2005). Talvez, mais do que ser visto, essa visibilidade seja um imperativo para a sociabilidade mediada pelo computador. (RECUERO, 2009, p. 27)

É essencial que estes atores sociais *on-line* apareçam, marquem presença e isto acontece sob a forma de comentários nas redes, *posts* em microblogs abertos como o Twitter, menções no Instagram ou Facebook, grupos e comunidades presentes nas redes atuais. Como menciona a autora, há uma necessidade de ser visto nas redes sociais, a partir deste ponto podemos pensar sobre a forma como a interação entre *post* e comentário se estabelece: há uma necessidade de dizer, postar sobre algo, acrescentar, demonstrar concordância e discordância sobre algo ou algum assunto, portanto os internautas escrevem, publicam e é por este mesmo fator que os internautas comentam, compartilham, curtem publicações.

No ciberespaço, a principal atuação das pessoas são suas palavras (RECUERO, 2009, p.27), portanto a percepção dos internautas como relação de um a outro é conduzida através do que postam, do que escrevem e do que significam através das palavras. Percebemos que há um esforço dos usuários para criar uma imagem do que acreditam do que lhes compõe e é considerando o que o outro poderá ver de si que isto se constrói.

Judith Donath (1999) sustenta que a percepção do Outro é essencial para a interação humana. Ela mostra que, no ciberespaço, pela ausência de informações que geralmente permeiam a comunicação face a face, as pessoas são julgadas e percebidas por suas palavras. Essas palavras, constituídas como expressões de alguém, legitimadas pelos grupos sociais, constroem as percepções que os indivíduos têm dos atores sociais. É preciso, assim, colocar rostos, informações que gerem individualidade e empatia, na informação geralmente anônima do ciberespaço. Este requisito é fundamental para que a

comunicação possa ser estruturada. (RECUERO, 2009, p. 27)

Na citação supracitada, Recuero cita Donath (1999) para falar sobre a interação humana no ciberespaço a partir da utilização da palavra e a criação de um tipo de ethos discursivo, que funciona como uma combinação das postagens, do uso da palavra, dos compartilhamentos nas redes sociais com sua imagem pessoal. Portanto o indivíduo nas redes se constitui a partir da imagem que cria para que o Outro perceba. Uma foto de uma influencer sobre questões ambientais está sempre enquadrada e relacionada a uma representação simbólica do meio ambiente, tal como suas postagens seguirão esta mesma lógica e, assim, suas aparições nas redes, seguirão esta lógica, mesmo que não represente fielmente o que ocorre no plano offline.

Apesar de considerar as postulações de Recuero (2009) sobre como se formam as redes sociais: a partir da conexão social no offline, é necessário discernir que, como expusemos com base no pensamento de Dias (2013) o meio digital tem sua própria construção. Ele parte de uma conexão social, na qual a ideia de rede não está relacionada com a informática, mas com uma ideia social de relação do homem com o outro homem, que de fato ocorre fora do plano do digital, contudo a partir do momento em que este indivíduo é inserido no meio digital e nas redes sociais, há uma predominância de digitalização dessa interação social.

Percebe-se que o homem no meio digital e, por consequência, nas redes sociais, produz para ser visto, produz para mostrar e produz participando de um jogo de utilizações informáticas e tecnodiscursivas, parafraseando Paveau (2021), não transportando exatamente o que se faz fora das redes (offline) para as redes sociais, mas se construindo a partir do lugar no qual está inserido.

A concepção do Outro nas redes é primordial, como exposto, o homem nas redes produz para mostrar, como no caso de uma postagem o Facebook sobre um evento acadêmico na qual o indivíduo participa, ele genuinamente produz a postagem para (i) participar do jogo enunciativo das redes: manter o perfil atualizado, visualizar postagens alheias e se constituir do mesmo e/ou em resposta ao proposto; (ii) enunciar: postar, mostrar, compartilhar de sua vida digital; (iii) interagir: esperar um comentário, uma *curtida*, um compartilhamento, como no caso das redes sociais atuais de maior expressão (Facebook, Instagram, Twitter). As concepções descritas acima corroboram com a citação de Recuero abaixo.

A ação de um depende da reação do outro, e há orientação com relação às expectativas. Essas ações podem ser coordenadas através, por exemplo, da conversação, onde a ação de um ator social depende da percepção daquilo que

o outro está dizendo. (RECUERO, 2009, p. 30)

Além desta consideração da autora sobre as redes sociais, é perceptível uma abertura para considerar a concepção dialógica da linguagem de Bakhtin, partindo do pressuposto que toda realidade é dialógica. Considerar o Outro seria andar no fio do dialogismo, entendendo que o sujeito se constitui a partir do outro, assim o meio digital não estaria diferente deste pensamento, pelo contrário, a materialização presente no discurso digital é que nos propõe a analisar este dialogismo latente.

Prosseguindo com esta ideia, se colocarmos a pensar na forma como uma rede social como o Twitter ou Facebook é perceptível a noção de que nestas redes, os usuários se compõem das postagens alheias, dos comentários e interações que o outro lhe direciona. A percepção é importante nas redes, perceber o outro e ser percebido, naturalmente este processo resultará numa enunciação direcionada para esta percepção.

A partir destas considerações do que são as redes sociais, cabe tratar singularmente sobre cada rede social digital que se faz relevante para esta pesquisa, no caso em específico, Twitter e Facebook, que aparecem como duas das principais redes sociais utilizadas e conhecidas mundialmente por milhões de usuários, apresentando-se como espaços digitais de enunciação discursiva, mais especificamente, lugar de materialização do corpus desta pesquisa.

### **2.3 O TWITTER ( X )**

A rede social Twitter foi criada em 2006 e tem o funcionamento baseado na ideia de um microblog, na qual os usuários podem compartilhar seus pensamentos, opiniões, notícias e diversos tipos de mídias no meio digital, sendo exatamente o produto final entregue pela web 2.0, na qual os sujeitos na web tiveram acesso não apenas ao que era veiculado por lá, mas puderam, não só visualizar, como criar conteúdos para as redes. No ano de 2023, o Twitter foi comprado pelo empresário americano, Elon Musk, que alterou o nome da rede para “X”, fazendo relação com o nome de outras empresas de sua posse. Apesar disto, o nome “Twitter” ainda aparece no contexto digital, inclusive na própria rede social, como mais comumente utilizado para se referir à plataforma.

A interação entre os usuários também é uma das principais características da web 2.0, no que se refere a oportunizar aos usuários interagirem entre si, criando um espaço digital no qual a distância geográfica existente fora dele, não seja problema para participar de discussões,

criar comunidades virtuais e fazer parte de sites e blogs, redes sociais e plataformas de compartilhamento de conteúdo, como o Youtube.

A partir desta interação na web, os usuários comuns tomam posse de um lugar virtual que não existia: do aparecimento na cena discursiva. É muito comum que usuários nas redes possam se tornar influentes dentre elas, passando de uma para outra no espaço da web. Estes usuários não são influentes anteriormente à web, mas se tornam influentes a partir dela, como comentado, por fatores como o espaço geográfico que não se apresenta como um fator limitante para a fala deste usuário, sendo uma fala ampliada mundialmente nas redes, que acaba encontrando pares e simpatizantes para os discursos veiculados por estes sujeitos ordinários.

Em suma, a web 2.0 alterou a forma com que os usuários lidavam com a internet, saindo de uma cena passiva, para atuante. A partir deste momento, os usuários puderam se tornar influentes e passaram, também, a criar conteúdos que alimentam as redes, portanto, tornaram-se sujeitos dotados de voz, que passam a lidar com a sua dupla existência: do mundo real e do mundo digital, cada um com suas características e regras sociais definidas.

É neste contexto da web 2.0 que surge o Twitter. O Twitter, como uma rede social, possui características que são pertinentes para a AD. Uma das principais características é a limitação de caracteres em cada *tweet*, inicialmente com 140 caracteres e posteriormente aumentado para 280 caracteres. Essa restrição de espaço impõe aos usuários a necessidade de condensar suas mensagens, o que pode influenciar na forma como o discurso é estruturado e na escolha de palavras e expressões.

Além disso, o Twitter é conhecido por sua natureza de tempo real. Os *tweets* são publicados instantaneamente e são exibidos em ordem cronológica, criando uma atmosfera de imediatismo na disseminação de informações e opiniões. Isso pode afetar a forma como o discurso é construído, uma vez que os usuários são encorajados a responder rapidamente a eventos e tópicos em discussão, muitas vezes gerando um discurso fragmentado e reativo.

O uso generalizado de *hashtags* é outra característica do Twitter. As *hashtags* são palavras-chave precedidas pelo símbolo "#" (SILVA, 2023) e são utilizadas para categorizar e agrupar *tweets* relacionados a um determinado tema. Essa prática pode ser relevante para pesquisas em Análise do Discurso, uma vez que permite identificar discussões e debates em torno de tópicos específicos, facilitando a análise das diferentes perspectivas e posicionamentos presentes na plataforma.

Por fim, o Twitter – atualmente, denominado “X” – é uma rede social aberta, na qual qualquer usuário pode interagir e responder aos tweets de outras pessoas, independentemente de sua posição social ou status. Essa característica democratizante pode influenciar o discurso, uma vez que permite a participação de diversos atores sociais e a circulação de diferentes vozes e opiniões. No entanto, também pode levar a conflitos e debates acalorados, já que as interações podem ocorrer entre pessoas com visões opostas.

O discurso no Twitter e seu papel como principal instrumento de funcionamento da rede, sob a perspectiva da ADF, são tópicos de grande relevância para compreender a dinâmica dessa plataforma de mídia social. Neste texto, exploraremos a forma como o discurso circula no Twitter, destacando a influência da estrutura da plataforma, a interação entre usuários, a presença de hashtags e a questão do poder discursivo.

O Twitter é conhecido por sua natureza de tempo real, em que as mensagens são publicadas instantaneamente e exibidas em ordem cronológica. Essa característica impacta diretamente a circulação do discurso, pois as informações e opiniões são disseminadas quase que imediatamente. Isso cria um ambiente em que os usuários são encorajados a responder rapidamente a eventos e tópicos em discussão, gerando um fluxo constante de mensagens e conversas fragmentadas.

A limitação de caracteres em cada tweet, inicialmente com 140 caracteres e posteriormente aumentado para 280 caracteres, também influencia a forma como o discurso circula no Twitter. Essa restrição de espaço requer dos usuários a habilidade de condensar suas mensagens de forma concisa e impactante. A escolha de palavras, a economia de linguagem e a utilização de abreviações são estratégias frequentemente adotadas para se ajustar a essa limitação, afetando a estrutura e o estilo do discurso na plataforma.

A interação entre usuários é um aspecto central do funcionamento do Twitter. Os usuários podem responder a *tweets*, mencionar outros usuários e compartilhar conteúdo por meio de retweets. Essas interações são fundamentais para a propagação do discurso na plataforma, pois permitem que as mensagens sejam amplificadas e ganhem visibilidade através da rede de seguidores de cada usuário. A interação também possibilita o surgimento de discussões, debates e diálogos, contribuindo para a formação de comunidades e redes de relacionamentos.

As *hashtags* desempenham um papel significativo na circulação do discurso no Twitter. Elas são palavras-chave precedidas pelo símbolo "#" e são usadas para categorizar e

agrupar tweets relacionados a um tópico específico. Além disso, as *hashtags* são poderosas ferramentas de organização e indexação do discurso na plataforma, permitindo a identificação de discussões e debates em torno de assuntos específicos. Elas possibilitam a participação em conversas globais e a descoberta de conteúdo relevante por meio de tendências e tópicos populares.

Sob a perspectiva do discurso no Twitter, também envolve a consideração do poder discursivo presente na plataforma. O Twitter é um espaço onde diferentes atores sociais têm a oportunidade de expressar suas vozes e opiniões, muitas vezes em pé de igualdade, independentemente de sua posição social ou status. Isso contribui para a democratização do discurso e para a diversidade de perspectivas. No entanto, é importante reconhecer que nem todos têm a mesma influência e alcance. Algumas contas têm maior número de seguidores e, portanto, maior capacidade de disseminar seu discurso e influenciar o debate público.

Além disso, a questão do poder discursivo também está presente na forma como as informações são filtradas e apresentadas aos usuários no Twitter. O algoritmo da plataforma pode influenciar a visibilidade do discurso, privilegiando determinados conteúdos em detrimento de outros. Isso pode impactar a diversidade de vozes e a pluralidade de discursos que são expostos aos usuários, criando bolhas de opinião e limitando a amplitude do debate.

Em resumo, o discurso no Twitter é influenciado pela natureza de tempo real da plataforma, pela limitação de caracteres, pela interação entre usuários e pela presença de *hashtags*. A Análise do Discurso no Twitter, sob a visão da AD francesa, requer a consideração do poder discursivo presente na plataforma e das dinâmicas de visibilidade e filtragem da informação. Compreender como o discurso circula no Twitter é essencial para uma análise crítica e aprofundada dos discursos produzidos e compartilhados nessa rede social.

## **2.4 O FACEBOOK**

O Facebook é uma das maiores redes sociais do mundo, com uma ampla base de usuários. Seu funcionamento é baseado na criação de perfis pessoais, nos quais os usuários podem compartilhar textos, fotos, vídeos e interagir com amigos e seguidores. Uma das principais características do Facebook é o seu *feed* de notícias, uma seção central onde são exibidas as atualizações de status, fotos e vídeos compartilhados pelos contatos. Para esta dissertação, o Facebook aparece como um espaço de materialização multimodal de grande

alcance, tendo usuários que também podem receber conteúdo, bem como podem criar, isto é, enunciar o seu discurso.

No que diz respeito ao discurso, o Facebook desempenha um papel significativo na disseminação de informações e na expressão de opiniões e oferece um espaço para a troca de mensagens e comentários, permitindo que os usuários interajam e participem de discussões. Uma característica importante do discurso no Facebook é a possibilidade de compartilhamento de conteúdo. Os usuários podem postar links, artigos, vídeos e outros materiais, o que influencia a disseminação de informações e a construção do discurso. As interações ocorrem por meio de comentários e curtidas, e a popularidade de um post é medida pelo número de reações que recebe.

No entanto, é importante considerar a questão da filtragem algorítmica no Facebook. O algoritmo da plataforma seleciona e exibe o conteúdo com base em preferências e interesses dos usuários, o que pode levar à formação de bolhas de opinião e à limitação da exposição a diferentes perspectivas. Sob a perspectiva da AD, é fundamental analisar como o discurso circula nessa rede, considerando o compartilhamento de conteúdo, as interações entre os usuários e os efeitos da filtragem algorítmica. Essa análise permite compreender as dinâmicas discursivas e as representações sociais presentes no Facebook, contribuindo para uma visão crítica e aprofundada do funcionamento dessa rede social.

Um dos aspectos mais importantes para analisar o discurso no Facebook não são somente as postagens dos usuários ou a atuação do algoritmo na apresentação de conteúdo para a apreciação dos usuários, mas sim a presença dos comentários. O comentário funciona nesta rede como porta de entrada para a materialização do discurso ordinário, sendo colocado de forma relacional nas postagens, uma vez que é a partir delas que o comentário acontece, o que faz Paveau (2021) considerar o comentário, um tecnodiscurso pois é produzido num espaço digital restrito e específico e, além disto, em um ecossistema digital que está conectado com diversas outras informações. Segundo Paveau (2021), a conversacionalidade do comentário é uma de suas características principais, uma vez que ele advém de um tecnodiscurso primeiro, um post da imprensa, uma propaganda, uma postagem de outro usuário.

O comentário é, além de tudo, ampliado e colaborativo, pois ele amplia o primeiro discurso, trabalhando em conjunto com a primeira produção, dando a impressão para o usuário que o produz, que aquilo é um texto fechado de sua idealização, mas que na realidade está compondo uma rede ampliada de outros textos sobre o texto fonte. Além disto, há certa

colaboração dos comentários, partindo um do outros, concordando e discordando um do outro, seguindo uma lógica no espaço em que está posto, para enunciar.

É importante para esta pesquisa considerar as redes sociais Twitter e Facebook, detalhadas nos parágrafos anteriores, como campos de acontecimento discursivo (MAINGUENEAU, 2017, p. 68), por sua imbricação política. A *cultura do cancelamento* é um acontecimento político, no qual os sujeitos evidenciam seus posicionamentos de lutas diárias e defesas de posicionamentos de acordo com suas ideologias. Enunciar nas redes, de nosso ponto de vista, é um ato político, no qual os atores do discurso tentam, através das relações de força, tomar a cena, significar mais que o outro, dominar um discurso e rebaixar o outro. É na consideração das redes como campo discurso, que podemos passar a discutir os gêneros nas redes sociais.

## 2.5 O COMENTÁRIO E O ALGORITMO

O comentário no discurso digital como forma de dar voz ao leitor e comentador de conteúdo. O usuário da rede social ganha, através da possibilidade do comentário enquanto uma configuração digital, uma possibilidade de fazer parte daquilo que está sendo construído e publicado no mundo digital. Paveau (2021) afirma que o comentário é o lugar da exegese e da sugestão, algo que surgiu na Grécia por volta de VI a. C. Além de sua colocação filosófica e social, como citado pela autora, o comentário digital também possui características nativas do mundo digital. No mundo digital, o comentário pode ser encontrado nas publicações nas redes sociais, abaixo daquilo que foi produzido, bem como em blogs e sites de notícias.

O algoritmo, por sua vez, aparece como uma configuração digital que interfere diretamente no conteúdo dos quais os usuários mantêm contato. É o algoritmo que cria tipos de agrupamentos de conteúdos e outros usuários a serem seguidos em uma rede social ou até mesmo, a notícias a serem lidas pelos indivíduos no meio digital. Paveau (2021) afirma que:

No plano linguístico, os algoritmos podem ser considerados operadores de coerção discursiva e de instrução semântica, que como os pré-discursos, não têm existência linguageira, mas são ativados no nível da produção linguageira a partir de processos infra linguísticos [...]. (Paveau, 2021, p.40).

Deste modo, passamos a ter a noção de que as produções no meio digital não são realizadas de formas aleatórias, elas são conduzidas e suggestionadas pelos algoritmos presentes nas redes. Esta condição interfere diretamente no tipo de conteúdo que o usuário recebe, assim, interferindo na sua própria produção discursiva.

## 2.6 OS GÊNEROS DO DISCURSO NAS REDES SOCIAIS

Os seres humanos atuam, utilizando a linguagem, em diversas esferas de atividades, como a escola, a academia, a igreja, a família, o trabalho, entre outras. É nas esferas de atividade humana (BAKHTIN, 2020) que os falantes se comunicam, cada uma com sua especificidade no qual o uso da língua se dá sob a forma de enunciados que correspondem à vivência do homem em cada uma dessas esferas de atividade. O que interessa saber a respeito da utilização destes enunciados é que as interações realizadas dentro destas esferas, utilizando, em cada uma, os enunciados apropriados para cada situação. Tem-se, então, a noção de que os enunciados, no interior de esferas de atividade humana, são relativamente estáveis, mantendo regularidades de acordo com a finalidade da referida esfera.

A partir da concepção da interação discursiva entre os indivíduos, que se dá no interior de esferas de ação, utilizando enunciados concretos, é possível denotar que a concepção inicial para essa ideia é a de dialogismo, considerando que toda a composição da linguagem para o ser humano está relacionada com o outro e os gêneros do discurso são as modalidades da interação discursiva entre os falantes em todas e diferentes esferas da vida.

Os gêneros são tipos de enunciados relativamente estáveis, caracterizados por um conteúdo temático, uma construção composicional e um estilo. Falamos sempre por meio de gêneros no interior de uma dada esfera de atuação. (FIORIN, 2020, p. 69)

Para Bakhtin, os gêneros do discurso possuem estilos próprios de cada atividade humana, por exemplo: a escrita de uma carta segue uma ordem e “regras” que correspondem a sua própria composição, sendo assim uma esfera da comunicação humana, a comunicação por cartas. A aparição na TV, no rádio, nos jornais, cada uma segue uma ordem de utilização e de composição que representam cada um, um gênero do discurso. Em suma, a linguagem está inserida na vida por meio dos enunciados concretos que se materializam em gêneros do discurso.

A ideia de que os enunciados são relativamente estáveis aparece na concepção bakhtiniana de que os gêneros são mutáveis por sua característica histórica. O que se diz em determinada esfera de atividade, pode se alterar ao longo da história, mudando o tipo de enunciado que se produz. A produção é estável, mas não está isenta de ser alterada na historicidade. Além disto, Bakhtin (2016) enfatiza que existe uma infinidade de gêneros do discurso que correspondem à atuação humana em cada uma das esferas de atividade, que são

mutáveis, aparecendo novas esferas de atividade ao longo do tempo.

A heterogeneidade funcional (BAKHTIN, 2020), portanto, seria a forma como estes gêneros se diferenciam uns dos outros. O ser humano não detém apenas uma forma comunicacional, mas várias, as quais se diferenciam entre si. Essas práticas de linguagem obtidas nos gêneros correspondem à realidade e são entendidas nas práticas sociais em que surgem e pertencem, abarcando formas cotidianas da linguagem e formas mais complexas da linguagem, partindo da ideologia do cotidiano, materializada em cartas, conversas, fofocas e chegam até o meio acadêmico, jurídico e religioso.

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas acima de tudo, por sua construção composicional (...). Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso. (BAKHTIN, 2020, p.11-12)

A partir destes estudos sobre os gêneros discursivos, é importante nos colocarmos na perspectiva da existência de tais gêneros no meio digital, conforme temos comentado a partir dos trabalhos de Dias (2013), Recuero (2009) e Paveau (2021). É sabido da existência dos gêneros discursivos em cada esfera da comunicação humana, mas é importante discutir a existência destes gêneros nas redes sociais ou considerar a atividade humana nas redes sociais como um gênero próprio.

Para Araújo e Leffa (2016) não existem gêneros discursivos digitais, pois os gêneros discursivos se constituem a partir das esferas de atividade humana; citando o exemplo do gênero a esfera de atividade jornalística, instanciada em uma prática humana, e a partir desta esfera, se instituem os gêneros discursivos inseridos na prática jornalística.

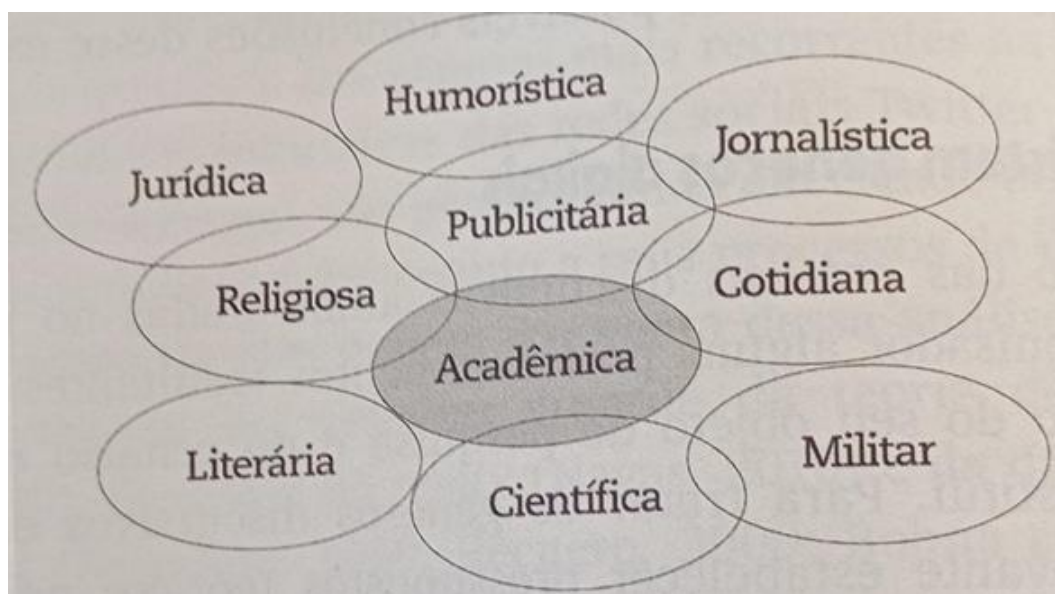
É seguindo este pensamento que é possível pensar em uma mistura de gêneros nas esferas de comunicação humana. É a partir disto que, para estes autores, é impossível pensar em gênero discursivo digital, pois a *web* e as redes sociais não comporiam um gênero independente, mas sim, contariam com uma mistura de gêneros nas redes, que de fato, compõe a comunicação neste espaço.

Nas redes sociais, é possível analisar que há, de fato, uma mistura de gêneros para cumprir a faculdade de comunicação do ser humano. Podemos passar a pensar em exemplos

como o de *chats* ou blogs virtuais, os quais não podemos afirmar que sejam gêneros discursivos digitais advindos da esfera da comunicação web 2.0; são, portanto, constituintes da web e estariam mais bem adequados à ideia da esfera cotidiana da atividade humana, uma vez que a constituição de blogs e *chats* se dá a partir de conversas sobre temas variados, pouco complexos, contando com humorização e linguagem coloquial.

Para Araújo e Leffa (2016, p. 52), a web não pode ser considerada uma esfera de atividade humana, mas sim um ambiente plural onde vários gêneros discursivos aparecem a partir da comunicação dos sujeitos neste espaço. A partir desta hipótese, há um processo de digitalização, conforme vimos anteriormente (DIAS, 2013), no qual os gêneros são transportados da realidade concreta para o meio digital e, mesmo que neste processo de digitalização haja mudanças e adaptações no discurso, não se considera a web como uma esfera de atividade, mas um suporte para essas atividades.

Figura 6 - Esferas da comunicação



Fonte: ARAÚJO e LEFFA (2016).

A consideração supracitada é importante para se pensar a forma plural que a web e, consequentemente, as redes sociais, enquadram nos diversos modos da atividade humana com a linguagem. A partir de *post* nas redes sociais ou a participação em um *chat on-line*, o sujeito pode evocar várias esferas de atividade, como a humorística, a acadêmica, jornalística etc. O que tange a esta pesquisa é analisar justamente estas manifestações nas redes, entendendo-as como diversas em sua composição.

Por outro lado, é possível analisarmos a forma como a mistura de gêneros nas redes sociais compõe uma nova forma de atividade do discurso. Em contraponto com as idealizações de Araújo e Leffa (2016), que não consideram a web como uma esfera de atividade humana, podemos pensá-la como uma esfera de atividade legítima, uma vez que não há apenas uma mistura de gêneros na *web* e nas redes, mas a utilização de diversas esferas e gêneros a expressão e interação verbal neste campo.

O usuário da *web* não só utiliza os gêneros do discurso de forma ordenada em cada um de seus posts, mas proporciona a este ambiente uma forma multimodal de expressar-se, mas que não termina justamente nesta caracterização multimodal, pois invoca diferentes esferas de atividade para o produzir o discurso. É comum, inclusive, visualizar nas redes, a utilização, pelos sujeitos, de um discurso mais academicista para falar sobre temas como *a cultura do cancelamento*, mas também, juntamente com este mesmo gênero complexo, utilizar a esfera humorística para significar nas redes, utilizando imagens, vídeos, *gifs*, ou sons para dar ênfase em seus discursos, mesmo que o objetivo principal seja refletir criticamente, se aproximando do discurso acadêmico, nas redes.

Além do mais, há uma fala ampliada, como podemos observar nas análises de Paveau (2021), na qual os sujeitos, usuários das redes sociais, não produzem ou escrevem para si, mas para os outros usuários presentes nesta mesma rede. Por mais que possamos pensar na questão do auditório para quem o sujeito enuncia o discurso, as redes sociais exemplificam perfeitamente este acontecimento, uma vez que isto é material e concreto nas redes, passível de ser consultado. Fora da *web*, o sujeito produz para alguns, mas, na *web*, ele produz para uma infinidade de outros sujeitos.

A partir disto, colocamos a questão de que, por esta caracterização da atividade do sujeito na *web*, é possível ensaiar que este campo não só se caracteriza como mero suporte para outras esferas da atividade humana, mas também cria um novo ambiente para esta nova atividade, por mais que não consigamos pensar em gênero digital ainda, o que demandaria uma outra pesquisa culminar em resultados possíveis de afirmar isto. Diferente do que ocorre quando nos colocamos a pensar a questão da *web* como uma esfera da atividade humana, pois há a transformação do comportamento dos falantes neste ambiente, não apenas transmutação ou digitalização do comportamento exterior a ela. Esta diferença no comportamento do sujeito na *web*, que ousou aqui caracterizar como uma esfera da atividade humana, molda um novo comportamento digital, que se resume aos pontos a seguir:

- I. A ampliação do discurso: o sujeito digital não só produz o seu discurso na *web* (como um meio para isto), mas produz o seu discurso para a *web*, que conta com características próprias para recebê-lo, sendo a aplicação, o direcionado do discurso para vários outros usuários.
- II. O julgamento: a partir da ampliação, o discurso que chega a vários usuários, passa pelo processo de julgamento, de curadoria, por parte dos próprios usuários, que partem de suas Formações discursivas para realizar este processo.
- III. O diálogo antecipado: como comentado a partir da noção de dialogismo proveniente do pensamento de Bakhtin, mesmo realizando esta operação mental de se antecipar ao julgamento alheio, seja para agradar ou desagradar, fora das redes, o sujeito do discurso digital, se coloca numa posição material desta antecipação, uma vez que o resultado do julgamento e curadoria pelo qual passará, é posto visualmente na interação digital a partir de reações (no *Facebook* ) e *likes* e *retweets* no *Twitter*, por exemplo.
- IV. O auditório social: o auditório social, no caso da Web se colocará como pré-requisito para a formulação do discurso, não apenas com a consideração do sujeito para formulá-lo, mas a espera, claramente, de aprovação nas redes que culmina em popularização de seus dizeres. Um dizer popular nas redes sociais, é um dizer legitimado, mesmo que careça de conexão com a realidade. É o auditório que classifica a qualidade.

Considerando os pontos elencados, concluo serem reflexões possíveis para se pensar na web e no digital como esferas de atividade humana, pois claramente não há apenas uma transmutação do que fora dela acontece, para lá, mas sim uma transformação no comportamento dos sujeitos para atuar dentro dela, assim, partindo da noção de cada campo da atividade humana, dizer em um tribunal é diferente de dizer em uma sala de aula, tal como é diferente do dizer jornalístico e, assim, diferente do dizer na web, mesmo que haja uma mistura de gêneros do discurso por lá, mas que justamente é esta mistura e as demais características que pontuamos acima, que caracterizam este espaço como uma atividade independente, mesmo que interligada com outras.

### CAPÍTULO 3: A COMPOSIÇÃO DO CANCELAMENTO

Neste capítulo tratamos de explicar o funcionamento discursivo da cultura do cancelamento na rede social Twitter (X) a partir dos estudos do discurso de Michel Foucault (1970), que nos proporciona uma visão filosófica sobre o discurso nas sociedades, que inclusive denota a escolha da interpelação do objeto da cultura do cancelamento nesta pesquisa, que está apoiada numa relação filosófica do discurso com a sociedade, entendendo que o discurso tem uma ordem e suas significações não datam de hoje, mas sim de uma sequência histórica e contínua.

Busca-se explorar e definir o conceito de cancelamento na área dos estudos discursivos, apoiado na consideração da existência de um tribunal da internet, que julga os sujeitos no meio digital, por suas ações dentro e fora dele, sendo um processo de espelhamento da vida real, que é levado para o Twitter para realizar um julgamento de tais ações, sendo a pena, o cancelamento e o linchamento virtual.

A partir deste estado de coisas, recorreremos à obra *A Ordem do discurso*, de Michel Foucault (1970), para explorar as noções de uma continuidade do discurso, de seus ritos e funcionamento, apoiados em sistemas de exclusão internos e externos, que denotam o funcionamento do discurso em um estado fechado ao que é externo e utilizado no ato de excluir aqueles que não pertencem ao mesmo grupo social.

A culminância dos ritos de exclusão do discurso, segundo nossa hipótese, são formas de silenciamento e censura do discurso alheio, que ocorrem nos embates entre as formações discursivas, denotando uma relação de forças e estabelecendo o que pode e o que não pode ser dito, considerando-se a posição do sujeito nas FDs e nos limites que a troca discursiva permitem. O silenciamento se manifesta em forma de censura, advinda do tribunal da internet, e funciona como uma imposição unilateral de um dos polos discursivos que considera apenas as suas posições como possíveis.

Seguindo a noção de silenciamento no jogo discursivo, não é possível ignorar a vontade de verdade, conceito de Foucault (1970), para fazer uma relação com o que se deseja entre os sujeitos que cancelam o outro discursivo: sua vontade de verdade é, dentro dos limites do narcisismo, impor sua visão de mundo sobre outra, não necessariamente sendo um jogo sádico, mas sim um conjunto de crenças ideológicas, experiências pessoais, o lugar de fala e sua própria formação discursiva perante outra. Sua vontade de verdade é significar mais perante um ideal

de verdade, sendo ela, aquilo que mais se aproxima da realidade.

### **3.1 O CANCELAMENTO COMO UMA ORDEM DO DISCURSO**

O filósofo francês Michel Foucault realiza um estudo sobre o discurso que não é o mesmo estudo da Análise do discurso materialista de Michel Pêcheux, que se apoia na língua para realizar a análise do discurso constituído na sociedade. Na obra de Foucault, o que importa são as relações de poder constituídas historicamente nas sociedades, realizando uma relação entre poder e discurso/linguagem nas relações humanas.

Seguindo o caminho da observação do discurso na sociedade, remetemo-nos à obra *A Ordem do discurso* (1970) de Michel Foucault para observar suas definições de como o discurso se movimenta nas relações humanas. É importante observarmos qual é a concepção de Foucault sobre a produção discursiva:

... é um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa. (FOUCAULT, 2008, p. 133)

Observa-se que o autor define a produção discursiva como anônima, remetendo que os sujeitos do discurso não são a origem do dizer, em outras palavras, não há um autor possível de se localizar na produção discursiva, mas sim um movimento histórico, no qual o discurso se movimenta no tempo e significa. Nota-se, também, que a prática discursiva é definida como “um conjunto de regras”, isto é, a produção discursiva não é livre para ser (re)produzida, mas segue uma ordem que histórica e pré-determinada.

Voltando a pensar na obra *A Ordem do discurso* (1970), Foucault, ao proferir sua fala em aula inaugural como professor do Collège de France, reflete sobre a inquietação de ter o desejo de visualizar o outro lado do discurso sem considerar o que ele teria de “terrível” e “maléfico”, denotando que o discurso não é transparente e sua materialidade é mais profunda e controlada.

Nesta obra, Michel Foucault trata sobre a sociedade ser controlada por regras que determinam o que pode e o que não pode ser dito, isto é, em cada conjuntura e em cada situação, o discurso é controlado e possui suas próprias regras e ritos para que alguém possa tomar a palavra. Não há uma liberdade de circulação do discurso, mas sim que ela é moldada na sociedade. Foucault denomina como sistemas de exclusão os procedimentos nas quais as regras e ritos do discurso se manifestam para controlar o seu aparecimento e a tomada da palavra.

[...] suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 2019, p. 6-7)

Assim, na citação supracitada, podemos visualizar que o controle na produção do discurso não é apenas uma prática regulada na história, mas uma forma de manifestação do poder na sociedade, trazendo consigo implicações políticas, sociais e culturais, sendo o discurso não apenas uma abstração intelectual na linguagem, mas uma ferramenta que influi na sociedade.

A possibilidade de enunciar um discurso é controlada, não se pode dizer tudo e qualquer coisa em qualquer lugar, é necessário seguir as regras de controle do discurso. Para cada discurso, é necessário seguir os seus rituais e regras para que seja enunciado. Nas redes sociais, mais especificamente no Twitter, há uma multiplicidade de discursos que circulam e para cada um desses múltiplos discursos, mesmo no meio digital, é necessário seguir seus ritos e regras, isto é, a própria FD, bem como uma noção de posicionamento, no qual os membros dessa FD não devem fugir ou deixar de se posicionar. Não se encontrará no Twitter, um artigo acadêmico ou uma reportagem completa como de um jornal, mas será possível encontrar comentários e posts, que mesmo em sua simplicidade de gênero (evoca-se Bakhtin) é necessário seguir uma ordem para enunciar o discurso.

Deste modo, retornamos aos sistemas de exclusão do discurso, sendo o primeiro, a *proibição*. Este primeiro modo de rarefação do discurso aparece como forma de proibir a utilização do discurso em determinadas conjunturas, ou seja, a forma de produção do discurso não é aleatória, mas segue seus rituais. Não é possível, por exemplo, entrar em uma sede de um partido de direita e realizar a leitura e defesa da obra de Karl Marx, pois nesta conjuntura, a ordem do discurso já é determinada, regulada e controlada; e uma atuação como a do exemplo seria inapropriada e aleatória. Até mesmo o aparecimento aleatório do discurso é dominado.

Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. Tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo que fala: temos aí o jogo de três tipos de interdições que se cruzam, se reforçam, ou se compensam, formando uma grade complexa que não cessa de se modificar. (FOUCAULT, 2019, p. 7)

Na citação supracitada, além de reforçar a ideia que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, é possível notar que as interdições não manifestam apenas uma forma de controle da enunciação discursiva, mas também a sua ligação com o desejo e com o poder:

“o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar.” (FOUCAULT, 2019, p. 7). O controle é uma manifestação do desejo psicanalítico de poder.

A segunda forma de exclusão do discurso é a *separação* entre a razão e a loucura, no qual o discurso do louco é marcado de maneira distinta em comparação com o discurso considerado “normal” na sociedade. Na Idade Média, o louco detinha uma palavra sem valor, nula, que não carrega os mesmos direitos que de uma outra fala. Além disto, por um outro lado, o discurso do louco poderia ser considerado como uma fala verdadeira, sem amarras sociais, que poderia pronunciar o futuro e deter uma sabedoria que fugiria ao comum, podendo visualizar o que os outros não conseguiriam, conforme podemos ver na citação abaixo:

Desde a alta idade Média, o louco é aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros: pode ocorrer que sua palavra seja considerada nula e não seja acolhida, não tendo verdade nem importância, não podendo testemunhar na justiça, não podendo autenticar um ato ou um contrato (...) Pode ocorrer também, em contrapartida, que se lhe atribua, por oposição a todas as outras, estranhos poderes, o de dizer uma verdade escondida, o de pronunciar o futuro, o de enxergar com toda ingenuidade aquilo que a sabedoria dos outros não pode perceber (...) De qualquer modo, excluída ou secretamente investida pela razão, ela não existia”. (FOUCAULT, 2019, p. 7-8)

Passou-se, nos dias atuais, a ouvir a voz do sujeito considerado “louco” a partir dos saberes da clínica psicanalítica, dos saberes da psiquiatria e da psicologia, porém é necessário pensar na rede de instituições necessárias para ouvir esta palavra, que é um espaço circunscrito nos moldes da clínica e técnicas do estudo da mente, como afirma Foucault: “E mesmo que o papel do médico não fosse senão prestar ouvido a uma palavra enfim livre, é sempre na manutenção da censura que a escuta se exerce” (FOUCAULT. 2019, p.8).

Ao marcar um outro sujeito como louco, a *separação* entre aquilo que pode ser considerado é aquilo que deve ser desconsiderado é realizada, sendo a palavra do louco, uma palavra nula que não detém poder na sociedade, está separada e afastada a partir de uma consideração externa da ordem do discurso a que interessa manter fora de circulação esta palavra. Mesmo na Idade Média, quando esta palavra era excluída ou nos dias atuais em que os saberes da clínica existem, a palavra do louco ainda é marcada ou por uma exclusão profunda ou por um controle marcado e regido pela ordem do discurso (considerando os saberes acadêmicos).

O terceiro procedimento externo de controle do discurso, ou seja, de exclusão, seria a *vontade de verdade* que advém da separação entre o verdadeiro e o falso, que é uma consideração

que não é nem arbitrária, nem modificável, segundo Foucault (2009). A vontade de verdade, então, seria a vontade do saber verdadeiro, de se estar em busca de enunciados que sejam “verificáveis”, ou seja, estaria em oposição a um discurso considerado falso.

Separação historicamente construída, com certeza. Porque, ainda no século VI, o discurso verdadeiro no sentido forte e valorizado do termo, o discurso verdadeiro pelo qual se tinha respeito e terror, aquele ao qual era preciso submeter-se, porque ele reinava, era o discurso pronunciado por quem de direito: (...) Ora; eis que um século mais tarde, a verdade a mais elevada já não residia mais no que era o discurso, ou no que ele fazia, mas residia no que ele dizia: chegou um dia em que a verdade se deslocou do ato ritualizado, eficaz e justo, de enunciação, para o próprio enunciado: para seu sentido, sua forma, seu objeto, sua relação e sua referência (FOUCAULT, 2019, p. 9-10)

Em tempo anterior, a verdade atribuída ao discurso estava relacionado, conforme presente na citação, “quem de direito”, ou seja uma autoridade moral ou religiosa que poderia enunciar um discurso sem compará-lo com algo falso, sem se preocupar com o fator verificável de sua afirmação, ou seja, esta posição da *vontade de verdade* de opor os enunciados ao que seria falso, é algo historicamente construída e, neste sentido, a vontade de verdade deslocou-se da condição de ato, do ritual, para o próprio enunciado que é colocado à prova.

A vontade de verdade nos coloca, então, sempre à prova dos enunciados, não aceitando mais uma posição hierárquica, mas é questionada e submetida a uma avaliação mais crítica da sociedade, sempre em busca de uma posição de “contraprova”. Um exemplo deste acontecimento é justamente a cultura do cancelamento nas redes sociais, nas quais os sujeitos sempre procuram significar mais que a posição do outro e, para isto, utilizam a vontade de verdade para realizar um julgamento do enunciado com quem têm contato, ela então funciona como uma forma de exclusão do enunciado alheio, como forma de coerção, uma vez que, nesta prática de cancelamento, as opiniões divergentes são silenciadas, após passarem neste processo de exclusão pela verdade.

Ainda na obra *A Ordem do discurso*, Michel Foucault (1970) apresenta as formas internas de rarefação do discurso. A primeira delas, seria o *comentário* que tem o seu modo de rarefação definido a partir da manutenção de um ponto de vista presente neste discurso. Foucault comenta haver esta rarefação, principalmente, em textos jurídicos, textos bíblicos, textos literários. O sujeito que toma a palavra, realiza o comentário sobre estes textos canônicos, porém devem conservar o que há de dito neles, cujo objetivo é conservar o ponto de vista inicial, controlar a circulação desse discurso mantendo o que nele há de sagrado ou rico (FOUCAULT, 2019, p. 22).

Outra rarefação do discurso do ponto de visto interno é a percepção do *autor* que pronuncia e escreve um texto, não como um sujeito falante, mas “como um princípio de agrupamento do discurso” (FOUCAULT, 2019, p. 14), no qual utilizamos o nome do autor e sua noção de autoria como forma de evocar todas as significações que o seu nome carrega, utilizado justamente para julgar se um enunciado pertence ou não a determinado autor, relevando a rarefação desta prática.

A forma de rarefação interna do discurso que mais nos interessa é a *disciplina*, que molda o discurso segundo regras estritas do seu próprio agrupamento. Foucault destaca que no contexto disciplinar, o foco não é o descobrimento de um novo sentido, mas sim a repetição de uma identidade já estabelecida. A rarefação está presente na própria forma de repetição da identidade da disciplina, criando um efeito de verdade nesta identidade, excluindo aquilo que lhe é estranho, conforme vemos na citação abaixo.

Em uma disciplina, diferentemente do comentário, o que é suposto no ponto de partida, não é um sentido que precisa ser redescoberto, mas uma identidade que deve ser repetida, é aquilo que é requerido para a construção de novos enunciados" (FOUCAULT, 2019, p. 16)

Finalizando então o estudo sobre as rarefações internas do discurso, Foucault ainda nos apresenta outras observações para notar a rarefação do discurso, que seriam as condições de possibilidade do discurso. A primeira delas seria o *ritual*, no qual Foucault nos traz a percepção de que há uma qualificação nos indivíduos que tomam a palavra, isto é, há uma investidura social que culmina no discurso do sujeito, seja ele um juiz, um médico, um filósofo, são todos autoridades que utilizam suas investiduras e posições sociais e dos saberes da posição para proferir um laudo, uma sentença, um comentário sobre determinadas situações.

O sujeito médico é socialmente conhecido como aquele que é capaz de opinar sobre uma doença e definir uma situação médica, assim como um juiz tem sua investidura para dar uma sentença, isto chamamos, então, do ritual presente na ordem do discurso. Por trás do médico, há os saberes das disciplinas médicas e o ritual do consultório, da clínica, das vestimentas médicas, tudo que corrobora para a criação de um ethos retórico que chancele sua palavra.

O ritual define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam (...); define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo conjunto de signos que devem acompanhar o discurso (FOUCAULT, 2019, p. 20)

Uma outra condição de possibilidade que torna o discurso rarefeito são as sociedades de discurso, que seriam grupos que detêm um conhecimento, um segredo que fica internamente guardado, rarefeito dentro do próprio grupo como um saber secreto.

É certo que não mais existem tais ‘sociedades do discurso’, com esse jogo ambíguo de segredo e de divulgação. Mas ninguém se deixa enganar; mesmo na ordem do discurso verdadeiro, mesmo na ordem do discurso publicado e livre de qualquer ritual, se exercem ainda formas de apropriação de segredo e de não permutabilidade (FOUCAULT, 2019, p. 21)

Na citação anterior, Foucault destaca que a existência das sociedades de discurso é bem antiga e que hoje não mais existem como existiram anteriormente, contudo, ainda é possível notar em nossa sociedade formas de apropriação de segredos que são restritos a certos grupos. Podemos pensar no exemplo presente na obra sobre os rapsodos, que detinham o conhecimento de poemas arcaicos, no qual, pela condição de segredo destas obras, somente estes grupos detinham esse conhecimento e poderiam propagá-lo.

A partir deste estado de coisas, podemos compreender a cultura do cancelamento como uma forma de exclusão do discurso, com base nas considerações de Foucault sobre a ordem do discurso. É possível realizarmos esta aproximação a partir da noção dos sistemas de exclusão e das regras e ritos que o discurso possui em sua ordem. A vontade de verdade, inclusive, aparece na sociedade contemporânea das redes sociais, na qual há a todo momento a busca por enunciados verificáveis, que causa um efeito de desafio entre os sujeitos do discurso, ocupantes do espaço virtual, que buscam o embate para questionar e duvidar das afirmações alheias.

As práticas de cancelamento, portanto, podem ser consideradas uma forma contemporânea de controle do discurso, na qual os sujeitos impõem regras e rituais para determinarem o que pode e o que não pode ser dito, levando a um jogo entre o verdadeiro e falso nas produções discursivas produzidas na internet. Visualizamos este movimento como o uso da vontade de verdade, na qual os sujeitos tentam conservar a ordem do discurso a qual pertencem ou realizam a conservação.

Um sujeito que pretende cancelar o outro, busca, de uma forma ou de outra, colocar à prova a alegação alheia e conservar os saberes que utiliza para produzir o seu discurso. No caso do cancelamento de Lilia Moritz Schwarcz, podemos ver que há uma busca pela conservação das verdades “hegemônicas” – que utilizaremos aqui como formas de rarefação do discurso – sobre as discussões sobre racismo e da cultura negra e africana, na qual parte dos sujeitos busca conservar sua visão sobre o assunto e impedir a infiltração de uma outra visão no debate.

As formas de rarefação do discurso, assim, aparecem como possibilidades para desmembrar o funcionamento do cancelamento e das práticas da cultura do cancelamento no meio digital. Há a presença entre poder, discurso e controle social que moldam as interações

*on-line* dos sujeitos; sendo uma forma de rarefação do discurso, o cancelamento interfere na forma com que a interação online funciona, assim podemos considerar que o cancelamento realiza uma instrumentalização da liberdade de expressão utilizando formas de exclusão para realizar a conservação de suas verdades hegemônicas,

Cabe, então, nesta pesquisa, aproximar cada um dos sistemas de exclusão do discurso com a cultura do cancelamento, para que possa ser realizado o objetivo específico desta pesquisa que é explicar o funcionamento do cancelamento.

Sendo a exclusão o primeiro processo de exclusão do discurso, podemos inferir que as conjunturas nas quais pretende-se produzir ou circular o discurso realizam este processo de exclusão, assim, é possível verificar que o meio digital constitui espaços discursivos digitalizados que são frequentados pelos sujeitos no meio digital. Estes espaços constituem-se como conjunturas que abarcam formações discursivas, isto é, uma página sobre igualdade e tolerância ou em um fórum, é possível se imaginar que será frequentada por sujeitos que pertencem à mesma formação discursiva da página, que podemos imaginar que possa ser uma formação discursiva comum a sujeitos de esquerda, destacando que a conjuntura também é um ambiente político.

Não é possível realizar, de forma bem-sucedida e apoiada, um comentário que vá em uma direção diferente da ideia de igualdade e tolerância no ambiente em que ela é cultivada e produzida. Isto mostra que o ambiente virtual, apesar de ampliado e diverso, não funciona como uma grande área onde há mistura de conteúdo, mas também agrupamentos e ambientes frequentados diariamente pelos usuários. A proibição, portanto, ampara a cultura do cancelamento de acordo com a conjuntura de produção dos discursos.

A separação entre a razão e a loucura aparece como uma forma de marcação de outros sujeitos ou outra formação discursiva como um discurso do louco. Deste modo, ao considerar que o discurso do louco é nulo, sem razão, o discurso do outro sujeito, daquele com quem se busca, a partir da vontade de verdade, desqualificar, marca-o como um discurso jamais considerado e que necessitaria de uma reconstrução e reconsideração a partir do sujeito alheio. Esta reconsideração, como vimos, é realizada sob o domínio da ordem do discurso médico e psicanalítico, pronto para realizar uma reflexão sobre o discurso do louco e ajudá-lo a superar certos traumas que o fazem desempenhar o seu papel, produzir o seu discurso nulo perante o seu cancelamento.

Entre os procedimentos internos de controle do discurso, o comentário aparece

justamente para amparar o processo de embasamento dos discursos. Nas redes sociais, os sujeitos reproduzem um discurso histórico que tem sido reproduzido ao longo dos anos, portanto suas posições são fiéis a um discurso a que se filiam. O comentário, portanto, faz com que estes sujeitos reproduzam um discurso sobre o racismo, por exemplo, e que sigam essa concepção do discurso fundador, fechando os espaços para que demais (e diferentes) reproduções apareçam, assim, trata-se de realizar uma conservação do discurso fundador, aquele discurso no qual os sujeitos tomam para si para defender suas posições, portanto comentar sem fugir ao que já foi dito.

É inegável que os sujeitos que participam da cultura do cancelamento possuem saberes que se organizam em forma de disciplina, esta constatação é feita a partir da observação que os debates que aqui serão analisados no capítulo 4, de que há uma presença acadêmica no discurso dos sujeitos que cancelam. A partir disto, é necessário entender o processo da organização desses saberes em disciplinas, pois é a partir destes saberes que os sujeitos realizam julgamentos sobre o discurso do outro, conservando o saber de suas disciplinas de filiação. Em outras palavras, um estudo antropológico sobre gênero e raça será conservado na disciplina de antropologia e, a partir deste processo de inserção acadêmica nas pautas identitárias, a conservação de disciplinas como um sistema de exclusão passa, para este trabalho, a ser uma situação observável na *cultura do cancelamento*.

Por fim, o ritual aparece como forma de investidura social, uma autorização para que o sujeito tome a palavra e entre na ordem do discurso, seja ele um discurso médico, jurídico ou religioso. Esta investidura funciona, nas práticas de cancelamento, como uma forma dual: na forma de autorização para que um sujeito tome a palavra e garanta a credibilidade ao seu discurso; e na forma de contraposição à noção de lugar de fala, que se caracteriza como uma investidura empírica dos sujeitos que vivem e passam pelas situações nas quais defende.

O ritual, então, garante ao sujeito que fala, uma autorização, que não é uma autorização ordinária, mas uma autorização institucional. No caso do cancelamento de Lilia Schwarcz, podemos vê-la como um indivíduo autorizado a tomar a palavra, por sua trajetória de carreira e conhecimento sobre os temas de negritude, investida pelo ritual da academia, na posição de antropóloga, historiadora e professora. Por outro lado, em seu cancelamento na internet, é possível ver uma inversão deste ritual em detrimento da noção de lugar de fala, que coloca os sujeitos que vivenciam as situações comentadas, como no caso do assunto sobre o racismo, em que é realizada uma inversão do ritual para o uso do lugar de fala para investir a autorização da

fala do sujeito.

### 3.2 O CANCELAMENTO COMO FORMA DE VIGILÂNCIA E O DESEMPENHO

Segundo nossa hipótese, o cancelamento funciona como uma forma de vigilância e punição, portanto faz-se importante pensar nos estudos do discurso de Michel Foucault, sobre a obra *Vigiar e Punir* (1975), na qual o autor analisa os sistemas prisionais do ocidente, realizando observações das formas de punições que eram tomadas no século XVIII. As sociedades antigas puniam de forma pública aqueles que infringiam suas leis, portanto, para esta dissertação, realizar uma análise das formas de punição que as sociedades desenvolveram ao longo do tempo, torna-se importante, uma vez que o *cancelamento*, nosso objeto, funciona como uma forma de punição virtual que se assemelha, dentro de certas fronteiras, a formas de punição pública adotadas em séculos anteriores.

Damiens fora condenado, a 2 de março de 1757], a pedir perdão diante da porta principal da igreja de Paris [aonde devia ser] levado e acompanhado numa carroça, nu, de camisola carregando uma tocha de cera acesa de duas libras; [em seguida], na dita carroça, na praça da Grève, e sobre um patíbulo que ali será erguido, atenazado nos mamilos, braços, coxas e barrigas das pernas, sua mão direita segurando a faca com que cometeu o dito parricídio, queimada com fogo de enxofre, e às partes em que será a atenazado se aplicarão chumbo derretido, óleo fervente, piche em fogo, cera e enxofre derretidos conjuntamente, e a seguir seu corpo será puxado e desmembrado por quatro cavalos e seus membros e corpo consumidos ao fogo, reduzidos a cinzas, e suas cinzas lançadas ao vento. (FOUCAULT, 2013, p. 9)

Nesta citação, Foucault comenta o registro em um documental da morte de Damiens na França no século XVIII, relevando o crime pelo qual ele fora condenado, a saber, um parricídio, a ação de assassinar os seus familiares. A punição do condenado consistiu no desmembramento de seu corpo de forma brutal em praça pública, puxado por cavalos e ter os seus restos mortais queimados no mesmo local.

Interessa-nos relacionar este texto com a *cultura do cancelamento* pela forma de punição que o autor escolhe descrever no início da obra, o suplício, uma espécie de punição pública e violenta exemplar, que tinha o objetivo não só de punir aquele que infringiu alguma lei, mas ser uma punição única, orquestrada para ser um espetáculo de violência para justamente coibir que as demais pessoas pudessem infringir a lei tal como o condenado. No caso dos suplícios, a morte do condenado era colocada em segundo plano para dar lugar justamente à forma lenta e dolorosa como ela era feita.

Faz-se necessário relacionar a forma do funcionamento dos suplícios com as formas de

linchamento virtual na qual se materializa a cultura do cancelamento, que são práticas de críticas intensas, acusações e ataques verbais que acontecem nas redes sociais durante e após o processo de cancelamento, marcado pela grande quantidade de usuários *on-line* contra uma pessoa específica, em resposta a algum comportamento ou declaração realizado pela pessoa que está sendo cancelada. O processo de linchamento virtual sempre acontece para atingir a credibilidades dos cancelados, com ataques às suas biografias, carreiras e conquistas pessoais.

Como o linchamento acontece no meio virtual, estes episódios envolvem uma disseminação rápida de informações, possibilitadas pelo meio digital e pelas redes sociais, que muitas vezes não seguem uma verificação adequada de dados e dos acontecimentos que são comentados. Os boicotes e solicitações para que os indivíduos afetados realizem retratações, são algumas das características comuns dos linchamentos virtuais, denotando uma questão social contemporânea, a saber, a consideração ética da produção de discursos no meio digital e sobre a noção de liberdade de expressão que muitas vezes dá a impressão do direito de “ataque” para os usuários de redes sociais, não havendo um controle disciplinar das produções discursivas digitais.

Três décadas depois da punição de Damians, Foucault relata o aparecimento de uma nova forma de punição que não se ampara mais em um espetáculo de punição e violência do corpo, justamente dando lugar ao tipo de pena que ainda está em voga até os dias atuais que é a privação da liberdade: “O castigo passou de uma arte das sensações insuportáveis a uma economia dos direitos suspensos (FOUCAULT, 2013, p.15).

Para pensar nesta substituição do sistema penal, ainda faz-se a reflexão sobre a utilização dos suplícios como formas de punição para que se punisse de forma dolorosa e brutal, na qual a punição se tornaria um espetáculo, contudo, um espetáculo não pode ou não tem viabilidade para ocorrer com muita frequência, portanto esta punição necessitava ser severa e disponível para muitas pessoas acompanharem no momento e ver as marcas deixadas até mesmo depois do ocorrido.

No sistema prisional, que passou a ser utilizado três décadas depois, a punição passou a ser burocrática e sem um espetáculo grande e violento, mas passou a segregar da sociedade o condenado, atendendo, de certo modo, até mesmo um anseio da sociedade para que a aplicação de penas não fosse espetacularizada: “Que as penas sejam moderadas e proporcionais aos delitos, que a de morte só seja imputada contra os culpados assassinos, e sejam abolidos os suplícios que revoltam a humanidade” (FOUCAULT, 2013, p.94).

A partir desta mudança na forma de punir, Foucault destaca que a disciplina é uma prática necessária para a aplicação de penas e punições, pois a partir da percepção de encarceramento, há uma preocupação com a quantidade de presos que assim são colocados nestas posições. O espetáculo dos suplícios não sendo mais utilizados, porém tendo uma forma de punição mais ampla e burocrática, fez com que houvesse uma preocupação com o efeito de justiça punitiva que havia nos suplícios, já que o encarceramento é silencioso e tratado na esfera da justiça, não mais em praça pública. A disciplina então se organiza como um efeito de poder para adestrar e controlar os indivíduos de forma eficiente: “O poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar”; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor” (FOUCAULT, 2013, p. 195).

O adestramento não aprisiona o corpo, mas trabalha na esfera psicológica dos indivíduos, carregando normas e valores da sociedade para moldar o comportamento através de seu adestramento; são situações e resultados que não são visíveis ou espetacularizados, mas que cumprem um papel no jogo disciplinar e punitivo.

A forma de adestramento aparece na sociedade contemporânea a partir das formas de imposição de comportamento ou de convenções sociais realizadas para garantir certos modos de agir ou de se comunicar. No que tange à cultura do cancelamento, notamos a presença de pautas identitárias que realizam uma busca incessante por sobrevivência - tópico que será explorado mais abaixo - deste modo, podemos notar que há uma necessidade social de considerar grupos ora marginalizados, desconsiderados e suprimidos na sociedade.

Com o passar dos anos e da emancipação do discurso ordinários, estes grupos ganham força para enunciar o seu discurso solicitando justamente esta consideração e respeito às suas pautas, ou seja, há uma expectativa de respeito às pautas LGBTQIA+, às pautas dos movimentos negro, feministas, dentre outros, assim, tornam-se visíveis os esforços destes grupos para que haja um comportamento de respeito às suas requisições e existências.

O ponto de aproximação desse desejo das pautas identitárias para que haja respeito referentes aos seus movimentos é justamente a forma com que estão sendo solicitadas. Frente a uma diversidade de opiniões e formações discursivas antagônicas, o discurso das pautas identitárias requisita e exige uma forma de comportamento alheio, neste caso, o respeito às suas liberdades, feito isto, há de forma automática um mecanismo de expectativa para que isto seja cumprido. É importante compreender que estas pautas identitárias não são do nível particular de grupos localizáveis, mas pertencem a tendências mundiais, como o movimento *Woke*, que

aparece como um movimento que busca o estado de consciência dos indivíduos, no que se refere à pautas identitárias, com o intuito de combater violências e injustiças sociais.

Havendo diferentes formações discursivas, as tensões no discurso aparecem, pois os sujeitos buscam sua valência sobre o discurso do outro, mesmo que os motivos sejam diversos ou louváveis. A questão que interessa a esta pesquisa é justamente entender que, existindo o discurso das pautas identitárias de forma emancipada, passa-se a haver um controle social por parte dessa formação discursiva para que pretendem, a partir das relações de força, isto é, de situações exteriores ao discurso, do nível social, impor sua “expectativa” de que haja um comportamento em respeito às suas requisições.

Uma vez considerando que existem requisições sociais, um discurso que circula pela academia, pela mídia e pelas redes sociais, exibindo a ideologia das pautas identitárias, consideramos haver um adestramento do discurso alheio, isto é, o poder disciplinar aparece em forma de solicitação, de luta social para que o outro cumpra aquilo que através de uma convenção, passe a considerar o discurso como aceitável. Em outras palavras, os movimentos identitários não só circulam o seu discurso, mas ganham força em parte da sociedade que o apoia e o reproduz em diversas esferas sociais, portanto não é possível dizer que tal discurso se apresenta como um discurso cerceado ou suprimido. Suas motivações podem ser, de fato, acabar com a supressão de minorias, contudo o seu discurso ganha cada vez mais espaço nas esferas públicas, principalmente no meio digital, causando um efeito de poder disciplinar sobre aqueles que porventura vão contra às suas palavras.

Por fim, chegamos a um ponto importante da obra *Vigiar e Punir*, que são as proposições sobre o Panoptismo, um modelo prisional no qual há uma imposição psicológica da vigilância e da punição, na qual há quatro celas, cada uma com duas janelas, uma para o exterior e uma para o interior do anel, onde se encontram as outras celas e, ao centro, uma torre de vigilância com janelas voltadas para as celas; cada preso está sozinho em suas celas.

Na torre central, o inspetor está instalado. Em torno dele, os detentos. De um lado, os quartos das celas, do outro, as oficinas. E, entre o inspetor e os detentos, a distância que os olhos não podem transpor. O princípio é bem conhecido. Ao perigo de ser surpreendido, se substitui a certeza de ser observado, e, à força que é suscetível de quebrar os membros, sucede uma outra, que atua sobre os gestos, que os fixa, os inibe, os disfarça, os encurta ou os alonga: a prisão. O panóptico é uma máquina de dissociar o ver-se de ser visto. (FOUCAULT, 2013, p. 308)

Na citação acima, podemos notar a principal forma deste modelo que é o funcionamento automático do poder, uma vez que cada preso, estando sozinho em sua cela, nunca saberá se

está sendo observado ou não, exibindo de fato o funcionamento da disciplina no interior do sistema prisional. A observação iminente, carrega consigo, também, a possibilidade iminente de punição.

O que podemos considerar desta obra de Foucault é justamente a noção de sociedade disciplinar, na qual o autor descreve as práticas coercitivas e punitivas das sociedades desde o século XVIII, colocando em questão justamente a pressão exercida pela vigilância realizada pelo sistema penal e pela punição para aqueles que justamente não se mantêm disciplinados perante as leis e ordens sociais. Contudo, a sociedade disciplinar não funciona apenas sob a ameaça de um encarceramento, mas sim a partir de instituições sociais que realizam este controle disciplinar integralmente. São elas a escola, hospitais e prisões, que disciplinam os indivíduos em busca de uma normalização e regulação de seus corpos e mentes através de técnicas disciplinares aplicadas nestes ambientes e partir deles para o exterior sob a lógica de que a vigilância e disciplina realizada nestas instituições garante uma maior eficácia do que uma punição física como os suplícios. A sociedade disciplinar, portanto, funciona a partir do poder exercido por estas instituições sobre os indivíduos e controle social.

Dado o que temos de reflexão nesta obra, o cancelamento aparece em uma posição de vigilância e de disciplina, uma vez que as normas e regras sociais estão postas nos discursos na/para a sociedade, portanto há um comportamento esperado de que os indivíduos realizem em harmonia, que este discurso seja tomado e aceito pelas esferas sociais. Esta situação coloca os indivíduos em uma posição observável e de vigilância para justamente constatar este comportamento.

Portanto, a aproximação com a cultura do cancelamento é a imposição de um padrão discursivo, no qual os sujeitos devem manter o comportamento esperado, neste caso, um padrão de tolerância e respeito com as minorias, no que tange aos negros, povos indígenas, gênero e raça. Vale ressaltar, que a observação feita aqui de que o discurso das pautas identitárias realiza um processo de vigilância e poder disciplinar sobre os sujeitos, não significa que tal observação seja uma crítica sobre a luta na qual estes sujeitos travam no discurso, ou seja, não há uma visão negativa de que a busca por respeito e pela existência das minorias, mas sim uma observação sob o olhar do discurso de como esta luta tem sido feita no meio digital.

O filósofo sul-coreano Byung-Chul Han possui uma obra voltada para realizar reflexões no campo da filosofia sobre o funcionamento da sociedade em diversos fenômenos e uma de suas obras que interessa aplicar neste trabalho é a obra *Sociedade do cansaço* (2015) na qual o

autor relata a transição da sociedade disciplinar relatada por Michel Foucault para uma sociedade de desempenho, na qual os indivíduos não estão mais marcados por imposições disciplinares coercitivas, mas sim por auto imposições, autocobranças para que haja produtividade.

Consideramos que os sujeitos contemporâneos não vivem mais, ou não de forma integral, na sociedade disciplinar, mas estão inseridos na sociedade de desempenho na qual a vigilância e a disciplina são realizadas pelos próprios sujeitos. O *cancelamento* não poderia ser entendido, portanto, como uma forma disciplinar institucional, advinda do Estado, mas acontece a partir dos sujeitos para com os sujeitos. Em outras palavras, o discurso das pautas identitárias circula na sociedade e ganha força por sua aceitação, inclusive por solicitar a reversão de injustiças históricas, como no caso do racismo e do feminismo, bem como a garantia de direitos às comunidades LGBTQIA+. Neste estado de coisas, o desempenho dos sujeitos na sociedade contemporânea está relacionado a desempenhar os discursos aceitos na conjuntura de que fazem parte.

Na sociedade do desempenho, os indivíduos estão preocupados em desempenhar sempre o melhor de si perante o que é exigido socialmente, ser bem-sucedido no trabalho, nas relações amorosas e sociais, amparados em uma ideia de felicidade em tempo integral. Contudo, Han (2015) observa que esta felicidade é inalcançável, assim como o sucesso absoluto em todas as áreas da vida guiado por realizações individuais, portanto este processo de desempenho leva os indivíduos a um estado de cansaço generalizado, impulsionados pela vida digital, aparelhos tecnológicos e redes sociais que, conforme vimos, fazem com que os indivíduos busquem sempre uma exposição ao olhar público.

A contraposição da sociedade do desempenho com a sociedade disciplinar é justamente o entendimento de que, conforme relatado por Foucault, a sociedade migrou de uma sociedade coercitiva, na qual o corpo era atingido, para uma sociedade regulada por instituições e normas reguladoras para garantir que os indivíduos fossem disciplinados, até a chegada da sociedade contemporânea baseada no desempenho, que é o estado no qual os sujeitos sempre estão buscando realizar a vigilância um dos outros, amparados na ideia do desempenho.

(...) o sujeito de desempenho se entrega à liberdade coercitiva ou à livre coerção de maximizar o desempenho. O excesso de trabalho e desempenho agudiza-se numa auto exploração. Essa é mais eficiente que uma exploração do outro, pois caminha de mãos dadas com o sentimento de liberdade. O explorador é ao mesmo tempo o explorado. (HAN, 2015, p. 17)

O empenho dos indivíduos em sempre serem bem-sucedidos causa um efeito de

vigilância para si mesmos, amparados na ideia de que há um modelo alcançável e desejável de desenvolvimento pessoal para ser atingido, ou seja, respeitar as diversidades e reproduzir este discurso em apoio às pautas identitárias é algo que deve ser bem desempenhado, pois não é aceito socialmente ser considerado intolerante ou avesso à diversidade. Assim, a vigilância acontece a partir da preocupação do eu para com o outro, observando o que o eu faz para bem desempenhar na sociedade e como o outro está se desempenhando também. Podemos visualizar este efeito nos constantes casos de *cancelamento*, no qual os sujeitos cancelados prometem um momento de “desconstrução” ou “reconstrução” sobre as ações que desempenharam e que os levaram a ser cancelados.

A sociedade disciplinar ainda existe, não somente nas instituições, mas está disposta nos aparelhos tecnológicos e na presença do mundo digital na sociedade, causando um efeito de busca por um desempenho, no qual o sujeito busca sempre estar bem e em busca de boas realizações e, assim, também procura encontrar um bom desempenho do outro, colocando em prática um estado de vigilância e punição, que assim se materializa nos casos de *cancelamento*.

### **3.3 O CANCELAMENTO E O TRIBUNAL DA INTERNET: SUPLÍCIO CONTEMPORÂNEO**

O tribunal da internet é uma designação vulgarmente utilizada em referência ao processo de julgamento dos sujeitos nas redes sociais, no qual os indivíduos frequentemente se colocam em posição de juízes e júris relacionados a questões éticas, morais e sociais. Este fenômeno é impulsionado nas redes sociais justamente por sua característica global e pela liberdade que os sujeitos possuem para formular seus enunciados no meio digital. O processo de interações online que são incessantes permite que estas interações propaguem opiniões rapidamente, muitas vezes de formas pouco aprofundada ou sem uma reflexão adequada sobre os temas pelos quais se tornam muito repercutidos.

A exposição pública dos sujeitos no meio digital são um ponto de partida, também, para a existência do tribunal da internet, no qual a exposição dos indivíduos oportuniza aos demais usuários das redes sociais que possam acompanhar rotinas, opiniões e compartilhamentos sobre as vidas uns dos outros. A característica ampliada do funcionamento das redes sociais, conforme vimos no segundo capítulo deste trabalho, a partir dos estudos de Paveau (2021), realiza uma função importante em garantir que o espaço digital seja praticamente acessível a quem deseje acompanhar, opinar e até julgar os acontecimentos da vida alheia.

A dinâmica do funcionamento do tribunal da internet é realizar julgamentos sobre as ações de outros usuários no meio digital ou fora dele, desde que estes acontecimentos sejam levados para o meio digital. Há a presença de um poder nas mãos dos usuários das redes sociais, uma vez que, apesar da existência de regras estabelecidas particularmente por cada plataforma, não existe uma ordem oficial para o estabelecimento de uma ética enunciativa para regulamentar as possibilidades discursivas das redes sociais, portanto os usuários possuem o poder a liberdade de opinar sobre qualquer tema, a qualquer momento do dia.

A partir deste estado de coisas, podemos compreender que o tribunal da internet tem uma relação indissociável com a cultura do cancelamento, uma vez que o funcionamento deste fenômeno como um “tribunal” traz consigo a noção de julgamentos virtuais, que se materializam na forma da cultura do cancelamento, que aparece como uma forma de sanção virtual advinda do tribunal da internet, que confere às ações virtuais uma classificação como aprovável ou condenável. As ações condenáveis, segundo nossa hipótese, passam pela sanção do cancelamento, definição que veremos a seguir sobre sua inserção no plano discursivo.

Desse modo, o tribunal da internet age como um tribunal ordinário, regido por uma ordem do discurso que causa a exclusão do discurso alheio e promove uma punição para estes sujeitos. A punição, podemos considerar, como um suplício contemporâneo, pois acarreta as características típicas do suplício: uma punição pública, não muito recorrente, mas que serve de exemplo para os demais sujeitos. O suplício, como vimos, é um espetáculo (FOUCAULT, 2013) que pretende espalhar a disciplina a partir do medo e da violência, assim, o linchamento virtual, que é público e também é espetáculo, e visa a atingir, geralmente, pessoas com biografias conhecidas e populares dentro e fora das redes sociais e não direciona apenas a críticas, mas ataques pessoais e difamações a partir de rótulos que funcionam como uma condenação. O uso deste espetáculo tende a atingir uma personalidade famosa, como a qual não há familiaridade, ou seja, sua presença está no imaginário, mas serve para demonstrar aos outros sujeitos, ordinários ou não, que há uma busca por “corpos dóceis”, ou seja, aqueles que, disciplinados, não cometerão transgressões pelo discurso, indo contra uma ideologia ou FD.

### **3.4 O CANCELAMENTO COMO FORMA DE SILÊNCIO E CENSURA**

Na obra *As formas do silêncio*, Orlandi (2007) faz uma reflexão sobre o discurso do ponto de vista do silêncio. A obra propõe uma reflexão sobre as materialidades dos sentidos mesmo nos momentos de silêncio, havendo uma inversão de nossa percepção do silêncio: o

homem não está fora do sentido se está em silêncio, mas se utiliza da linguagem para responder aos sentidos contidos no silêncio (ORLANDI, 2007, p.11-12). Assim, nesta obra, a autora busca mostrar que o silêncio não é um mero complemento da linguagem, mas tem significância própria (ORLANDI, 2007, p. 23).

Amparados nesses estudos do silêncio por Orlandi, buscamos incorporar a esta dissertação de mestrado, a noção do silêncio como uma forma de censura, que funciona não no desejo consciente daquele que fala, buscando calar o outro, mas como o fator discursivo, que se realiza no embate entre as formações discursivas que estão em relação (ORLANDI, 2007, p. 76).

Entendendo a censura como um jogo entre formações discursivas, fazemos a interpretação de que, cada formação discursiva traz consigo os sentidos daquilo que pode e deve ser dito, ou seja, um sistema de restrições semânticas, contudo, como vimos no primeiro capítulo desta dissertação, as formações discursivas sofreram mudanças na concepção de como os discursos são classificados. Na primeira fase da Análise do discurso, acreditava-se em um corpus doutrinário e político, na qual as FDs não tinham relação umas com as outras, mas já na segunda fase da ADF, a ideia de formação discursiva é presente, inclusive denotando a presença do interdiscurso como um conceito fundamental para entender a relação de uma FD com outra.

As formações discursivas mantêm relações entre si, portanto há a presença de um discurso no outro, como forma de uma relação de incorporação daquilo que se apoiará e daquilo que será negado no discurso do sujeito que toma a palavra. É a partir desta noção que podemos explicar a noção de censura. A configuração natural da formação discursiva como um sistema de restrições, já explicita os discursos que tomam a palavra segundo a própria classificação da FD, funcionando como uma máquina para controlar o discurso no seu interior e, por outro lado, como mero classificador do discurso e de suas regularidades, daí a noção de agrupamento e formações discursivas.

Se as FDs controlam e classificam os seus próprios discursos, não é difícil imaginar que no seu interior há uma força interna que tenta levar o sistema de restrições para fora e controlar o discurso do outro, aquele que não pertence à própria FD, não como forma de desejo psicanalítico de atingir e modificar o outro sujeito, mas como forma de realizar um apagamento daquilo que é dito no avesso. O discurso contrário é condenável dentro do sistema de restrições semânticas, seja ele do interior da FD ou um forasteiro. A forma com que a FD lida com o discurso de fora, é a partir do apagamento, do silenciamento, que por fim, podem ser

considerados censuras.

As relações mantidas entre as FDs não são relações harmônicas, mas sim, conforme vimos no primeiro capítulo, relações de força nas quais os sujeitos tentam emplacar o seu discurso sobre um outro, assim utilizando artifícios sociais para realizar esta imposição, como as posições hierarquizadas na sociedade: o discurso do professor vale mais que o discurso do aluno, tal como o discurso de um pesquisador acadêmico vale mais que o discurso de um cidadão comum sobre a leitura da sociedade.

As relações de força, então, denotam a forma do não dizer, aquilo que não deve ser dito pelos sujeitos, sob o olhar daquele que fala para aquele que escuta. As peças estão postas em um jogo de xadrez, no qual alguns movimentos são proibidos e passíveis de interdição. Deste modo, as FDs mantêm relações de força, tentando significar mais do que outras, impor suas visões construções ideológicas acima daquilo que o outro sujeito, a outra formação discursiva, fala (ORLANDI, 2007, p.77).

O sujeito e o sentido são incompletos, portanto, sempre mantêm movimento para significações diferentes na história (no caso do sentido) e na busca de uma identidade (no caso do sujeito), portanto o sujeito mesmo em sua incompletude, se constitui com o silêncio. O silêncio, neste caso, funciona como limite do dizer, daquilo que o sujeito, a partir de sua formação discursiva, busca no mundo para se completar, seus sentidos e identidade:

A incompletude é uma propriedade do sujeito (e do sentido), e o desejo de completude é que permite, ao mesmo tempo, o sentimento da identidade, assim como, paralelamente, o efeito da literalidade (unidade) no domínio do sentido: o sujeito se lança no seu sentido (paradoxalmente universal), o que lhe dá o sentimento que esse sentido é uno (ORLANDI, 2007, p. 52)

Deste modo, a partir da citação supracitada, o sujeito que busca sua completude e identidade no silêncio, no qual vai encontrar os não ditos e já ditos de outras formações discursivas, aparece como um centro de confluência de discursos, realizando, assim, o seu contato com o outro:

(...) é o silêncio significativo que trabalha sua relação com as diferentes formações discursivas, fazendo funcionar a sua contradição constitutiva. Sua relação com o silêncio é sua relação com a divisão e com o múltiplo (ORLANDI, 2007, p. 51)

O sujeito, neste movimento em busca de sentido e movimento, podemos verificar que a censura é o momento em que a interdição do sujeito lhe causa uma asfixia. A censura funciona como uma interdição manifesta da circulação do sujeito, a partir do poder de uma palavra que

é regulada de forma autoritária (ORLANDI, 2007, p. 52). Deste modo, Orlandi destaca, ainda, que o sujeito não é livre para ocupar diferentes posições, mas sim um lugar que lhe é destinado, para produzir os sentidos que não lhe são proibidos: “A censura afeta, de imediato, a identidade do sujeito” (ORLANDI, 2007, p. 52). A identidade do sujeito, portanto, seria o seu lugar de fala, a possibilidade incorporação do exterior ao seu discurso na tomada da palavra, a interdição não intervém apenas no ato de verbalizar, mas naquilo que o sujeito será capaz de falar sobre.

Orlandi chama de rarefação do sentido a ação do Poder (censura) com o Desejo (Narcísea). A comparação com a noção narcísica se coloca ao considerar que Narciso se completa sozinho no seu lugar de sujeito, sem se deixar atravessar por outros discursos, há nele só um discurso:

O autoritarismo poderia ser considerado nessa perspectiva, como uma espécie de “narcísea social”, já que deseja, procura impor (pelo poder, pela força) um sentido só para toda a sociedade. Sem os benefícios da metáfora e do mito (ORLANDI, 2007, p. 53)

O autoritarismo então, é um processo social que acontece pelo e através do discurso, denotando uma forma narcísica das visões de mundo, uma vez que ignora as demais. Não obstante, esta noção de autoritarismo denota não só essa visão única para a situações exteriores, mas também uma vontade de imposição discursiva sobre os outros sujeitos, que se materializam nas formações discursivas, como dissemos nos parágrafos anteriores. É nas relações de força que as formações discursivas buscam na censura, uma forma de apagar uma a outra e, é na censura, que o autoritarismo busca materializar a sua imposição discursiva, sua visão de mundo.

A censura aparece como um conceito fundamental para compreender a interdição do discurso, em que não busca apenas cessar um discurso alheio, mas é no silêncio, no pensamento, na não-verbalização, que entende e compreende um outro discurso como não digno, portanto passível de ter a sua interdição. Contudo, como pudemos ver, essa interdição não acontece apenas na revolta ao escutar aquilo que não se deseja, mas sim de um processo de escuta, de silêncio, que compreende o outro discurso mas realiza uma violência ao asfixiá-lo com a sua própria visão de mundo, ou seja, não há apenas uma interdição, mas também uma imposição de sua visão de mundo, mesmo que elas não sejam ditas, como explica Orlandi:

Daí, no seu funcionamento a censura, ao atingir o sujeito, fixar-lhe uma imagem e ao mesmo tempo obrigá-lo a projetar-se para além (na fluidez do silêncio). Com efeito a censura é o lugar da negação e ao mesmo tempo da exacerbação do movimento que institui identidade (ORLANDI, 2007, p. 53)

Uma última noção importante para incorporar a noção de silêncio e censura a este

trabalho é que a censura não se materializa em um indivíduo ou na relação entre eles como forma de ter um indivíduo autoritário no qual há a imposição da censura, ou seja, a censura não é personificada, mas existe nas relações discursivas. Contudo, a censura joga o jogo do social, não acontece pelo indivíduo, mas pelas relações de força entre as formações discursivas, que determinam historicamente o lugar social, sendo esta, a censura local, a interdição que acontece pela impossibilidade de dizer algo em certas condições, tal como a noção da censura amparado na história: o historicamente não-dizível (ORLANDI, 2007, p.106).

A censura não é uma oposição entre o verdadeiro e o falso, ou entre o que é de valor e o que não é, porém trata do sentido proibido e o sentido que é aceito, assim o embate é instalado (as relações de força entre as FDs) em busca de impor uma visão de mundo pela outra, organizando em um movimento que pode ser particular ao sujeito ou a um grande movimento como a *cultura do cancelamento* de que tratamos neste trabalho.

### **3.5 O QUE É, AFINAL, O CANCELAMENTO DO PONTO DE VISTA DO DISCURSO?**

Com base no exposto, podemos definir o cancelamento do ponto de vista discursivo, considerando suas diversas possibilidades. Vale destacar que, nesta dissertação, o ponto de vista adotado refere-se aos casos de cancelamento que ocorrem nas redes sociais, portanto trazem consigo uma composição tecnológica e digital como o linchamento virtual, que se assemelha aos suplícios, como comentamos anteriormente.

O cancelamento é um processo de adjetivação, pois aparece como uma forma de dar uma qualidade ou característica a alguém ou a alguma coisa. Sua proposição é inteiramente discursiva, que se materializa, então, na língua na forma de adjetivação do outro. Propor uma qualidade à um terceiro é definir o seu estado, seja sua característica definitiva ou momentânea. Quando se define alguém como racista, por exemplo, esta “qualidade” define o seu estado. É a partir do estado da adjetivação realizada nos casos de linchamento virtual que é possível haver o cancelamento, pois o uso adjetivado para uma pessoa ou ação, atua como um gancho para ser localizado e julgado dentro da esfera digital.

O cancelamento pode ser definido como uma manifestação discursiva que acontece nas esferas das formações ideológicas e discursivas, que abarca um sistema de crenças e valores constituídos socialmente, isto é, as filiações ideológicas do sujeito, materializando-se em um sistema de restrições semânticas. No embate com outros discursos, o cancelamento é um processo de relações de força, no qual os discursos tentam se sobressair um sobre o outro,

realizando um processo de silenciamento que apenas funciona no uso de um dispositivo discursivo: um lugar de fala, uma pauta identitária, um processo de moralidade, tudo aquilo que tem valor perante a uma consideração de aceitação social que é utilizada, de forma unilateral para ignorar uma outra possibilidade de diálogo. Este dispositivo discursivo é o dispositivo ideológico no qual, de forma narcísica, o sujeito do discurso utiliza para cancelar; assim, de forma autoritária, o narcisista apenas considera suas posições e pensamentos na relação com o outro.

No discurso, o cancelamento também aparece como uma forma de identificação e contra-identificação com as formações discursivas. Em outras palavras, o cancelamento é um processo discursivo de embate entre os sujeitos, mas não necessariamente entre duas FDs antagônicas, podendo acontecer na própria FD na qual reside uma matriz de sentido que não pode e não deve ser quebrada; neste processo, o sujeito não tem o direito de contra identificar-se da matriz de sentido da FD ou realizar um processo de resistência perante uma ideologia, conforme foi discutido no item 1.3.7 deste trabalho, assim, a resistência do sujeito e sua contra identificação garantem-lhe a posição de mau sujeito, aquele que discorda em parte, que causa ruptura em sua FD, portanto ganha o status de um sujeito inimigo, que não se identifica com sua formação discursiva. Sendo o processo de cancelamento, um processo autoritário, a contra-identificação do sujeito providencia o seu silenciamento externo.

O cancelamento sempre acontece a partir da concepção narcísica do sujeito e de sua FD e é sempre pautada na ideologia. É na posição ideológica do sujeito que reside o dispositivo discursivo, aquele objeto ou tema que o sujeito manterá uma relação e o defenderá até o fim perante o discurso, de forma violenta e autoritária em que busca sempre desempenhar o melhor de si perante uma concepção imaginária social: se a concepção é defender os direitos do grupo X, este sujeito desempenhará o seu papel, na sociedade do desempenho, sempre de forma vigiada (por si mesmo) para que não haja uma ruptura com este pensamento. O processo de cancelamento é um processo intrínseco com a disciplina do sujeito para consigo e para com sua FD, bem como, assim, está sempre vigiando e sendo vigiado e, por fim, punido, quando cancelado.

## CAPÍTULO 4: ANÁLISE DOS ACONTECIMENTOS DISCURSIVOS

*Os sentidos estão sempre “administrados”, não soltos. Diante de qualquer fato, de qualquer objeto simbólico somos instados a interpretar, havendo uma injunção à interpretação. Ao falar, interpretamos. Mas, ao mesmo tempo, os sentidos parecem já estar sempre lá (ORLANDI, 2012. P. 10)*

Ao longo de toda a revisão teórica realizada nesta dissertação, propusemos explicar o fenômeno do cancelamento do ponto de vista discursivo. Sendo o cancelamento uma prática social da interação dos sujeitos, o fenômeno pode ser explicado por diversas áreas do conhecimento, aplicando diversos saberes, contudo, é no discurso que encontramos o ponto de vista para explicar o cancelamento como um evento entre as formações discursivas, bem como uma forma de censura realizada pelo campo progressista contra, justamente, o discurso da censura realizado no campo conservador.

Neste capítulo, serão analisados os acontecimentos discursivos sobre os casos de cancelamento da escritora do *best-seller Harry Potter*, J.K. Rowling, da professora, antropóloga e historiadora da Universidade de São Paulo (USP), Lilia Schwarcz, e da escritora e filósofa brasileira, Djamila Ribeiro. Para que seja possível realizar a interpretação, organizamos as análises em tópicos e exploramos os conceitos da Análise do discurso francesa abordados no primeiro capítulo, bem como as observações sobre o discurso digital realizados no segundo capítulo, que colocam os sujeitos em situações de embate no meio digital e, por fim, as considerações feitas no terceiro capítulo sobre os processos de silenciamento, rarefação, vigilância e punição do discurso.

### 4.1 O CANCELAMENTO DE LILIA SCHWARCZ: O DISPOSITIVO DO RACISMO

Lilia Moritz Schwarcz é antropóloga e historiadora, professora da Universidade de São Paulo, empossada como membro da Academia Brasileira de Letras (ABL) no ano de 2024. Sofreu o processo de cancelamento no ano de 2021 após publicar um artigo no jornal Folha de São Paulo, no qual tecia uma crítica ao filme da produtora cinematográfica Disney, *Black is King* (2020), que tem como protagonista e diretora, a cantora e atriz Beyoncé. O que pesa como interessante para ser explorado nesta dissertação, é a biografia e currículo de Schwarcz, que é socialmente autorizada, pela investidura da academia, a tomar a palavra sobre assuntos como

pelo qual foi cancelada.

*Black is King* é uma reinterpretação do filme *O Rei Leão*, o qual, com personagens humanos, celebra a cultura africana, busca destacar a riqueza e a diversidade do continente africano e, ao mesmo tempo, retrata em seu personagem principal, um jovem que passa por um processo de identificação e empoderamento negro. O filme responde a um processo atual, socialmente reivindicado, que busca incluir a representação da identidade negra nos espaços que, costumeiramente, eram ocupados por produções de homens brancos.

Na crítica realizada por Lilia Schwarcz, logo na manchete da notícia, a professora destaca que Beyoncé “erra ao glamourizar a negritude com estampa de oncinha” o que soou como forma autoritária, na qual Schwarcz usurpou o “lugar de fala” dos sujeitos negros que seriam os capacitados, por direito, de realizar uma análise e crítica da obra, uma vez que essa consideração vai em favor da alegação de que a partir do lugar de fala dos sujeitos negros, são eles os autorizados a falar sobre sua própria experiência, como é o caso de *Black is King*, que retrata uma história sobre negritude. A seguir, podemos ler a manchete da notícia publicada na *Folha de São Paulo*:

Figura 7: Lilia Schwarcz diz que Beyoncé erra.

# Filme de Beyoncé erra ao glamorizar negritude com estampa de oncinha

Diva pop precisa entender que a luta antirracista não se faz só com pompa, artifício hollywoodiano, brilho e cristal



**Lilia Moritz Schwarcz**

Antropóloga e historiadora, é professora da USP e da Universidade Princeton. É autora de 'Sobre o Autoritarismo Brasileiro' e 'Enciclopédia Negra', este com Flávio Gomes e Jaime Lauriano

Fonte: Jornal *Folha de São Paulo* (2021).

No título da notícia, Schwarcz não só destaca que Beyoncé “erra”, mas também no

subtítulo, o destaque é de que a cantora “precisa entender”, isto é, repensar um processo ou atividade que tenha realizado. Este processo, portanto, é a proposição de Beyoncé em realizar uma reinterpretação em seu filme sob o viés de indivíduos negros e sob um processo de identificação negra e “antirracista”. O ponto de discussão aparece a partir da noção de que Beyoncé é uma mulher negra, que se propõe a realizar uma leitura da negritude, não como um processo de exclusão, mas como um processo de protagonização do sujeito negro; em outras palavras, Beyoncé possui lugar de fala para realizar uma produção como essa, por ser uma mulher negra, mas não Schwarcz, por ser uma mulher branca e não ter lugar de fala do ponto de vista do negro.

Adiante, no texto escrito por Schwarcz, a autora comenta um acontecimento recente à época do lançamento do filme, a saber, o assassinato de George Floyd<sup>6</sup> pela polícia do estado de Minnesota, nos Estados Unidos. Este fato gerou grande repercussão mundial pela forma violenta e covarde de seu assassinato por um policial branco: ajoelhou-se sobre o pescoço de Floyd, em suposta abordagem, o que o levou à morte por asfixia. Após a morte de George Floyd, protestos de cunho “antirracista” se multiplicaram em diversas cidades no mundo.

O antirracismo se instalou sob a forma de protestos e de posição moral na sociedade, na qual os indivíduos buscam formas de ações contra o ódio e o preconceito racial contra grupos marginalizados, neste caso, os grupos negros. O antirracismo vai contra o preconceito racial sistêmico, aquele que ocorre nas forças policiais e nas estruturas governamentais. No ano de 2020, este termo se popularizou ainda mais após o ocorrido da morte de Floyd, o que levou Lilia Schwarcz a realizar o seu comentário relacionando o filme de Beyoncé à luta antirracista.

Nota-se que Schwarcz destaca que a morte de George Floyd foi um “assassinato covarde” utilizando termos que vão amparar a ideia antirracista, de que a vítima foi assassinada pela força policial norte-americana, mantendo uma prática racista de violência estrutural contra a população negra no país. Destaca, ainda, que há um “genocídio negro”, termo cunhando para demonstrar que a morte da população negra funciona em forma de assassinatos e eliminação estrutural por parte do Estado, em que sua integridade é colocada em dúvida, após a noção de que há um racismo estrutural, ou seja, conforme profere “não existe democracia com o racismo”, reafirmando sua posição em apoio à pauta, conforme é possível ler a seguir:

---

<sup>6</sup> O assassinato de George Floyd culminou em protestos expressivos nos Estados Unidos e, inclusive na luta antirracista, tendo ligação direta com esta dissertação e está disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52849871>>. Acesso em 25 maio 2023.

Figura 8: Assassinato covarde de Floyd.

O vídeo chega em boa hora nesse momento em que, depois do [assassinato covarde de George Floyd](#), o genocídio negro e a violência da polícia do Estado, finalmente, entraram na pauta, como um alerta forte de que não existe democracia com racismo.

Não há como negar as qualidades de ["Black Is King"](#). Mas, como nada na obra de Beyoncé cabe apenas numa caixinha, causa estranheza, nesses tempos agitados do presente, que a cantora recorra a imagens tão estereotipadas e crie uma África caricata e perdida no tempo das savanas isoladas.

Nesse contexto politizado e racializado do Black Lives Matter, e de movimentos como o Decolonize This Place, que não aceitam mais o sentido único e Ocidental da história, duvido que jovens se reconheçam no lado didático dessa história de retorno a um mundo encantado e glamorizado, com muito figurino de oncinha e leopardo, brilho e cristal.

Fonte: *Jornal Folha de São Paulo* (2021).

Além de fazer uma contextualização de sua crítica, Schwarcz destaca que que “não há como negar as qualidades de ‘Black is King’”, mas logo tece uma crítica relacionando a falha que vê na obra com o momento no qual a produção foi lançada: “causa estranheza, nesses tempos agitados do presente, que a cantora recorra a imagens tão estereotipadas e crie uma África caricata e perdida no tempo de savanas isoladas”. A partir desta crítica, Schwarcz fica marcada não por sua crítica ou pelo elogio no início do parágrafo, mas justamente pelo ato de crítica a um ambiente que, nestas condições de produção, não lhe pertencem, isto é, não lhe pertencem como objeto de estudo, mas como característica fenotípica; nota-se uma inversão no processo de autorização para tomar a palavra.

No parágrafo seguinte, Schwarcz destaca que o momento vivido é “politizado” e “radicalizado”, fazendo menção aos protestos ocorridos após a morte de Floyd, no qual tensões foram criadas no debate público por tamanha sensibilidade. Uma noção de que os acontecidos recentes tornavam o momento “sério”, foi criada e, assim como nas últimas duas linhas do

parágrafo, Schwarcz destaca que a representação criada em *Black is King* é “glamorizada, com figurino de oncinha e leopardo, brilho e cristal”, fazendo menção que o mundo em África não pode ser reduzido a apenas esta representação. Ademais, ainda destaca que bem como o momento de lançamento e produção do filme, não correspondem a um ideal, que para a autora, seria sério o suficiente para dar continuidade ao debate antirracista.

Por último, Lilia Schwarcz profere que talvez seja a hora de Beyoncé sair de sua “sala de jantar” para deixar a história recomeçar em outro sentido. Com essas palavras, a autora critica a forma como Beyoncé propõe sua visão sobre a África e sobre o processo de identificação do sujeito negro, o qual, conforme vimos no parágrafo anterior, a autora entende ser um processo “pop”, que está relacionado mais com a visão ocidental, especialmente norte-americana, de como é o continente africano. Com a utilização de “sair da sala de jantar”, Schwarcz indica que Beyoncé não possui o lugar de fala de uma pessoa que busca o processo de identificação como negro no continente africano, ou que talvez o tenha, mas que isso não foi representado no seu filme.

Figura 9: Beyoncé precisa sair de sua sala de jantar.

**Essa África essencial e idílica por certo combina com o ritmo e a genialidade dessa estrela do pop que sacode até estruturas de concreto. Visto sob esse ângulo, o trabalho é uma exaltação, bem-vinda e sem pejas, de uma experiência secular que circulou por essa diáspora afro-atlântica e condicionou sua realidade. Mas o álbum decepciona também. Quem sabe seja hora de Beyoncé sair um pouco da sua sala de jantar e deixar a história começar outra vez, e em outro sentido.**

Fonte: jornal Folha de São Paulo (2021).

A partir deste estado de coisas, diversas e severas críticas contra Lilia Schwarcz passaram a ser feitas nas redes sociais, por sujeitos ordinários e por personalidades públicas que a criticam por tomar uma palavra que não possui: a palavra do ponto de vista do sujeito negro.

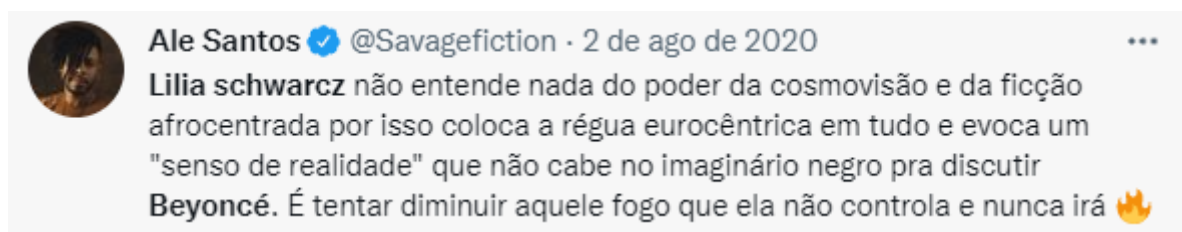
Por fim, podemos observar que as condições de produção deste discurso estão envoltas na luta antirracista, em um momento de sensibilidade pelo assassinato de George Floyd, que gerou grande indignação e comoção nos grupos negros. Além disso, a crescente busca por ideais de inclusão do sujeito negro foi instalada na sociedade, tal como o filme *Black is king* busca realizar. A crítica de Schwarcz surge em um estado da valorização da identidade negra na sociedade, que vem em resposta a tempos de escravidão, como no Brasil, de segregação racial,

no caso dos Estados Unidos, violência policial para com a população negra e o processo de marginalização histórico. Todos estes fatos e ideias se encontram numa sociedade globalizada e interligada pela internet e pelas redes sociais. A partir disto, seguimos para a primeira análise deste acontecimento discursivo.

#### 4.2 LILIA SCHWARCZ NÃO ENTENDE NADA

A primeira análise tem por objeto o tweet do internauta Ale Santos em 2 de agosto de 2020, logo após a publicação da crítica de Schwarcz sobre o filme *Black is King* ser publicada. O tweet não é um comentário direto a alguma publicação do jornal *Folha de São Paulo* no Twitter ou a alguma notícia sobre a crítica de Schwarcz, mas aparece na forma do discurso de sua relacionalidade digital, conceito que emprestamos de Paveau (2021), discutido no segundo capítulo. Este conceito traz a ideia de discurso enquanto tecnodiscurso (o discurso e a tecnologia), que mantêm uma relação no meio digital, mesmo que esta relação não seja direta com outro comentário, mas sua configuração realizada por aparelhos tecnológicos conectados à internet, garante ao tecnodiscurso. Sua relação com o outro é “solta” no meio digital, sem precisar aparecer arraigada a uma publicação ou a algum gancho digital.

Figura 10: Lilia Schwarcz não entende nada.



Fonte: X (Twitter), 2020.

Em seu comentário, o internauta destaca que Lilia Schwarcz “não entende nada do poder da cosmovisão e da ficção afrocentrada”, isto é, que a professora não entende da “cosmovisão”, um conceito filosófico que indica a forma como um grupo de pessoas ou uma pessoa enxerga o mundo e as situações que fazem parte de sua vida. A partir disto, esta concepção de cosmovisão já denuncia um incômodo deste sujeito em que a visão de mundo dos sujeitos deve ser considerada. A cosmovisão, então, funciona, neste caso, como uma aproximação com o lugar de fala, uma vez que o sujeito que enxerga sua realidade seria uma forma de valorização das situações de mundo a partir da visão daqueles que vivenciam tais situações.

A “ficção afrocentrada” comentada pelo sujeito aparece como um destaque à realização

de produções fictícias a partir do ponto de vista dos sujeitos negros, ou neste caso, dos sujeitos africanos. O termo “afrocentrada” aparece como um termo morfológicamente justaposto, combinando o prefixo “afro”, que indica uma relação com a África, e “centrada”, o radical que indica um centro ou um foco em algo, neste caso, na África. Essa posição afrocentrada, portanto, aparece como uma posição que tem como foco a cultura do continente africano, que está passando, também, por um processo de valorização nas sociedades, não sendo mais colocada na posição de um continente pobre e marginalizado ou explorado pelos países europeus, que sua caracterizam a ideia de África, com savanas com animais exóticos e uma população negra atingida pela miséria.

Em contraposição com o foco na África, o sujeito profere “por isso coloca a régua eurocêntrica em tudo”, com destaque para o termo “régua”, que faz alusão ao objeto da geometria utilizado para medir e traçar linhas. Com essa alusão, o sujeito causa um sensação metafórica, indicando que Schwarcz possui um ponto de vista, um objeto que apenas traça as linhas de um ponto de vista, ou seja, apenas enxerga o mundo a partir do “traçar de linhas” eurocêntrico, que morfológicamente, reúne o prefixo “euro”, que indica relação com a Europa, e o adjetivo “cêntrico”, que indica a centralidade de algo, neste caso, a Europa; esta situação de uso de termos justapostos indica, na materialidade linguística, o embate entre a cosmovisão africana *versus* a cosmovisão europeia, que não escapa à posição do negro *versus* o branco.

O sujeito utiliza aspas duplas para dizer “senso de realidade”, para apontar que este é um discurso que não é seu, isto é, aponta uma heterogeneidade discursiva mostrada que estudamos a partir de Authier Revuz (1990). Esse mecanismo indica que os termos entre aspas não são de autoria do sujeito, que os remete a Lilia Schwarcz, ainda que, em sua crítica ao filme de Beyoncé, a autora não utilize estes termos. O uso destes termos indica que, primeiro, há uma interpretação por parte do sujeito de que Schwarcz utiliza estes termos e o que nos interessa é saber o motivo pelo qual o sujeito realiza este movimento da heterogeneidade discursiva.

Por “senso de realidade”, o sujeito pretende indicar que Schwarcz traz consigo uma crítica sobre a ficção afrocentrada em África e esta crítica remete a uma visão “eurocêntrica”. Uma vez realizada a crítica, Schwarcz comenta sobre a ficção negra deste ponto de vista, de acordo com o sujeito, e este ponto de vista não é de alguém que faz parte desta realidade dos sujeitos negros, portanto continua com: “não cabe no imaginário negro para discutir Beyoncé”, destacando que “não cabe”, aquilo que não pertence e não faz sentido no “imaginário negro”, sendo a forma com que os sujeitos negros expressam aquilo que reside no domínio da mente,

do ponto de vista da representação. Com isto, o sujeito destaca que Schwarcz realiza uma crítica a partir de uma visão eurocêntrica que não é uma visão “afrocentrada”, que é uma crítica que está no nível da exterioridade observante, e não se compara com a vivência interna das situações representadas na ficção produzida por Beyoncé.

De forma incisiva, o sujeito finaliza o enunciado com “É tentar diminuir aquele fogo que não controla e nunca irá 🔥”, isto é, por “diminuir aquele fogo”, o sujeito está apontando que Schwarcz tenta realizar um processo de redução do imaginário negro, do seu ponto de vista e de sua própria capacidade de produção de uma representação cinematográfica produzida por uma mulher negra, no caso Beyoncé. Pela utilização do substantivo “fogo”, que em seu emprego pragmático, a partir do contexto, indica força, intensidade e vigor da identidade negra; o sujeito indica um objeto semiótico, o emoji, para representar o substantivo, que no uso do tecnodiscurso, o sujeito realiza um reforço do uso do termo com uma representação visual, o emoji, para reforçar o sentido de suas colocações. Seguindo com “não controla e nunca irá”, indica haver uma forma mística ou especial, que apenas um tipo de sujeito pode controlar esta força ou intensidade negra: os próprios sujeitos negros.

Essa primeira análise indica que o sujeito faz parte da formação discursiva (FD) que vai contra o discurso de Schwarcz, ou seja, o artigo publicado no jornal Folha de São Paulo. Esta FD não só aparece como uma forma de posicionamento contra a autora, bem como aparece como uma organização de valorização da identidade negra, apontando sua ideologia em que a identidade negra possui um “fogo”, conforme expusemos, uma força intensa, que só os negros conseguem controlar, deste modo é possível visualizar que este discurso da FD da identidade negra denuncia, possivelmente, uma participação em movimentos de apoio à valorização à identidade negra, como o próprio movimento negro e militâncias políticas que fortalecem esta pauta identitária.

Além do próprio posicionamento do sujeito nesta FD, podemos notar a utilização do lugar de fala como uma forma de autoconservação, isto é, o dispositivo discursivo que comentamos no capítulo anterior. O dispositivo discursivo, conforme comentamos, neste caso aparece em forma de duas situações: o lugar de fala e a ordem do discurso.

O lugar de fala, noção que buscamos em Ribeiro (2017), aparece como o lugar formador do “ponto de vista”. É a partir do lugar de fala que os sujeitos se organizam dentro da FD para se armarem contra uma resposta do outro discurso. Assim, o lugar de fala funciona como um validador de experiência, uma credibilidade do discurso: aquele que não vivencia a situação,

não pode falar como aquele que vivenciou. É a partir dessa noção, que o sujeito em questão acusa Schwarcz de tentar “diminuir” aquele “fogo que não controla e nunca irá”, pois tendo como ponto de partida em sua argumentação, o lugar de fala, entende que sendo uma mulher branca, Schwarcz jamais terá o lugar de fala de um sujeito negro para realizar uma crítica como tal.

Vale ressaltar que na própria obra de Ribeiro (2017, p.36) há a concepção de que todos têm lugar de fala, mas o que importa é justamente a questão da representatividade, que uma mulher negra não se sente representada por um homem branco, por exemplo. O lugar de fala aponta o lugar social do qual falam os sujeitos, ou seja, as experiências vivenciadas a partir deste lugar. No analisado, o sujeito realiza essa separação entre eurocêntrico e afrocentrado, bem como cita que Schwarcz jamais conseguirá controlar o “fogo” da identidade negra. É neste ponto que o sujeito realiza a separação entre as vivências, entre o lugar social ocupado pelo negro e a posição de mulher branca que ocupa Lilia Schwarcz.

A *separação* realizada entre o lugar de fala, o lugar social, se assemelha ao procedimento de exclusão do discurso de Foucault (1970) que é a *separação* entre a razão e a loucura. A palavra do louco é nula socialmente, pois há uma consideração exterior de que esta palavra não corresponde à realidade ou detém poderes sobrenaturais, assim, a palavra do louco é apenas considerada na investitura da clínica psiquiátrica, pois este aparece como o lugar próprio para que a palavra do louco possa ser considerada e interpretada, utilizando os métodos da clínica. O processo de separação funciona como uma forma de adjetivação, o louco é adjetivado como louco, portanto sua palavra se torna nula. Este processo de adjetivação emana o poder de calar o outro pela sua adjetivação deste outro como disfuncional.

A aproximação que propomos neste caso é de que a utilização do conceito de lugar de fala, realiza uma separação entre aquele que pode falar, justamente quem vivenciou determinada situação em determinado lugar social, com aquele que não vivenciou, aquele que, deste modo, não é autorizado a tomar a palavra, mas pode tomá-la em outro ambiente, entre os seus, a partir do seu lugar de fala sobre o que enxerga numa situação externa como esta: uma mulher e professora branca realizando uma crítica sobre uma produção cinematográfica de identidade negra.

Como o sujeito branco é desautorizado, seu discurso se torna nulo e, mesmo que também possua lugar de fala a partir da sua visão da identidade negra, poderá enunciar seu discurso em um lugar controlado, sempre, pela presença e pela vivência de um outro discurso e seus sistemas

de controle. O discurso do lugar de fala do negro, em manifestações do processo de cancelamento, muitas vezes atua como o discurso psiquiátrico, pois patologiza os comportamentos, que se materializam em diversas manifestações discursivas na sociedade, que atribuem o adjetivo “louco” ao sujeito considerado ou discriminado como racista. Este discurso atua controlando e interpretando tudo o que é dito, a partir de seus procedimentos de valoração e desvalorização perante o que é dito pelo sujeito louco ou branco.

Ainda sobre a ordem do discurso, outra situação que ocorre nesta análise é a de que o sistema de exclusão interna do discurso, o *comentário*, aparece como uma forma de reprodução do conceito de lugar de fala, utilizando uma intelectual negra como Ribeiro (2017) para realizar esta reprodução. Os sujeitos utilizam o conceito de lugar de fala como um dispositivo para validar o discurso a partir de uma credibilização pelo vivenciamento que possuem a partir do lugar social a que pertencem. O *comentário* aparece como uma forma de inibir a aparição de um novo discurso de confronto com o primeiro, ou seja, aparecendo uma visão diferente do que é vivenciado por esses sujeitos, o *comentário* - o conceito de lugar de fala sendo reproduzido - cuidará de realizar um cerceamento do discurso, sempre levando o ponto de vista a partir do próprio lugar de fala.

O exemplo do *comentário* presente no *tweet* que analisamos aparece pela utilização do lugar de fala e pelo confronto que essa forma de exclusão do discurso estabelece com a visão de Schwarz ao criticar “Black is king”, desconsiderando as filiações teóricas ou de vivências que a autoria possui, sempre levando a discussão para o nível da exploração do lugar de fala, que ao ser enunciado, não permite uma diversidade em relação a sua visão, ela sempre será uma forma comentada por diversos sujeitos sem que haja a possibilidade de fugir aos sentidos de possuí-lo. A discussão e o embate sempre estarão presos à percepção da existência do lugar de fala.

### **4.3 SE EU FOSSE VOCÊ ESTARIA COM VERGONHA**

Seguindo a percepção da utilização do lugar de fala como um dispositivo discursivo, aquilo que é utilizado para credibilizar o discurso e, neste caso, cancelá-lo, partimos para realizar a análise do enunciado produzido pela cantora Iza<sup>7</sup>, que utilizou a plataforma Instagram

---

<sup>7</sup> A cantora Iza fez parte do movimento que cancelou Lilia Schwarcz, realizando uma crítica para descredibilizar o discurso de Schwarcz por sua característica fenotípica branca: <https://www.bnews.com.br/noticias/personalidade/276718-iza-rebate-critica-da-historiadora-lilia-schwarcz-ao-album-black-is-king-de-beyonce-melhores.html>. Acesso em 13 maio 2023.

para participar do processo de cancelamento e linchamento virtual de Lilia Schwarcz.

No print da figura 11, a seguir, a cantora faz um comentário utilizando o recurso de *stories* do Instagram para comentar sobre a publicação do artigo de Schwarcz no jornal Folha de São Paulo, realizando uma crítica contundente ao fato de a autora ter, de certo modo, usurpado o lugar de fala de uma pessoa negra para realizar a crítica de uma produção de alguém como Beyoncé, uma mulher negra.

Figura 11: se eu fosse você estaria com vergonha.



Fonte: Instagram (2020)

É possível visualizar que o sujeito utiliza a forma de discurso compósito que Paveau (2021) explora em sua obra. O discurso compósito aparece na junção do linguístico com o técnico, como URLs, links e redirecionamentos, assim, o sujeito utiliza o redirecionamento de uma postagem do jornal Folha de São Paulo para incluir em seu discurso, a partir de uma possibilidade tecnológica do digital, uma outra situação, um acontecimento social, exterior a ele.

No redirecionamento da notícia, o sujeito utiliza em seu discurso compósito para incorporar as palavras de Schwarcz às suas, bem como possibilitar que seus seguidores possam

acessar a matéria do jornal Folha de São Paulo. Nesse sentido, o sujeito se utiliza da configuração tecnológica para enunciar o seu discurso que surge em um ambiente digital como o Instagram.

Podemos visualizar a diferença entre as redes sociais Twitter e Instagram pelas duas análises realizadas até aqui. No primeiro exemplo, o sujeito enuncia de forma “livre” no Twitter, sem procurar nenhuma ferramenta digital para relacionar o seu discurso com a notícia ou com algum *post* realizado naquela rede social. O comentário é realizado em sua página pessoal e compartilhado com demais pessoas. Já no Instagram, o exemplo da segunda análise, o funcionamento desta rede social é outra: há um apelo ao uso do objeto semiótico e da imagem, configurando o tecnodiscurso e o discurso compósito, pois há apelo dos usuários desta rede pelo uso de imagens e fotografias que são utilizadas para ser o objeto principal de produção nesta rede.

O sujeito começa indicando na parte superior da imagem com “BEYONCE ‘PRECISA ENTENDER” (sic). Iza utiliza a função caixa alta do teclado, que representa, nas redes sociais, uma forma de enfatizar uma fala ou indicar que, imaginando estarem em uma comunicação oral, a frase é proferida em voz alta, com um grito. No que tange à fala do sujeito, indica que por “Beyoncé”, está comentando sobre a cantora e produtora do filme e coloca entre aspas duplas, mais uma vez indicando a forma de heterogeneidade discursiva mostrada (Revuz, 1990) para indicar que essas palavras não são suas, ou seja, indica o não uso, que não falaria de tal forma, e que tais palavras pertencem a Schwarcz.

O termo em questão – que o sujeito indica por uma manifestação semiótica ao utilizar a função de circular uma palavra na frase no ambiente digital – é “entender”, indicando logo no início que a questão problemática e digna de discussão é o uso do verbo “entender” no qual Schwarcz, em seu artigo, afirma que Beyoncé precisa entender que a luta antirracista não se faz apenas dos artifícios que a cantora utilizou em sua produção cinematográfica, sendo eles “pompa, artifício hollywoodiano, brilho e cristal”. Em sua fala, Schwarcz indica que, por “entender” a cantora precisa procurar outro caminho para entrar na luta antirracista, que seja de forma mais séria que interpretar a negritude a africanidade.

A cantora Iza, em sua forma sujeito, se insere na mesma formação discursiva da primeira análise, na qual os sujeitos atuam em prol de que haja uma credibilidade dos sujeitos negros para falarem sobre assuntos que lhes competem, isto é, a sua própria luta. Neste sentido, o sujeito que faz parte desta FD não aceita o enunciado de que qualquer pessoa possa falar sobre

os assuntos de negritude.

Utilizando o conceito de memória discursiva, visto no primeiro capítulo, ela aparece como uma forma atravessada no discurso, realizando-se pelos enunciados *pré-construídos* (INDURSKY, 2011), sentidos já ditos em algum lugar e esquecidos, que reaparecem no discurso. Nessa FD, bem como em outras que incluem pautas identitárias, os sujeitos se relacionam com sua ideologia, ativando uma memória discursiva, na própria forma marxista de luta de classes, que aparecem através da identidade dos sujeitos. O sujeito branco aparece sob um simbolismo do privilégio, tanto econômico, como social. Já o sujeito negro aparece como afetado pela herança de uma escravidão violenta e pela marginalização no processo de abolição em 1888.

A luta de classes, ativada pela memória discursiva, impulsiona o embate entre os sujeitos pelo discurso. Não há apenas posicionamentos ideológicos dos sujeitos se materializando no discurso, mas há uma relação íntima dos sujeitos com a ideologia, posicionando-a como uma manifestação íntima das crenças e lutas do sujeito, assim, a materialização discursiva não apenas indica um lado ou posicionamento do sujeito, mas indica o aparecimento da luta de vida do sujeito que toma forma em seu discurso.

Continuando a análise, na parte inferior do print, o sujeito profere “@liliaschwarcz, meu anjo”, utilizando o discurso compósito a partir da marcação do perfil de Lilia Schwarcz no Instagram, realizado pela utilização do símbolo “@” para criar um link de redirecionamento para o perfil de Schwarcz na rede social, bem como realizar uma forma de “ligação” a Schwarcz, que receberia uma notificação na rede social por ser marcada em uma postagem de um usuário.

A marcação do perfil de um outro usuário numa postagem como essa também funciona como uma forma de exposição pública virtual, a qual visa a possibilitar o linchamento virtual, que acontece a partir do movimento que os seguidores dos usuários como a cantora Iza, que se identificam, como sujeitos, com o discurso da cantora e, assim, procuram realizar um julgamento a partir das impressões do sujeito que enunciou o discurso, no caso, o influenciador digital. Estes sujeitos, usuários do Instagram, procuram o perfil que foi marcado para ter acesso ao perfil que será linchado, na tentativa de atingir o sujeito cancelado.

O linchamento virtual no perfil do sujeito na rede social funciona como um acesso ao corpo do sujeito, bem como a realizações dos suplícios, que Foucault (1970) detalha na obra *A Ordem do discurso*. A punição pública em forma do linchamento virtual se assemelha ao suplício, no qual a punição é feita publicamente, de forma exemplar, a uma pessoa pública e

conhecida para efetivar o modo disciplinar do discurso. No caso em questão, Schwarcz comete a transgressão e é cancelada, surgindo o linchamento virtual realizado sobre o seu “corpo virtual”, o seu perfil nas redes sociais.

Pelo uso do vocativo “meu anjo”, o sujeito pretende realizar um tratamento irônico a Schwarcz, que neste caso, aparece como um reforço ao erro, uma vez que a ironia atua como uma representação do desdém e do desprezo em relação à pessoa mencionada. A ironia funciona como uma forma de desqualificação do sujeito Schwarcz perante as falas da autora do artigo em questão.

No trecho “quem precisa entender sou EU. EU preciso entender que privilégio é esse que te faz pensar que você tem alguma autoridade para ensinar uma mulher negra como ela deve ou não falar sobre o seu povo.”, podemos analisar que i) pela utilização de “quem precisa entender sou EU”, há a presença da heterogeneidade discursiva pelo emprego do verbo “entender”, que Schwarcz utiliza para dizer que Beyoncé precisa entender que a luta antirracista se faz de outra maneira. Pela presença deste verbo neste discurso heterogêneo, também há a presença do interdiscurso, que indica que a FD sempre está atravessada por outras FDs (BRANDÃO, 2012, p. 91), ou seja, o discurso de Schwarcz responde a uma FD e de Iza, responde a outro, contudo, é o atravessamento que faz os sujeitos tomarem as palavras dos outros sujeitos como suas para rebatê-las ou endossá-las.

Ainda no mesmo trecho, observamos que: ii) pela utilização do pronome “EU” colocado em maiúsculas, novamente há o movimento para sugerir uma ênfase na utilização deste termo ou simular um grito no ambiente digital. No caso em questão, este movimento passa a significar de duas formas: a primeira significação se refere à tomada de posição do sujeito que se coloca no lugar de Beyoncé, explanando uma forma de rebatimento das palavras de Schwarcz como se suas próprias palavras tivessem sido atingidas. A segunda forma de significação é envolvimento que o sujeito possui com a ideologia, que aparece como uma forma íntima e pessoal, trazendo à tona não apenas uma forma de crença ou defesa de um ponto de vista, mas também como uma forma íntima que se confunde com a própria existência do sujeito, neste caso, um sujeito negro.

Seguindo com “que privilégio é esse que te faz pensar que você tem alguma autoridade”, o sujeito denota o embate entre o privilégio e o lugar social ou lugar de fala. Como comentamos nos parágrafos anteriores, é ativada a memória discursiva de que o branco ocupa um lugar de privilégio, enquanto o negro ocupa um lugar marginalizado. Partindo disto, o sujeito questiona

este privilégio perante uma consideração de que o lugar de fala funcione como uma reivindicação de um lugar discursivo, no qual o negro possa falar de sua própria experiência e cosmovisão. Pelo uso do substantivo “autoridade”, o sujeito, que tece o seu discurso pela ironia, questiona se Schwarcz, sujeito branco, possui autoridade para falar sobre o sujeito negro, mesmo sendo Schwarcz uma estudiosa do sujeito e da identidade do negro na sociedade brasileira.

Assim, podemos visualizar que não há apenas um processo de rarefação do discurso no qual a percepção acadêmica destes sujeitos se materializa em forma do comentário sobre a produção do conceito de Lugar de fala, isto é, a percepção epistemológica sempre adotará esta visão, excluindo exceções e visões diferentes, bem como aparece como um processo de exclusão pela proibição do discurso, em que a ordem do discurso proíbe a tomada da palavra, já que ela não deve ser tomada por qualquer um, e pelo ritual, que aparece como uma investidura social que autoriza o sujeito a tomar a palavra. No caso em questão, Lilia Schwarcz seria alguém, por sua trajetória acadêmica, a tomar a palavra, contudo, há uma inversão desta investidura em detrimento da presença do lugar de fala, que busca inverter esta noção.

Este processo de inversão remete às observações da Análise dialógica do discurso, na qual o conceito de dialogismo aparece como uma forma de cruzamentos de vozes sociais em todos os discursos. O dialogismo é responsável por relacionar os discursos uns com os outros, a partir de sua existência e propagação nas sociedades.

Se a sociedade é dividida em grupos sociais, com interesses divergentes, então os enunciados são sempre o espaço de luta entre vozes sociais, o que significa que são inevitavelmente o lugar da contradição. (FIORIN, 2008, p. 25)

A relação entre as duas FDs mantém uma conexão ininterrupta uma com a outra, na qual esta manutenção garante a posição de contradição entre ambas. Além da percepção do dialogismo inevitável, a noção de carnavalização aparece como forma de explicar a inversão do ritual, pois este conceito traz consigo a posição de inversão hierárquica, uma vez que durante o carnaval as normas sociais e hierárquicas são invertidas temporariamente, bem como as figuras de poder e autoridade são ridicularizadas em público, sendo um espaço próprio para que este tipo de inversão social ocorra.

As leis, proibições e restrições, que determinavam o sistema e a ordem da vida comum, isto é, extra carnavalesca, revogam-se durante o carnaval: revogam-se antes de tudo o sistema hierárquico e todas as formas conexas de medo, reverência, devoção, etiqueta, etc., ou seja, tudo o que é determinado pela desigualdade social hierárquica e por qualquer outra espécie de desigualdade (inclusive a etária) entre os homens. Elimina-se toda a distância entre os homens e entra em vigor uma categoria carnavalesca específica: o livre contato familiar

entre os homens. (BAKHTIN, 2005, p. 125)

Por mais que Schwarcz não se apresente como uma figura política ou de poder, sua posição como acadêmica a coloca nesta posição de poder e de autorização para tomar a palavra, uma vez que possui uma trajetória acadêmica para falar sobre a identidade negra, contudo, perante as formas que citamos, de exclusão do discurso e pela carnavalização, o processo de ridicularização da autoridade acadêmica de Schwarcz acontece sob a luz de uma visão revolucionária das pautas identitárias baseadas no comentário epistêmico do conceito de lugar de fala.

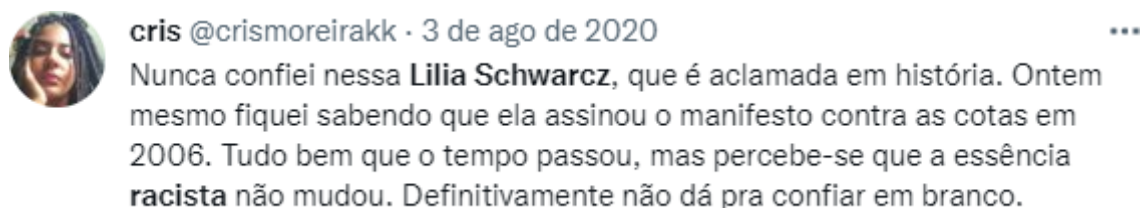
Prosseguindo nas análises, o questionamento da autoridade de Schwarcz responde ao questionamento do porquê não devem os sujeitos negros falarem sobre o seu povo e, neste caso, o sujeito representante da cosmovisão negra é Beyoncé, que assume, nesta FD, uma posição inquestionável. Não é dentro da FD que Beyoncé não será jamais questionada, mas é nas relações de forças com outra FD - isto é, não apenas um embate entre as FDs, mas uma situação em que as FDs tentam sobrepor uma a outra, buscando uma significação no espaço discursivo que seja única, ou seja, descredibilizando a outra – que Beyoncé será considerado um sujeito inquestionável perante outra FD, portanto esta atividade funciona como uma autodefesa ou conservação da FD e de sua ordem do discurso.

Por fim, o sujeito profere “se eu fosse você (valeu Deus) estaria com vergonha agora. MELHORE!!”, fazendo alusão à posição condenável, de acordo com sua FD, do comentário de Schwarcz no artigo do jornal Folha de São Paulo, que vai contra a sua concepção de lugar de fala como posição fundadora para formar o discurso, bem como sua concepção de privilégio branco para falar sobre as manifestações dos sujeitos negros. O sujeito, ao dizer com ironia “valeu Deus”, pretende realizar a separação entre aqueles que fazem parte de sua FD e aqueles que possuem um discurso condenável.

Nos exemplos a seguir, podemos visualizar a mesma estratégia discursiva dos dois exemplos supracitados. O sujeito internauta denominada “cris” profere que nunca confiou em Lilia Schwarcz, que é aclamada em História, fazendo alusão à área do conhecimento em que Schwarcz também é reconhecida pelo seu trabalho. Contudo, para justificar esta desconfiança na docente universitária, o sujeito diz que ficou sabendo que ela assinou um manifesto contra as cotas em 2006. As “cotas” comentadas pelo sujeito são as cotas raciais para ingresso nas universidades brasileiras, uma pauta que estavam em discussão no ano de 2006, medida que beneficiou diversos sujeitos negros com a entrada na universidade, portanto uma posição

contrária a esta ação já evidencia, para o sujeito, uma desqualificação de Schwarcz.

Figura 12: Nunca confiei nessa Lilia Schwarcz.

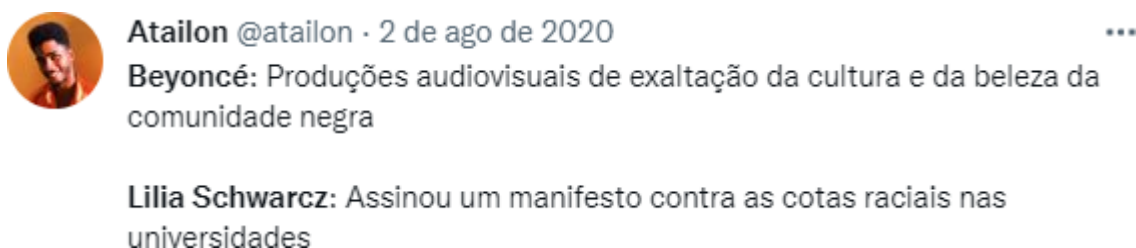


Fonte: Twitter (2020)

O sujeito continua o seu discurso ao proferir “tudo bem que o tempo passou, mas percebe-se que a essência racista não mudou. Definitivamente não dá para confiar em branco”. Neste discurso, o sujeito realiza o processo de silenciamento de Schwarcz a partir de sua posição narcísica e autoritária, na qual uma outra visão do mundo não é aceita. Além disto, ao citar as cotas raciais, evidencia a presença da pauta identitária, pois considera aquele que é ou foi contra esta medida, um sujeito racista. O processo de adjetivação, retoma a questão foucaultiana da separação entre a razão e a loucura, pois racista é considerado como um sujeito louco, sua palavra é nula perante uma sociedade que a condena.

Os exemplos a seguir também seguem a mesma linha das análises anteriores. Os sujeitos internautas aparecem no discurso digital em sua forma ampliada e relacionada com uma cadeia discursiva natural do ambiente digital, proferem discursos com os mesmos argumentos, denotando a posição dialógica do discurso, com marcações verbais, inclusiva, e expondo o interdiscurso presente nas formulações. No exemplo da figura 13, o sujeito realiza uma comparação entre Beyoncé e Schwarcz, na qual Beyoncé aparece como a figura representante dos negros e que tem lugar de fala, e Schwarcz aparece como a figura representante do privilégio branco e que não possui lugar de fala para falar do sujeito negro.

Figura 13: Comparação entre Beyoncé e Lilia Schwarcz.



Fonte: Twitter (2020)

No tweet da figura 13, o sujeito destaca que Beyoncé realiza produções audiovisuais de exaltação da comunidade negra e que Schwarcz assinou um manifesto contra as cotas (raciais). Beyoncé, como figura negra, é exaltada pela posição sujeito que lhe confere lugar de fala e Schwarcz é reduzida a apenas quem assinou um manifesto contra as cotas raciais nas universidades, mesmo que tenha produções acadêmicas relevantes em sua área de estudo.

A questão que levantamos nesta análise é de que não importam as posições sociais ou discursivas que tomam os sujeitos perante as formações discursivas que utilizam as pautas identitárias como dispositivos discursivos para silenciar o outro. A própria contra identificação do sujeito com a mesma FD de que faz parte, já causa uma ruptura que o leva ao processo de cancelamento, que acontece pelo processo de desqualificação autoritária e silenciamento do discurso. Assim, o reducionismo de Schwarcz aparece como um dispositivo para silenciar o outro, pois o linchamento virtual visa a reduzir o sujeito a apenas uma característica, que justamente acontece pela adjetivação que discrimina o sujeito como racista, machista, intolerante, entre outros.

Não há, no processo de cancelamento, a percepção do diferente, daquilo que aparece de forma diversa perante a concepção, ou seja, conforme vimos na percepção de Orlandi (2012) o silenciamento é um processo autoritário e sempre busca a desqualificação do outro sujeito. No exemplo da figura 14, a seguir, a carnavalização aparece novamente pela inversão de posições; o sujeito utiliza uma produção semiótica para criar uma ligação entre Schwarcz e a boneca Barbie que, atualmente, é considerada uma figura que carrega estereótipos, por ser branca e trazer consigo uma visão singular de mulher. Schwarz é comparada à boneca para que seu lugar de fala enquanto acadêmica seja retirado, realizando um processo de desqualificação de sua biografia.

Figura 14: Schwarcz é Barbie.



joe @eujoeandrade · 2 de ago de 2020



Lilia Schwarcz: Não gostei do trabalho da Beyoncé pq ela glamouriza a África, eu tenho local de fala pq sou antropóloga e sei dos problemas dos negros mesmo sendo branca



Fonte: Twitter (2020).

Depois de realizar as análises do cancelamento de Lilia Schwarcz, no qual foi possível discutir diversos conceitos mobilizados nesta pesquisa, passamos agora a realizar as análises do corpus do caso de cancelamento de J.K. Rowling, que também aconteceu no ano de 2020 e que se ampara em situações similares ao acontecimento que acabamos de analisar.

#### 4.4 O CANCELAMENTO DE J.K. ROWLING: A TRANSFOBIA

Partimos agora para as análises do caso de cancelamento de J.K. Rowling, escritora e autora dos livros da saga *Harry Potter*, considerados *best-sellers* pela grande quantidade de venda de livros e movimentação do mercado. J. K. Rowling ficou marcada por este trabalho, que inclusive obteve uma boa imagem por sua obra ser considerada importante para falar sobre empatia, amizade e respeito, no que tange aos seus personagens.

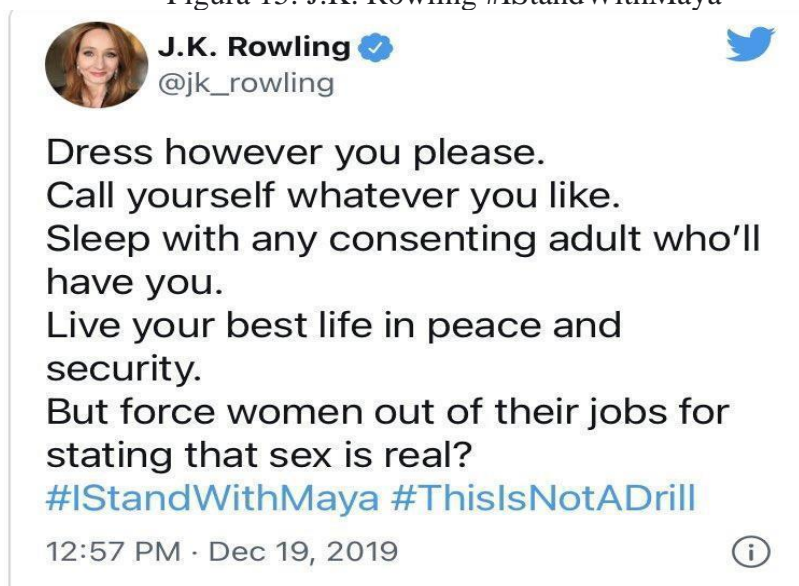
No que concerne às condições de produção do cancelamento de J.K Rowling, podemos visualizar que ele acontece a partir de publicações da autora em sua página do Twitter, comentando sobre o acontecimento da demissão de uma funcionária do Centro do Desenvolvimento Global (CGD), Maya Forstater, que realizou declarações acerca da existência do sexo biológico, em que Forstater afirmou que é “impossível” mudar o sexo ou perder o sexo

que possuímos, uma vez que esta é uma característica biológica do ser humano”. Essas declarações, realizadas também no Twitter, foram consideradas pelos usuários e comunidades simpatizantes com a causa trans, como declarações transfóbicas, que ferem o direito e a existência das pessoas trans.

A problematização desta questão é justamente a discussão presente nas redes sociais e, de certo modo, no meio científico, sobre a existência ou não da possibilidade de um sujeito poder realizar uma “troca” de gênero, ou seja, assumir uma identidade de um gênero que não compactua diretamente com o seu sexo biológico, isto é, um indivíduo nascido biologicamente do sexo masculino, pode assumir, em alguma fase de sua vida, uma identidade diferente do sexo biológico, ou seja, constituindo-se a partir do gênero, que se relaciona com os papéis sociais da mulher, do homem e, nos dias atuais, de pessoas que não se identificam com nenhum destes papéis ou até mesmo com ambos.

A polêmica em torno de Rowling acontece após a autora publicar tweets criticando a demissão ou a não renovação contratual de Maya Forstater, que segundo ela própria, aconteceu após a polêmica das publicações da funcionária. Rowling, então, publicou no Twitter o seguinte comentário relacionado ao acontecido:

Figura 15: J.K. Rowling #IStandWithMaya



Fonte: Twitter (2019).

Neste tweet, Rowling profere “Vista-se como quiser, Chame-se do que você quiser, Durma com qualquer adulta que o tenha... Mas forçar uma mulher a sair de seu emprego por dizer que o sexo é real?”. Assim, a autora se inseriu na polêmica entre o sexo e o gênero,

criticando a noção de cancelamento que aconteceu com Maya Fostater, por ser demitida de seu emprego por suas declarações consideradas “transfóbicas”.

A acusação de transfobia acontece pela consideração por parte da comunidade *trans* de que a utilização da noção de sexo biológico para julgar um indivíduo não é válida, uma vez que este pode realizar uma identificação pelo gênero, que é social. Diante disto, a existência de indivíduos que se identificam com gêneros diferentes à forma *cisgênero* (na qual o gênero corresponde à definição sexual biológica), há um efeito de visibilidade que estes indivíduos procuram na sociedade, afirmando que sua identificação não pode ser definida apenas pela visão biológica.

Um outro apontamento feito por J.K. Rowling nesta polêmica, foi a ironia que a autora realizou sobre a utilização do termo “pessoas que menstruam” em um artigo compartilhado nas redes sociais sobre educação social. No artigo compartilhado pela autora, a utilização do termo “pessoas que menstruam” substitui o uso da palavra “mulher”, que na visão biológica do gênero e sexo, são as pessoas que menstruam. Contudo, neste embate ideológico, aquele que menstrua não é necessariamente uma mulher, mas sim alguém que, biologicamente, possui a característica e possibilidade de menstruar.

A utilização de novos termos e classificações como esta, aparecem como a forma de um embate pela história, na qual o sujeito histórico se relaciona com aquilo que socialmente já foi construído e preza pela sua manutenção, em outras palavras, é um sujeito conservador. Do outro lado, o sujeito que se relaciona com novas formas de classificações como “pessoas que menstruam” e novas classificações de gêneros sociais, aparece como um sujeito envolto no contemporâneo, que tenta travar uma mudança não apenas na língua, mas também na história.

Figura 16: J.K Rowling “people who menstruate”.



Fonte: Twitter (2020).

Na figura acima, visualizamos a ironia nos enunciados da autora sobre o uso do termo “pessoas que menstruam”. É neste âmbito que J.K Rowling passa a ser considerada uma figura contraditória pelos fãs da saga literária que produziu *Harry Potter*. Alguns fãs citam que a obra *Harry Potter* é construída sob considerações de empatia, amizade e respeito, assim, é deste modo que realizam um julgamento de que a autora pratica justamente o contrário do que é representado na obra que escreveu, portanto, na contradição, aparece o cancelamento.

Ao tomar essa ideia de contradição, podemos trazer as noções de identificação e contra identificação, discutidas no primeiro capítulo, em que o sujeito, do interior de de sua FD, pode identificar-se ou contra identificar-se com a forma sujeito que organiza os saberes dentro de uma FD.

[...] em relação aos saberes da forma-sujeito, conduzindo o sujeito do discurso a contra-identificar-se com a forma-sujeito da formação discursiva que o afeta. E é esta modalidade de tomada de posição que coloca o sujeito do discurso na posição de mau sujeito, vale dizer, aquele que se permite duvidar, questionar os saberes e não simplesmente reduplicá-los, como ocorre na primeira modalidade. (INDURSKY, 2008, p. 13)

Para pensarmos desta forma, é importante pensar nessa posição de resistência que o sujeito toma, apesar de seu assujeitamento dentro da FD. No acaso que aqui comentamos, J.K. Rowling aparece inscrita numa FD progressista, que preza pelo respeito ao próximo, inclusão

e amizade, presente em sua obra literária, que é o motivo pelo qual é conhecida. Contudo, mesmo inscrita dentro dessa FD progressista, a autora resiste às novas utilizações de termo e classificações, como vimos o uso de “pessoas que menstruam”, bem como se pronuncia contra a demissão de uma funcionária por conta de sua posição contra a consideração absoluta de que o sexo biológico não existe.

Este sujeito que toma forma na figura pública de J.K. Rowling, então, é resistente ao assujeitamento proveniente da classificação progressista de sujeito e FD. Como vimos, é considerado um mau-sujeito aquele que contra identifica-se com a sua formação discursiva, pois questiona os saberes presentes na sua FD. É na contra identificação que há uma fissura do ethos discursivo produzido sobre a figura de J.K. Rowling, que vai em uma posição diferente às suas posições ideológicas no que tange a posições progressistas. A fissura causada por um posicionamento diferente acontece dentro da FD progressista, ganha um aspecto adjetivado: transfóbico (a).

Conforme ousamos definir nesta dissertação, o cancelamento como um processo discursivo de adjetivação, podemos visualizar que isto também acontece no cancelamento de Rowling, que passa a ser considerada transfóbico pelo seu posicionamento em relação à existência ou não do sexo biológico e da identificação do gênero social. Estes posicionamentos colocam Rowling numa posição contrária à comunidade trans, que tem, de forma concreta, suas posições. Um outro aspecto para destacar é de que a inserção dos sujeitos nessa discussão não se dá apenas no nível da opinião e posicionamento, mas também no nível da identidade social dos sujeitos, que buscam uma forma de afirmação social no que se refere a ser um indivíduo trans ou cisgênero.

Há também uma característica dialógica no cancelamento de Rowling, que também está presente no caso do cancelamento de Schwarcz: o cancelamento sempre é uma resposta à existência de um ataque e condição social no qual as minorias, seja a comunidade LGBTQIA+ ou a comunidade negra, resistem perante a existência de preconceitos e violências sociais contra essas comunidades. Portanto, ao estar em face de manifestações discursivas de violência que visam inibir a sua própria existência, assim, a resposta a um enunciado que vá contra ao seu posicionamento discursivo e identitário, não funciona apenas como um jogo de fala e resposta, mas sim como uma luta travada para ocupar um lugar social e reafirmar suas existências. Desse modo, sua reação perante o encontrar um posicionamento contrário à sua identidade é, por meio do discurso, criar uma manifestação inibidora do contrário e, por meio da língua, adjetivar o

outro para assim desqualificá-lo.

A partir das condições de produção do discurso expostas, partimos, agora, para a primeira análise do processo de cancelamento de J.K. Rowling, que acontece desde o ano de 2019.

Figura 17: J.K. Rowling é Donald Trump.



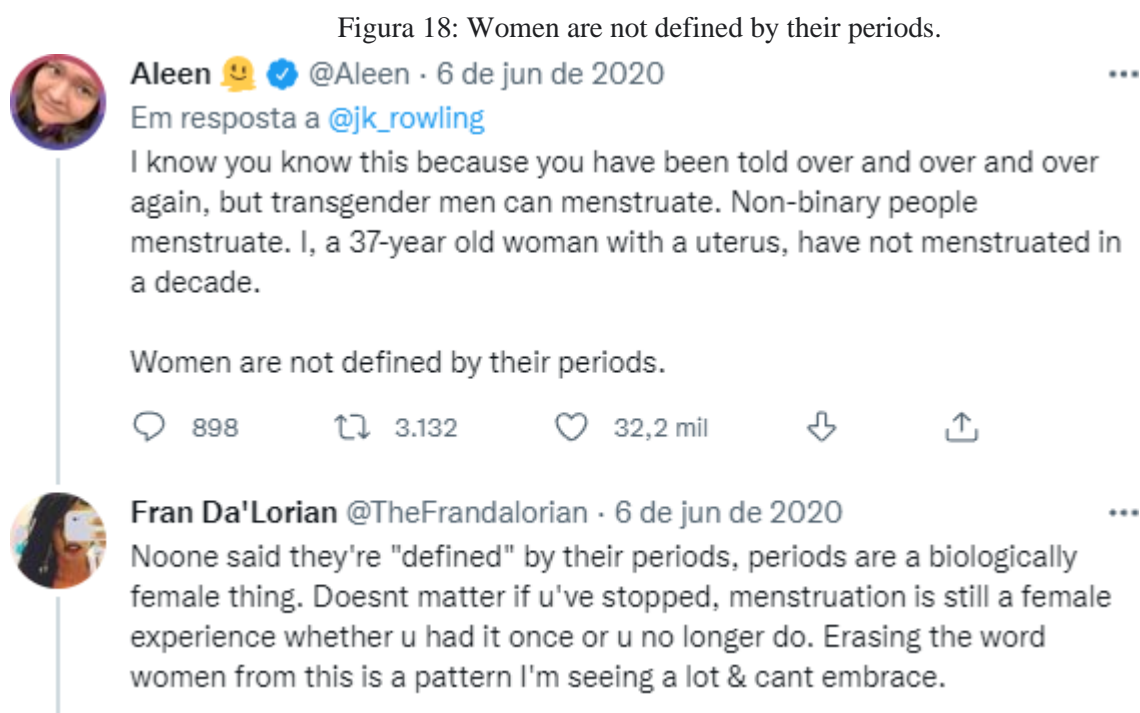
Fonte: Twitter (2020).

Neste tweet, há uma resposta ao tweet de Rowling sobre o caso Maya Forstater (figura 12), no qual o internauta “@ProfetaArgen” questiona “Então qual é a diferença entre você e Trump agora? Este é o maior tweet transfóbico”. Neste tweet, o internauta responde ao posicionamento de Rowling no caso de Forstater, comparando-a a Donald Trump, ex-presidente dos Estados Unidos, considerado pelas FDs progressistas como um opositor, por suas opiniões consideradas conservadoras ou até “fascistas” (o uso de uma outra significação nas redes que cabe um outro estudo). A comparação com Trump é uma desqualificação direcionada a Rowling, uma caracterização de sua personalidade como a de Trump, que no implícito, é condenável.

Na segunda linha do Tweet, ao dizer que este é o maior tweet transfóbico, podemos visualizar a presença da adjetivação “transfóbico”, realizada como uma forma de rotular o sujeito

para que assim, possa condená-lo. O uso do superlativo “ever” funciona como uma forma de indicar aquilo que aconteceu “de todos os tempos”, isto é, é o maior tweet transfóbico de todos os tempos, denotando uma certa “gravidade” nas palavras de Rowling, que detém um conteúdo que não deve ser dito.

Já no tweet a seguir, há uma discussão que acontece em resposta ao tweet de Rowling (figura 13), no qual a autora ironiza o não uso da palavra “mulher”, que é substituída por “mulheres que menstruam”.



Fonte: Twitter (2020).

No tweet, a internauta “@Aleen” diz “Eu sei que você acha isso porque te falaram várias e várias vezes, mas homens transgêneros podemos menstruar”, referindo-se ao fato de que J.K. Rowling desconhece o fator de diversidade que, a partir da consideração do gênero como um fator social, entende que não apenas mulheres possam menstruar. A internauta continua: “Pessoas não binárias menstruam. Eu, uma mulher de 37 anos de idade, com útero, não menstruo há uma década. Mulheres não são definidas por suas menstruações”, com isto, faz referência ao fato de que a menstruação é uma característica biológica relacionada ao sexo feminino, mas que esta consideração não pertence mais ao sexo (feminino), mas sim à identificação social do gênero, citando o gênero não binário e transgênero e que ela, uma mulher (socialmente e sexualmente), não menstrua há uma década.

Respondendo a este discurso, o internauta “@TheFrandalorian”, afirma que ninguém

disse que as mulheres são definidas por seus períodos menstruais, mas que estes são características biológicas femininas e que não importa se ela, a primeira internauta, tenha parado de menstruar, pois esta é uma característica feminina independente disto. Assim, a internauta finaliza o tweet dizendo que apagar a palavra “mulher” é um padrão que tem visto muito, mas que não consegue apoiar.

Neste jogo discursivo, conseguimos observar que a partir do posicionamento de J.K. Rowling, uma discussão que é dividida em duas FDs aparece, no qual o embate se dá por uma posição mais conservadora que acredita que não deve ser excluído o termo “mulher” em detrimento da utilização do termo “mulheres que menstruam”, que, implicitamente, tende a ser um termo mais “inclusivo”, pois exclui o termo mulher, que é fechado em uma característica sexual feminina e socialmente ligada ao ser mulher para a utilização de um termo que dá abertura para outras considerações de gêneros.

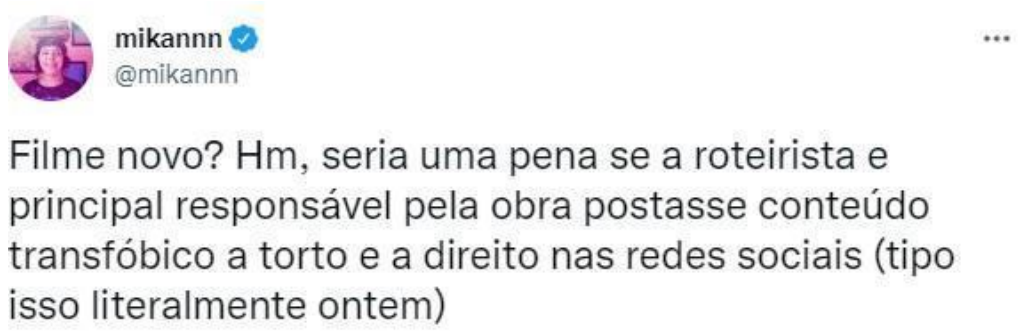
A consideração de que Rowling seja transfóbica, no exemplo supracitado, se dá na materialização linguística, pelo uso e não uso de determinados termos. O uso do termo “mulher”, não só indica uma posição conservadora, mas também aparece como um posicionamento antiprogressista, a partir do não dito de que este posicionamento não é uma forma aceita na contemporaneidade, haja vista a existência de outros gêneros. Assim, o embate se dá a respeito do uso e desuso de “mulher” e pelo uso de novos pronomes ou designações como “pessoas que menstruam”.

É possível visualizar que o posicionamento de Rowling em ironizar o apagamento da palavra “mulher” é visto como uma forma de desrespeito a uma identidade trans, que a partir de sua organização em comunidades, realiza uma exigência social para que haja uma transformação no discurso, pela escolha de palavras, organização sintática e semântica, bem como uma mudança linguística, propondo a utilização de neologismos para se referir a sujeitos, que não seja da forma “tradicional”, isto é, a utilização do termo “homem” ou “mulher”, que indicam a relação da identidade social com o sexo biológico.

O cancelamento de Rowling, portanto, não acontece em uma forma de resposta a uma declaração sumariamente condenada nas redes, mas sim por uma luta identitária na busca de espaço social de grupos trans e apoiadores. Não há um grande pronunciamento por parte da autora, realizando uma crítica categoricamente “transfóbica”, que condene pessoas trans e as desqualifique, mas sim um posicionamento conservador perante mudanças da utilização da língua, bem como a realização de um comentário sobre uma situação ocorrida pela demissão de uma funcionária por ter opiniões contrárias ao que socialmente tem sido exigido por parte

dos grupos que buscam espaço na sociedade, trazendo consequências para aqueles que tomam um posicionamento diferente, como no tweet abaixo:

Figura 19: Roteirista principal transfóbica.



Fonte: Twitter (2022).

No tweet da figura 19, o internauta “@mikannn” comenta sobre o lançamento do filme *Animais Fantásticos: Os segredos de Dumbledore*, que foi lançado no ano de 2022, já no processo de cancelamento de Rowling. Assim, o internauta comenta que a roteirista principal do filme (Rowling) postou conteúdo transfóbico nas redes sociais em período recente ao lançamento do filme. Neste exemplo, é possível perceber que o cancelamento objetiva uma punição social, tanto para com a biografia da pessoa cancelada, tanto com o seu trabalho ou situações correlatas, pois o cancelamento não se atém apenas a uma condenação virtual, mas a uma punição que seja virtual ou com implicações para as vidas particulares.

O filme que comentamos acima foi responsável por ter a pior bilheteria dos três filmes da saga *Animais Fantásticos*, no qual Rowling é criadora e roteirista, havendo um efeito de rumor de que o ato responsável pelo fracasso da produção seja um boicote realizado ao filme produzido e roteirizado por Rowling após a sua chancela nas redes sociais como uma pessoa transfóbica. Não é possível relacionar ou afirmar diretamente que o fracasso da produção nos cinemas deve-se ao boicote supostamente realizado pela comunidade trans e apoiadores, contudo é possível visualizar que este foi um dos objetivos após o cancelamento da autora e roteirista.

As pautas identitárias são pautas martirizadas socialmente, no que se refere às pautas da comunidade negra, há uma memória discursiva da escravidão e da marginalização proveniente do período pós escravidão ou colonização, como ocorreu no Brasil e no continente africano racismo, que é o objeto alvo do cancelamento, não se apresenta como um embate de opiniões, mas sim em um embate de identidades, que se relacionam com a existência dessas identidades.

No caso da transfobia, a memória discursiva se relaciona com a condenação social das pessoas que não se identificam tanto com uma orientação sexual hétero, quanto com um gênero posicionado entre mulheres e homens cisgêneros. Os mártires se relacionam não apenas como uma posição ideológica, como a torcida de um time de futebol ou ao apoio a um partido político, mas sim a um estilo, uma identidade de vida destes sujeitos.

Tendo essas características que se relacionam com a identidade dos sujeitos, as discussões e embates se tornam mais acalorados e o processo de linchamento virtual ganha a forma de punição, que comentamos no capítulo anterior, que se assemelha à forma de punição exposta por Michel Foucault (1975) na obra *Vigiar e Punir*. Na próxima análise, podemos visualizar mais uma vez essa forma de cancelamento no meio digital.

#### **4.5 O CANCELAMENTO DE DJAMILA RIBEIRO: A J.K. ROWLING BRASILEIRA**

O cancelamento da autora e filósofa brasileira Djamilia Ribeiro também ocorre nos mesmos moldes dos dois casos citados anteriormente. Amparado em uma manifestação de pautas identitárias, o cancelamento aparece em resposta à publicação de um artigo de Djamilia Ribeiro no jornal Folha de São Paulo, intitulado “Nós, mulheres, não somos apenas ‘pessoas que menstruam’”, realizando uma crítica sobre o uso do termo “mulheres que menstruam” substituindo o uso do termo “mulher”.

##### **Figura 20: Artigo de Ribeiro.**

Recentemente tenho visto publicações e posts em redes sociais que [utilizam a expressão "pessoas que menstruam"](#) para se referir a mulheres e homens trans. Também já vi coisas como "pessoa gestante", "pessoas com mamas" com o mesmo objetivo. Confesso que me senti profundamente incomodada, tanto como mulher quanto como teórica feminista. Como [mulher](#), me perturba o fato de sermos restringidas às nossas funções biológicas, como se não fôssemos seres humanos completos, seres sociais e sujeitos políticos.

Uma mulher não é uma pessoa que gesta, até porque existem mulheres que não podem ou não querem engravidar. Nesse caso, como vamos nos referir a elas? "Pessoas que não gestam?" Mulheres que [precisaram retirar as mamas por motivo de doença](#) ou qualquer outro serão chamadas de que forma? Isso remete ao sexismo biológico tão bem explicado por Simone de Beauvoir em "O Segundo Sexo". É interessante que a categoria homem segue intocável — não há publicações se referindo a eles como "pessoas que ejaculam", por exemplo.

Fonte: jornal Folha de São Paulo (2022).

No texto, Ribeiro argumenta que a incomoda o fato de mulheres serem apenas definidas como “pessoas que menstruam” em detrimento do uso de um novo termo para abarcar outras manifestações de gêneros. A crítica se dirige ao pensamento de que mulheres não podem ser definidas unicamente por suas funções biológicas, bem como critica o uso do termo “pessoa que gesta” para se referir a mulheres, denotando um incômodo com o apagamento da palavra e do uso de “mulher” para representar essa figura social.

É possível notar que são praticamente idênticas as condições de produção do discurso de Djamila Ribeiro e as de J.K. Rowling, bem como o cancelamento de ambas ocorre pelo mesmo objeto: a transfobia e a discussão sobre gênero. Também é possível observar que não há uma grande manifestação de Ribeiro no que se refere a tecer uma crítica às pessoas trans, como sugerir que não exista um gênero social ou que os indivíduos sejam definidos apenas pelo sexo biológico, contudo, o seu posicionamento, de forma contrária à consideração de uma comunidade (a comunidade trans) faz com que surjam críticas que não só cerceiam o debate, como procuram causar uma forma de desqualificar sua trajetória e biografia, sob a adjetivação de “transfóbica”.

Nos exemplos a seguir, conseguimos acompanhar, na rede social Twitter, os discursos que cancelam Djamila Ribeiro, bem como a comparam com a autora J.K. Rowling, cancelada pelo mesmo motivo. Vale ressaltar que Ribeiro é uma personalidade conhecida pelo público brasileiro e pertence ao público progressista, realizando produções que se enquadram nessa FD, assim como a publicação do livro *O que é lugar de fala?*, que traz esta visão epistêmica de que os sujeitos que vivenciam tais situações estão mais autorizadas a falar sobre os assuntos que vivenciam, assim, o próprio conceito popularizado por Ribeiro na sociedade brasileira é utilizado contra si, uma vez que a autora não tem lugar de fala para opinar sobre o que é ser trans, como veremos nos tweets a seguir:

Figura 21: Djamila transfóbica.



**chloe andrews** @chloeandrewsf · 1 de dez de 2022

Além de anti-comunista, a **djamila** ribeiro eh **transfobica**

Ate hoje nao entendo como escreveu o prefácio de um livro da angela davis

PODRE

Fonte: Twitter (2022).

No exemplo da figura 21, o sujeito (internauta) adiciona um motivo para a

descredibilizar Ribeiro, a respeito de sua posição política, “anti-comunista”, realizando menção de que sua posição é condenável, principalmente à esquerda. Pela adjetivação de “transfóbica” (*sic*), há uma cooperação neste discurso para demonstrar faces condenáveis de Djamila Ribeiro: não apoiar o comunismo e ser, segundo a internauta, transfóbica, ou seja, ser contra o indivíduo trans. Para finalizar, o sujeito pronuncia que até hoje não entende como Djamila escreveu o prefácio de um livro de Ângela Davis, grande referência nas FDs feministas de esquerda, por suas posições políticas e produção acadêmica. O cancelamento, portanto, não só evoca a inversão de autoridade, na qual Djamila Ribeiro é autorizada a falar sobre feminismo, mas também performa uma contra identificação com a FD progressista, assim, sua voz passa ser desconsiderada dentro dessa formação discursiva.

No exemplo da figura 22, o sujeito realiza uma comparação entre Ribeiro e J.K. Rowling, que fora cancelada pelo mesmo motivo, ou seja, se utiliza de um formato de cancelamento já realizado, que tem as mesmas considerações e motivações para adjetivar e comparar Ribeiro com uma figura, considerada dentro dessa FD, como condenável.

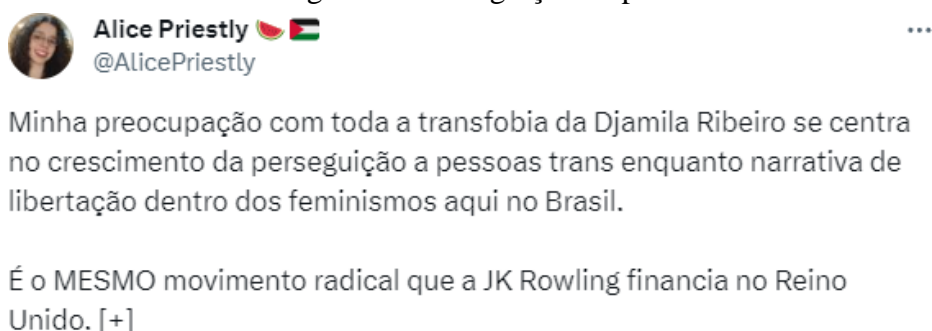
Figura 22: Ela é igual a J.K.



Fonte: Twitter (2022).

No exemplo da figura 23, o sujeito internauta diz estar preocupado com “toda a transfobia de Djamila Ribeiro” e utiliza este termo como se já estivesse cristalizado na história, tanto com relação a Rowling, quanto para com Ribeiro. É possível visualizar que o cancelamento acontece de forma instantânea, não há um debate entre os sujeitos, mas sim uma consideração automática, como se as posições ideológicas estivessem colocadas perante a sociedade. Desse modo, quem foge a estas posições se coloca em uma FD contrária pela sua contra identificação, mesmo que pertença à mesma FD progressista. O sujeito que resiste a alguma posição no interior dessa FD é excluído, adjetivado como uma espécie de inimigo, para que suas palavras não tenham mais sentido dentro dessa ordem do discurso.

Figura 23: Perseguição de pessoas trans.



Fonte: Twitter (2022).

Tanto no caso de cancelamento de Rowling, como no de Ribeiro, o comentário como forma de controle e exclusão do discurso aparece na forma de restrição do pensamento. Há a utilização de um conceito, o de Lugar de fala, para delimitar até onde a discussão sobre identidade irá, ela não pode ultrapassar a barreira do “quem vivencia, é quem pode falar”, assim a restrição do discurso se evidencia, levando a um processo de linchamento público e cancelamento.

Além disso, a proibição do discurso aparece como forma de exclusão do discurso social, tendo relação diretamente com os indivíduos. Não se pode dizer tudo em qualquer lugar a qualquer hora. Esta forma de exclusão adquire um funcionamento social, que proíbe os indivíduos de tomarem a palavra, bem como sua adjetivação, se compara como a forma de separação, pois pretende-se anular um outro discurso a partir de uma adjetivação de “louco”, que varia entre racista, transfóbica, entre outras.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve por objetivo refletir e analisar o fenômeno da cultura do cancelamento nas redes sociais, um fenômeno recente que carrega diversas questões e motivações envoltas em seus casos e materializações nas redes sociais, em especial, o Twitter (X em sua nomenclatura recente) e o Instagram, que são plataformas capazes de materializar as produções dos sujeitos na Web 2.0. Estas produções e as características destas redes sociais são o que possibilitam aos sujeitos do discurso produzirem e reproduzirem seus discursos em um espaço ampliado, bem como possibilitam, a partir de uma materialidade, a realização desta dissertação.

Partimos da ideia de que as redes sociais funcionam como um campo de acontecimento discursivo, no qual os sujeitos oficiais (estabilizados) reproduzem os seus discursos, bem como realizavam em tempos anteriores a este advento, mas que além disto, o sujeito ordinário (comum), emanou uma posição perante o debate público, na qual a sua voz passou a ser ouvida, principalmente em redes sociais de registro e microblog como o Instagram e o Twitter. A partir disto, os debates públicos passaram a ter um crivo da audiência, que se manifesta não apenas como comentadores, mas também como produtores de conteúdo e opiniões, função outrora desempenhada pela imprensa tradicional, por meio da veiculação de notícias e editoriais.

A partir do novo posicionamento do sujeito ordinário, o cenário discursivo se tornou mais amplo e heterogêneo, colocando em consideração perante os acontecimentos sociais, as opiniões emanadas do discurso digital, colocando assim, a própria produção ordinária como acontecimentos discursivos, registrando percepções históricas e atuais, bem como suas inscrições ideológicas materializadas nas formações discursivas, que geram embates constantes e com relação a muitos tópicos de discussões que aparecem nas redes sociais.

As plataformas de redes sociais aparecem como lugares estabilizados de produção discursiva, sendo gerenciadas por grandes empresas de tecnologia, que possuem algoritmos para a manutenção das produções e reproduções discursivas em suas plataformas. Os algoritmos aparecem como configurações tecnológicas que filtram o conteúdo que aparece para cada usuário, como tópicos mais comentados, publicações famosas, indicação de influenciadores digitais, notícias e polêmicas. Assim, este filtro é capaz de expor os usuários a situações de embate, nas quais os sujeitos dos discursos se inserem, com FDs heterogêneas, que são responsáveis, em última instância, pelo aparecimento destes embates.

A hipótese inicial desta pesquisa foi expandida a partir da consideração de que a *cultura do cancelamento* surge como uma forma de embate entre as formações discursivas por conta da ampliação das redes sociais e, além disso, as filiações ideológicas dos sujeitos envolvidos nestes embates. Foi possível verificar que, para que o cancelamento aconteça, é necessário que haja uma forte divisão entre os sujeitos no que se refere às opiniões enunciadas nas redes sociais, sendo assim, o cancelamento aparece como uma divisão violenta de opiniões que tentam realizar um apagamento da opinião, do enunciado diferente.

Tendo como referencial teórico a Análise do Discurso de linha francesa, obtivemos o discurso como um fenômeno social com sua materialização na língua, isto é, o efeito de sentido entre o ponto A e B (Pêcheux, 1969, p.82), a fim de entender que as manifestações discursivas entre os sujeitos no meio digital não aparecem de forma harmônica, mas sim na forma de uma luta pelos sentidos, no qual os discursos tentam captar uma verdade hegemônica.

No primeiro capítulo desta dissertação, expusemos a história da ADF, bem como as três fases que marcaram a evolução da disciplina e sua forma de conceber o discurso como um fenômeno social, como na primeira fase, em que o corpus era doutrinário e acreditava-se em uma máquina discursiva homogênea, que captava o discurso político como um discurso de regularidades, advindo de um partido ou de uma agremiação, na qual a inscrição ideológica é a mesma. Em sua segunda fase, foi possível verificar, a partir da concepção de formação discursiva, que os discursos são atravessados por outros, ou seja, a ideia de homogeneidade já não fazia sentido; assim como na terceira fase, as colocações discursivas no interdiscurso e a ideia de heterogeneidade constitutiva do discurso aparece como mais uma das características para realizar a abertura da disciplina para uma melhor compreensão sobre o discurso.

Com o objetivo de relacionar o referencial teórico ao nosso objeto, a cultura do cancelamento, percorremos uma grande revisão teórica não só da Análise do Discurso francesa, mas também da Análise Dialógica do discurso, adicionando os estudos do Círculo de Bakhtin, com a visão dialógica da linguagem, em que os enunciados são concretos e trazem consigo todo um contexto no qual está inserido, bem como a noção de que estes enunciados mantêm uma relação intrínseca de sua existência com outros, considerando-os para se constituírem.

Assim, nessa trajetória, no segundo capítulo dessa dissertação observamos o funcionamento do discurso em meio digital, materializado de forma instantânea nas redes pela inserção tecnológica na sociedade. Pudemos mostrar que o meio digital aparece como um espelhamento dos discursos produzidos fora dele, isto é, no mundo real, contudo, o ponto de

maior interesse nesta pesquisa, foi notar que o meio digital, na Web 2.0, não funciona apenas como um espaço limitado de produções enunciativas, mas como um espaço em que os usuários e sujeitos podem produzir conteúdo, assim, compartilhar suas ideias, entrar em contato com outros usuários e realizar diversas outras ações, colocando o espaço digital como um espaço em que é possível construir um corpo digital e, neste meio, construir um *ethos* discursivo independente de suas colocações exteriores ao digital.

Além da possibilidade de produção na web, o sujeito se vê posicionado em grandes plataformas de redes sociais que são gerenciadas por algoritmos que traduzem os interesses dessas empresas, isto é, interesses comerciais e, não necessariamente, um interesse de produção livre de conteúdo por parte dos usuários. Esta situação coloca os usuários frente a conteúdos, discussões, propagandas que são direcionadas a eles, justamente para que haja uma interação direcionada ao conteúdo. O sujeito no meio digital não é completamente livre, pois está sempre seguindo a linha algorítmica que lhe é direcionada.

Os embates de formações discursivas que aqui vemos, ocorrem em decorrência das posições algorítmicas, na qual os conteúdos são apresentados para os usuários, fazendo com que permaneçam sempre entre discussões e conteúdos que os façam produzir e reproduzir conteúdo dentro das redes. Deste modo, os embates respondem a tendências digitais, que não só se relacionam com posições cotidianas, mas que se confundem com a identidades destes sujeitos, isto é, suas pautas identitárias e lutas de vida, que aparecem na prática discursiva, transformando os embates no meio digital em posicionamentos éticos e moralistas.

A partir deste estado de coisas, o segundo capítulo desta dissertação denota o funcionamento do discurso no meio digital como um espaço emancipado para a produção discursiva, na qual podemos observar posicionamentos que apenas ocorrem neste espaço, pois seu objetivo é que os sujeitos sejam inseridos nos embates e tomem sempre um lado, diferente do exterior, o chamado “mundo real”, na qual estas situações também ocorrem, mas não com tanta frequência e não requerendo opiniões e posicionamentos dos sujeitos a todo momento. Isto ocorre na esfera digital, pois este é o seu único objetivo: que os sujeitos entrem no fio discursivo, sem outra possibilidade.

No terceiro capítulo, realizamos uma profunda reflexão sobre as formas de controle do discurso, a partir das obras de Michel Foucault (1970), Eni Orlandi (2012) e Han (2015), na qual foi possível observar que o discurso pertence a uma ordem que é controlada, e que nem todos os sujeitos são autorizados a tomar a palavra, havendo restrições de diferentes formas

para que a tomada da palavra seja feita. Além disto, a vigilância do discurso do outro é um ponto importante para entender a cultura do cancelamento. A esse respeito, recorreremos à obra “Vigiar e punir”, de Michel Foucault (1975), para mostrar que desde séculos anteriores, a vigilância dos indivíduos é realizada e as punições são construídas de acordo com isto.

No quarto capítulo, analisamos o corpus da cultura do cancelamento colhido nas redes sociais Twitter (atualmente X), Facebook e Instagram. Foi possível observar que de fato há a presença do enunciado digital ampliado, fazendo com que os sujeitos tenham contato com diversas manifestações enunciativas no meio digital, colocando-se sempre perante eles para adentrar no embate discursivo.

Notoriamente, os posicionamentos discursivos observados no corpus têm uma relação com as pautas identitárias que os sujeitos defendem, portanto, seus discursos não aparecem apenas como meras opiniões sobre diferentes casos que lhes são apresentados, senão opiniões que evocam suas identidades e ideologias. Foi possível analisar, desse modo, que o enunciado que cancela o outro não se apresenta apenas como opinião, mas sim como enunciação de suas vivências mais íntimas.

A cultura do cancelamento, seguindo, portanto, as práticas identitárias dos sujeitos, não se restringe a uma discussão, trata-se de um processo de identificação dos sujeitos, que buscam silenciar o discurso alheio, pois denotam um sentimento de ataque por parte do outro. É importante observar que este processo de cancelamento não ocorre apenas no nível das pautas identitárias ligadas à cultura *woke*, mas também ocorre em qualquer relacionamento dos sujeitos com suas posições ideológicas mais íntimas. No caso desta pesquisa, os acontecimentos se referem à cultura *woke*.

O objeto da pesquisa, a cultura do cancelamento, foi observado como um processo linguístico de adjetivação do outro, no intuito de desqualificá-lo. No nível do discurso, o cancelamento aparece como uma manifestação ideológica íntima dos sujeitos que tenta calar o discurso contrário, estabelecendo uma norma moral na sociedade, em que os sujeitos vigiam os demais. Em outras palavras, a vigilância e a punição estão estreitamente relacionadas no discurso, abrindo espaço para que este processo passe a ser uma questão de desempenho moral na sociedade. Os sujeitos não podem fugir à ordem moral, pois assim fazendo, estarão sujeitos ao cancelamento.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos do Estado*. 7. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- ARAÚJO, Júlio e LEFFA, Vilson (org.). *Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?* 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.
- BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Trad. Paulo Bezerra. Notas da edição russa: Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2020.
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 5 ed. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- BRANDÃO, Helena Hatshue Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. 3ª ed. rev. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.
- DIAS, Cristiane. A Análise do discurso digital: um campo de questões. *REDISCO*. Vitória da Conquista – BA, v. 10, n. 2, p. 8 – 20, 2016.
- DIAS, Cristiane. *Análise do discurso digital: sujeito, espaço, memória e arquivo*. Campinas: Pontes Editores, 2018. p. 1-202.
- FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. 2. ed., 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2020.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 2019.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Trad. Pedro Elói Duarte. 3. Ed. Lisboa: Edições 70, 2013.
- INDURSKY, Freda. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. In.: MITTMANN, Solange, GRIGOLETTO, Evandra, CAZARIN, Ercília Ana (Orgs.) *Práticas Discursivas e Identitárias: Sujeito e Língua*. Porto Alegre: Nova Prova Editora, 2008.
- INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina Leandro. *Memória e história na/da Análise do Discurso*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.
- LIMA, Vanuza dos Santos. *Discurso oficial e discurso ordinário: tecendo sentidos sobre o negro na rede social Facebook*. 2020. Dissertação (Mestrado Acadêmico) – Curso de Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2020. 137 p. Disponível em: <https://www.uems.br/cursos/subpagina/pos-graduacao?0=letras-academico-mestrado-campo-grande&1=Banco-de-Dissertacoes>. Acesso em 13/06/2023.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso e análise do discurso*. Trad. Sírio Possenti. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- MALDIDIER, Denise. (Orgs.). *A inquietude do discurso. Um trajeto na história da Análise do Discurso: o trabalho de Michel Pêcheux*. Paris: Éditions des Cendres, 1990.
- ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 3. ed. Campinas: Pontes,

2013.

PAVEAU, Marie-Anne. *Análise do discurso digital: dicionários de formas e práticas*. Júlia Lourenço Costa e Roberto Leiser Baronas (org). 1 ed. - Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In.: GADET, Françoise e HAK, Tony. (Orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. Bethania S. Mariani et al. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2010, p. 59- 86.

PÊCHEUX, Michel e FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In.: GADET, Françoise e HAK, Tony. (Orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. Bethania S. Mariani et al. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2010b, p. 159- 189.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi et al. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

PÊCHEUX, Michel. *Só há causa daquilo que falha – ou o inverno político francês*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi et al. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 3. ed. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 1990.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blinkstein. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.

SILVA, Iasmin dos Santos. *O feminismo e as hashtags: uma análise do funcionamento discursivo dos movimentos #MeToo e #MeuAmigoSecreto na rede social Twitter*. 2023. Dissertação (Mestrado Acadêmico) – Curso de Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2023. 137 p. Disponível em: <https://www.uems.br/cursos/subpagina/pos-graduacao?0=letras-academico-mestrado-campo-grande&1=Banco-de-Dissertacoes>. Acesso em 15/07/2023.

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método na ciência da linguagem*. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2018.